

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

KAREN SPENCER MOTA

“TRABALHAR PARA QUE?”
PERCEPÇÕES SOBRE TRABALHO ENTRE JOVENS DE DIFERENTES ESTRATOS
SOCIAIS

SÃO PAULO
2012

KAREN SPENCER MOTA

“TRABALHAR PARA QUE?”
PERCEPÇÕES SOBRE TRABALHO ENTRE JOVENS DE DIFERENTES ESTRATOS
SOCIAIS

Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas.

Linha de pesquisa:
Estudos Organizacionais

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Tonelli

SÃO PAULO
2012

Mota, Karen Spencer.

Trabalhar para que? Percepções sobre trabalho entre jovens de diferentes estratos sociais / Karen Spencer Mota - 2012.

163 p.

Orientadora: Maria José Tonelli

Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

1. Jovens - Emprego - Brasil. 2. Mercado de trabalho - Brasil. 3. Trabalho - Aspectos psicológicos. 4. Jovens - Percepção. 5. Classes sociais. 6. Sociedade de consumo. I. Tonelli, Maria José. II. Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. III. Título.

CDU 331.96

KAREN SPENCER MOTA

“TRABALHAR PARA QUE?”
PERCEPÇÕES SOBRE TRABALHO ENTRE JOVENS DE DIFERENTES ESTRATOS
SOCIAIS

Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas.

Linha de pesquisa:
Estudos Organizacionais

Data da aprovação:
19/junho/ 2012

Banca examinadora:

Profa. Dra. Maria José Tonelli
(Orientadora)
Fundação Getúlio Vargas

Prof. Dr. Sergio Bulgacov
Fundação Getúlio Vargas

Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me acompanhado neste importante momento de vida. Aos meus filhos Arthur e Bernardo por terem me escolhido para ser sua mãe e me mostrarem de uma forma linda o verdadeiro significado de se fazer as coisas por amor. Ao Leandro, por me incentivar e acreditar que era possível. A minha mãe e ao meu pai por sempre estarem ao meu lado compartilhando minhas conquistas. A minha vó Ursulina, *in memoriam*, por ter compartilhado com carinho e amor os momentos mais felizes de minha infância. À Profa. Maria José Tonelli, por sua paciência, conhecimento, dedicação e por ter me acompanhado nesta bonita trajetória acadêmica recheada de reflexões, indignações e esperanças.

RESUMO

O atual mundo do trabalho vem sofrendo transformações importantes nas últimas décadas. O cenário econômico em constante mudança, as inovações tecnológicas em alta velocidade e a forte competição global são fatores importantes que têm influenciado de forma decisiva os mercados, as empresas e o conceito de trabalho de forma geral. Neste contexto, é inegável a relevância que o trabalho exerce em nossas vidas, e a busca pelo entendimento de seus sentidos, significados e concepções vêm despertando o interesse dos estudiosos do campo dos estudos organizacionais há alguns anos. A produção científica brasileira também vem buscando conhecer, por meio de pesquisas empíricas e/ou teóricas, como o trabalho se organiza e se estabelece em nossas vidas. Nesta pesquisa, tem-se como objetivo conhecer como os jovens, que já nasceram neste contexto de mudança, percebem o trabalho em suas vidas. A partir de um estudo qualitativo, esta pesquisa, que incluiu entrevistas e desenhos com 92 jovens de diferentes estratos sociais, mostrou que existe uma homogeneidade de percepções sobre o trabalho. Em outras palavras, independente do estrato social ao qual pertencem, para a grande maioria destes jovens o trabalho é percebido exclusivamente como meio para se ganhar dinheiro e consumir, e não como um fim em si mesmo. Os discursos destes jovens reforçam a importância que o dinheiro exerce em suas vidas, sendo inclusive o grande protagonista na conquista da felicidade. Com base em uma perspectiva crítica de análise, argumenta-se que o trabalho não tem centralidade na vida destes jovens, e a centralidade que se estabelece no discurso dos participantes é sim o papel que o dinheiro exerce em nossa sociedade do consumo.

Palavras-chave: Trabalho. Jovem. Estratos Sociais. Sociedade do Consumo.

ABSTRAT

The current world of work is undergoing major transformations in recent decades. The changing of the economic scenario, the technological innovations in high speed and strong global competition are important factors that have influenced decisive markets, companies and the concept of work in general. In this context, the relevance that work plays in our lives is undeniable and the search for understanding its meanings and concepts have aroused the interest of scholars in the field of organizational studies for some years. The Brazilian scientific production has also been seeking understanding of, how work is organized and established in our lives through empirical research and / or theoretical study. In this research, we aim to learn how young people, who were already born in this changing environment, perceive the work in their lives. This research presents a qualitative analysis of interviews and drawings made with 92 young people from different social strata that showed that there is a homogeneity in the perceptions about work. In other words, for the vast majority of these youngsters work is perceived exclusively as a means to earn money and to consume and not as an end in itself, regardless of the social class they belong. The point of view of these young people emphasize the importance of the role money plays in their lives, including it being the main protagonist in the pursue of happiness. Based on a critical analysis, we believe that work is not a central point in the participants lives and that what is central in their discourse is the role that money plays in our consumer society.

Keywords: Work. Young. Social Class. Consumption Society.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estratificação Social no Brasil por Renda.....	53
Tabela 2 - Estratificação Social no Brasil por Estratos Ocupacionais	54
Tabela 3 - Distribuição da Produção sobre Sentidos/Significados do trabalho por fonte e ano	55
Tabela 4 - Distribuição da produção em subtemas	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Análise dos paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan	56
Gráfico 2 - Estudos acadêmicos jovens X trabalho	68
Gráfico 3 - Fontes de divulgação dos trabalhos sobre jovens X trabalho	68
Gráfico 4 - Paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Número de participantes versus grupos de análise	79
Quadro 2 – Características do Grupo 1.....	80
Quadro 3 – Características do Grupo 2.....	82
Quadro 4 – Características do Grupo 3.....	83
Quadro 5 - Categorias e subtemas	85
Quadro 6 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho para ter dinheiro e comprar coisas	89
Quadro 7 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho pela família	91
Quadro 8 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho para manter a cabeça ocupada	92
Quadro 9 – Exemplos de comentários: trabalho para apreender e crescer profissionalmente	93
Quadro 10 – Exemplo de comentários de entrevistado: Trabalho pelo reconhecimento.....	94
Quadro 11 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho é responsabilidade	95
Quadro 12 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho é pessoas	96
Quadro 13 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho é meta/foco/objetivo	97
Quadro 14 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho é cumprir o dever	98
Quadro 15 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho como ideias, inovação	99
Quadro 16 – Exemplos de comentários dos entrevistados: no trabalho valorizo o estudo	101
Quadro 17 – Exemplos de comentários dos entrevistados: no trabalho valorizo a qualidade de vida.	102
Quadro 18 – Exemplos de comentários dos entrevistados: se não está bom, troca.....	104
Quadro 19 – Exemplos de comentários dos entrevistados: o que esperar da organização	105
Quadro 20 – Exemplo de comentário de entrevistado: conectividade/mobilidade.....	105
Quadro 21 – Exemplos de comentários dos entrevistados: liderança	106
Quadro 22 – Exemplo de comentário de entrevistado: liberdade de expressão	107
Quadro 23 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Fazer o que gosta	108
Quadro 24 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho não é fácil.....	109
Quadro 25 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho é minha vida?.....	110
Quadro 26 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho é pessoa.....	111
Quadro 27 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho e felicidade.....	112
Quadro 28 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho como excelência.....	113
Quadro 29 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalhar para depois descansar.....	114
Quadro 30 – Exemplos de comentários dos entrevistados: dinheiro como independência	115
Quadro 31 – Exemplos de comentários dos entrevistados: dinheiro como independência do outro ...	116

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entrevistado 69	122
Figura 2 - Entrevistado 49	122
Figura 3 - Entrevistado 43	123
Figura 4 - Entrevistado 42	123
Figura 5- Entrevistado 64	124
Figura 6 - Entrevistado 37	124
Figura 7 - Entrevistado 33	125
Figura 8 - Entrevistado 53	125
Figura 9 - Entrevistado 52	126
Figura 10 - Entrevistado 63	126
Figura 11 - Entrevistado 60	127
Figura 12 - Entrevistado 1	127
Figura 13 - Entrevistado 4	128
Figura 14 - Entrevistado 13	128
Figura 15 - Entrevistado 15	129
Figura 16 - Entrevistado 19	129
Figura 17 - Entrevistado 20	130
Figura 18 - Entrevistado 21	130
Figura 19 - Entrevistado 22	131
Figura 20 - Entrevistado 24	131
Figura 21 - Entrevistado 9	132
Figura 22 - Entrevistado 7	132
Figura 23 - Entrevistado 4 e Entrevistado 10.	133
Figura 24 - Entrevistado 20	133
Figura 25 - Entrevistado 18	135
Figura 26 - Entrevistado 15	135
Figura 27 - Entrevistado 12	136
Figura 28 - Entrevistado 11	136

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TRABALHO E SOCIEDADE	14
2.1 A PERSPECTIVA MARKXISTA	15
2.2 A SOCIEDADE UNIDIMENSIONAL.....	24
2.3 A SOCIEDADE LÍQUIDA	32
2.3.1 O Conceito de Trabalho na Sociedade Líquida.....	38
2.4 A EMANCIPAÇÃO SEGUNDO AS DIFERENTES VISÕES.....	41
3 TRABALHO E SOCIEDADE BRASILEIRA	45
3.1 ANALISANDO AS CLASSES SOCIAIS NO BRASIL	48
3.1.1 Tabelas IBGE de Estratificação Social no Brasil	53
3.2 ESTUDOS ACADÊMICOS SOBRE O TRABALHO NO BRASIL NA ÁREA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS	54
4 TRABALHO E JUVENTUDE NO BRASIL	63
4.1 JUVENTUDE: UM CONCEITO SEM CONSENSO.....	63
4.2 ESTUDOS ACADÊMICOS SOBRE JUVENTUDE E TRABALHO NO BRASIL NA ÁREA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS.....	67
5 ABORDAGEM METODOLÓGICA	75
5.1 COLETA DE DADOS E DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS	78
5.2 ANÁLISE DOS DADOS	84
6 DESCRIÇÃO DOS CONTEÚDOS ANALISADOS	87
6.1 TRABALHAR PARA QUÊ?	87
6.1.1 Trabalho para ter dinheiro e comprar coisas	87
6.1.2 Trabalho pela família.....	89
6.1.3 Trabalho para manter a cabeça ocupada.....	91
6.1.4 Para aprender e crescer profissionalmente	92
6.1.5 Trabalho pelo reconhecimento	93
6.2 O QUE É TRABALHO?	94
6.2.1 Responsabilidade	94
6.2.2 Pessoas.....	95
6.2.3 Outros	96
6.3 O QUE VALORIZO NO TRABALHO?	99
6.3.1 Estudo	99
6.3.2 Qualidade de vida	102
6.3.3 Outros	103
6.4 O SUJEITO E O TRABALHO	107
6.4.1 Fazer o que gosta	107
6.4.2 Trabalho não é fácil	108
6.4.3 Trabalho é minha vida?	109
6.4.4 Trabalho e felicidade	111
6.4.5 Outros	112
6.5 TRABALHO E DINHEIRO.....	114
6.5.1 Dinheiro como independência.....	114
6.6 SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO TRABALHO.....	116

6.7 DESCRIÇÃO DOS DESENHOS.....	117
6.7.1 Trabalho para ter dinheiro e comprar coisas	118
6.7.2 Trabalho pela família.....	118
6.7.3 Conectividade/mobilidade	119
6.7.4 Estudo	119
6.7.5 Reconhecimento	119
6.7.6 Pessoas.....	119
6.7.7 Sentimentos	120
6.7.8 Ideias.....	120
6.7.9 Rotina de trabalho.....	120
6.7.10 Qualidade de vida	121
7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	137
7.1 ANÁLISE DOS DESENHOS	137
7.2 DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS	140
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154
OBRAS CONSULTADAS.....	159

1 INTRODUÇÃO

O cenário econômico em constante mudança, as inovações tecnológicas em alta velocidade e a forte competição global são fatores importantes que têm influenciado de forma decisiva os mercados, as empresas e o conceito de trabalho. Neste contexto, é inegável a relevância que o trabalho exerce em nossas vidas, e a busca pelo entendimento de seus sentidos, significados e concepções vêm despertando o interesse dos estudiosos do campo dos estudos organizacionais há alguns anos, principalmente pelas transformações importantes que o mundo do trabalho vem sofrendo nas últimas décadas.

A produção científica brasileira vem buscando conhecer, por meio de pesquisas empíricas e/ou teóricas, como o trabalho se organiza e se estabelece em nossas vidas. O levantamento dos trabalhos acadêmicos realizados sobre o tema, nos últimos dez anos, nos principais periódicos da área de administração mostra esta realidade. Percebe-se que estas pesquisas, na sua grande maioria, vêm buscando entender os sentidos e significados que o trabalho adquire na vida dos sujeitos. Observa-se também que estes trabalhos geralmente se estruturam buscando o entendimento a partir de diferentes categorias funcionais. Neste sentido, os resultados mostram poucas variações entre as categorias funcionais trazem o trabalho como portador de sentido, aquele que permite sua realização pessoal, crescimento e reconhecimento profissional, inserção social e retorno financeiro. Outro ponto relevante nesta análise é que, apesar das discussões teóricas e questionamentos sobre a centralidade e relevância do trabalho em nossas vidas, os estudos brasileiros analisados reforçam o papel central e constitutivo que o trabalho exerce em nossas trajetórias. A busca pelo conhecimento de como o trabalho se estrutura nos diferentes vínculos de trabalho é outro subtema que vem aumentando o interesse pelos pesquisadores da área. Contudo, grande parte destes estudos ainda são estritamente empíricos, com base epistemológica predominantemente funcionalista e acabam por retratar, de forma estanque, estes novos modelos de trabalho, sem uma reflexão mais aprofundada sobre os impactos sociais e subjetivos que acarretam as mudanças na relação entre organização e sujeito e na própria construção de identidade do trabalhador. Além dos pontos já mencionados, observa-se também que existe aqui uma oportunidade de pesquisa para buscar entender como o trabalho é percebido nos diferentes estratos sociais.

Bauman (2000) entende que o contexto atual do trabalho está inserido em uma realidade participante da líquida sociedade moderna. Segundo o autor, esta sociedade possui as características dos líquidos, ou seja, ela decreta o fim das estruturas rígidas e racionais, dando lugar a uma sociedade voltada ao consumo, à flexibilidade, ao individualismo, à mobilidade e a liquidez das relações, consequência da aceleração do ritmo de vida. Neste sentido, Bauman (2000) coloca que o trabalho foi arrancado de suas raízes metafísicas, perdendo a sua centralidade e valores dominantes, presentes na modernidade sólida e no capitalismo pesado.

Além de Bauman (2000), utiliza-se como base teórica para este trabalho outros autores críticos como Marx (1971, 1974) e Marcuse (1973). Segundo Kincheloe e Maclaren (2006) a teoria crítica é comumente associada com a escola Frankfurtiana que surgiu a mais de 70 anos atrás, na Alemanha. Seus pensadores mais expoentes foram Horkheimer, Adorno e Marcuse e suas teorias são inspiradas em Marx, Kant, Hegel e Weber. Estes autores escreveram, em um contexto de pós-primeira guerra mundial, ideias que marcaram suas indignações com a natureza do capitalismo, suas formas de injustiça e dominação mutante que se estabeleceu ao longo dos anos. Segundo os autores, uma teoria social crítica “... preocupa-se, particularmente, com as questões relacionadas ao poder e à justiça e com os modos pelos quais a economia, os assuntos que envolvem a raça, a classe e o gênero, as ideologias, os discursos, a educação, a religião e outras instituições sociais e dinâmicas culturais interagem para construir um sistema social” (KINCHELOE; MACLAREN, 2006, p.283). Para tanto, segundo estes autores, a teoria crítica utiliza os seus conceitos como forma de crítica social ou cultural e entende que o pensamento é fundamentalmente mediado pelas relações de poder, estabelecidas social e historicamente.

Por meio deste olhar crítico sobre a nossa sociedade questiona-se como o trabalho se articula nos diferentes contextos sociais, e de forma mais específica, como a percepção de trabalho é vista pelos jovens que estão construindo suas vidas profissionais já nesta complexa realidade. Quando se fala em jovem considera-se, para fins conceituais nesta pesquisa, a definição utilizada por Groppo (2000) que considera que a juventude é uma representação sócio-cultural e uma situação social, ou seja, não é possível analisá-la somente olhando a idade biológica dos indivíduos, isolando o contexto histórico-cultural destes sujeitos.

A partir deste entendimento, o objetivo deste estudo é conhecer como os jovens de diferentes estratos sociais percebem o trabalho. Estes jovens percebem o trabalho de forma similar? Ou não existem diferenças de percepções entre os grupos estudados? O trabalho é percebido como central na vida destes jovens?

Com finalidade de se buscar as respostas às questões levantadas acima, realizou-se esta pesquisa qualitativa com 92 jovens que trabalham em um grande grupo empresarial de mídia, no sul do país e em duas cooperativas de catadores de lixo da cidade de São Paulo. O estudo foi realizado através de entrevistas semiestruturadas e desenhos, elaborados pelos participantes sobre o tema *trabalho*.

Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo geral conhecer como os jovens de diferentes estratos sociais percebem o trabalho.

Neste contexto, acrescentamos como objetivos específicos as seguintes questões:

1. Identificar se existem diferenças entre a forma em que os jovens de diferentes estratos sociais percebem o trabalho;
2. Identificar se o trabalho é percebido como central na vida destes jovens; e
3. Avaliar se as representações dos desenhos sobre trabalho apontam para significados distintos dos apresentados nos discursos durante as entrevistas.

Após esta introdução ao tema, apresenta-se uma revisão teórica que abordará visões sobre o trabalho e sociedade em uma perspectiva crítica com ideias de Marx, Marcuse e Bauman, principalmente; faz-se uma análise conceitual sobre as classes sociais no Brasil e compartilham-se os estudos acadêmicos sobre trabalho na última década. A seguir, apresentam-se alguns conceitos de base sociológica e psicológica sobre juventude, bem como a análise dos trabalhos acadêmicos realizados no Brasil sobre juventude versus trabalho, divulgados nos últimos dez anos. Por fim, abordam-se algumas questões relevantes sobre a metodologia utilizada, apresentação e discussão dos resultados da pesquisa e posteriormente as principais considerações e conclusões deste estudo.

2 TRABALHO E SOCIEDADE

O objetivo deste capítulo é apresentar as diferentes visões de sociedade e trabalho em uma perspectiva crítica. Segundo Kincheloe e Maclaren (2006), é arriscado buscar definições homogêneas para a teoria crítica, mas os autores entendem que alguns pontos conceituais são comuns aos pesquisadores criticistas, como “[...] buscam utilizar seu trabalho como forma de crítica social ou cultural e que aceita certas suposições básicas: de que o pensamento é fundamentalmente mediado pelas relações de poder estabelecidas social e historicamente; de que os fatos nunca podem ser isolados do domínio de valores ou removidos de alguma forma de inscrição ideológica; de que a relação entre conceito e objeto e entre significante e significado nunca é estável ou fixa, sendo mediada pelas relações sociais da produção e do consumo capitalista; de que a linguagem é central para formação da subjetividade; de que em qualquer sociedade certos grupos são privilegiados em relação à outros...e a opressão que caracteriza as sociedades contemporâneas é reproduzida com mais força quando os subordinados aceitam como natural e inevitável; e que a opressão tem muitas faces...e as práticas dominantes da pesquisa geralmente estão implicadas na reprodução dos sistemas de opressão de classe, raça e gênero, ainda que, às vezes, involuntariamente” (KINCHELOE; MACLAREN, 2006, p.293).

Segundo os autores a teoria crítica busca entender e analisar o poder entre grupos e indivíduos concorrentes dentro de uma sociedade, ou seja, identificando quem é o ganhador e quem é o perdedor neste processo. Neste contexto, a teoria crítica entende que existem grupos privilegiados que buscam manter e fortalecer a situação atual para proteger suas vantagens neste sistema. O poder, neste sentido, não é visto somente como oriundo da dominação econômica, mas também é analisado sob a ótica dos eixos raciais, de gênero e sexuais. Vale ressaltar que as formas de buscar esta manutenção é, por muitas vezes, o foco da pesquisa crítica, segundo Kincheloe e Maclaren (2006). Conforme os autores, os teóricos críticos caminham para um consenso de entendimento de que o poder é um componente básico da vida humana e serve para ajustar a natureza opressiva e produtiva do ser humano. Contudo, este poder opressivo é a causa das desigualdades e do sofrimento das pessoas.

Outro ponto relevante na teoria crítica diz respeito à ideologia. Segundo Kincheloe e Maclaren (2006), “[...] a hegemonia ideológica envolve as formas culturais, os

significados, os rituais e as representações que produzem consentimento para o *status quo* e os lugares específicos dos indivíduos dentro deste” (KINCHELOE; MACLAREN, 2006, p.285). Neste sentido, os autores entendem que a ideologia vai muito além da propaganda como principal veículo de manipulação opressiva e argumentam, em concordância com as ideias de Thompson (2002), que os indivíduos não são vítimas passivas deste processo. A ideologia, neste contexto, é visto como algo muito mais sutil e profundo, influenciando de forma relevante nossa visão da realidade.

Outra perspectiva do poder, segundo Kincheloe e Maclaren (2006), trata-se da linguagem, ou mais especificamente, do papel que o discurso exerce na consolidação do poder. Segundo os autores, as práticas discursivas regulam o que pode e o que não pode ser dito, quem pode dizer e quem deve escutar e, principalmente, quais são os discursos sociais válidos e quais os que devem ser ignorados. Além da linguagem, os autores ressaltam a importância da cultura e da própria pedagogia cultural na consolidação do poder. Na percepção dos autores, as culturas dominantes e dominadas utilizam com eficácia sistemas de significados baseados em seu domínio cultural.

Após esta breve definição da perspectiva crítica procura-se, nas próximas sessões, compreender o trabalho na sociedade moderna principalmente sob o olhar de Marx, Marcuse e Bauman. E, em um segundo momento, abordar de forma sucinta como estas questões se articulam na sociedade brasileira. Para finalizar esta revisão teórica, compartilham-se algumas definições do conceito de juventude, bem como a análise dos estudos acadêmicos brasileiros desenvolvidos no período de 2000 a 2010 sobre o tema aqui proposto.

2.1 A PERSPECTIVA MARKXISTA

É inegável a relevância que o trabalho exerce em nossas vidas; consegue-se vivenciar e sentir o trabalho de uma forma muito concreta. Contudo, quando se busca entender sua conceituação teórica, depara-se com sua complexidade e subjetividade, principalmente porque as diversas abstrações sobre o trabalho estão atreladas ao momento histórico, econômico e social no qual os autores buscaram defini-lo.

Inicia-se, portanto, este desafio conceitual entendendo a definição marxista de trabalho para, posteriormente, compartilhar como este conceito é articulado por outros autores considerados também “críticos”.

Segundo Marx, “o trabalho é, em primeiro lugar, um processo de que participam igualmente o homem e a natureza, e no qual o homem espontaneamente inicia, regula e controla as relações materiais entre ele próprio e a natureza. Ele não apenas efetua uma mudança de forma no material com que trabalha, mas também concretiza uma finalidade dele próprio que fixa a lei de seu *modus operandi*, e à qual tem de subordinar a sua própria vontade”¹ (MARX, 1971, p. 198). Lukács (1978) reforça tal entendimento ao referir que o trabalho “tem uma dupla transformação. Por um lado, o próprio homem que trabalha é transformado pelo seu trabalho; ele atua sobre a natureza; desenvolve as potências nela ocultas e subordina as forças da natureza ao seu próprio poder. Por outro lado, os objetos e as forças da natureza são transformados em meios, em objetos de trabalho, em matérias-primas, etc. O homem que trabalha utiliza as propriedades mecânicas, físicas e químicas das coisas, com o propósito de fazê-las atuar como meios para poder exercer seu poder sobre outras coisas, de acordo com sua finalidade” (LUKÁCS, 1978. p 16).

Braverman (1987), reforçando o conceito trazido por Marx (1971), complementa o argumento ao referir que o homem não só transforma o material sobre o qual opera, como também imprime o seu desejo de realização neste ato, subordinando o ato a sua vontade. O trabalho, sob essa perspectiva, é a força que “criou a espécie humana” e a força pela qual a humanidade criou o mundo como o conhecemos, enfatiza o autor. Tem-se, então, que o trabalho pode ser compreendido, de forma genérica, como a capacidade de transformar a natureza para atender às necessidades humanas² (MARX, 1974). Lukács (1978) compartilha desta definição ao afirmar que somente o “carecimento material” pode gerar o movimento do trabalho; e todas as mediações existem ontologicamente apenas em função da sua satisfação.

¹ MARX, K. Manuscritos econômicos e filosóficos e outros textos escolhidos. Os Pensadores. São Paulo, SP: Abril, 1974. Importante destacar que Marx escreveu estes textos em 1844.

²MARX, K. O capital. Rio de Janeiro. RJ: Civilização Brasileira,1971. A primeira edição desta publicação foi em 1867.

Nesta perspectiva, Marx (1971) mostra a importância do trabalho na vida do indivíduo ao colocar que o homem só está vivo na medida em que é produtivo, onde sua autorealização só pode ser compreendida através da sua ligação com a concepção do trabalho.

O trabalho, para o autor, é a expressão humana de sua condição física e mental. É através dele, que o homem desenvolve a si próprio, tornando-se ele próprio. Codo e Vasques-Menezes (1999) complementam tais ideias ao entender que o trabalho fornece ao sujeito ir além de sua própria existência, é a chance de sua “perenização”; é através dele que o sujeito se immortaliza, que ele se torna histórico. Esta dialética constrói a chamada identidade social, que é o modo como o trabalhador constrói a si e se apresenta perante o outro. Para tanto, o indivíduo se autoproduz, desenvolve suas competências, sua criatividade, conhece as forças da natureza, suas forças, suas limitações e disciplina.

Neste contexto, o homem nunca é o mesmo, o trabalho modifica a forma de ele ver o mundo e a si próprio; é a própria possibilidade de transformação, de criação e de realização. O trabalho colocado neste patamar de importância “[...] não é só um meio para um fim, mas um fim em si mesmo, a expressão significativa da energia humana; por isto pode-se gostar do trabalho” (FROMM, 1961, p.48). Codo (1984), complementando esta análise, coloca que existe uma complexa relação entre sujeito e objeto, e esta dinâmica é mediada pelo significado.

Para o autor, quanto mais completo e complexo o circuito “sujeito versus trabalho” maior será o prazer no trabalho e conseqüentemente maior será a centralidade deste na vida do indivíduo. Antunes (2000) compartilha da visão de Codo (1984) ao reforçar e afirmar a centralidade do trabalho na vida dos indivíduos. O autor acredita na correlação direta entre sentido de vida fora e dentro do trabalho, ou seja, uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Para o autor, o trabalho é o primeiro momento de realização do indivíduo e é esta sensação que permite dar sentido a ele fora do trabalho. A busca de uma vida dotada de sentido a partir do trabalho permite explorar as conexões decisivas existentes entre trabalho e liberdade.

Contudo, Antunes (2000) entende que o papel central do trabalho ainda se encontra no que o autor chamou de trabalho produtivo, social e coletivo que criam valores de troca e gera a mais-valia. A partir de uma releitura da teoria marxista, Antunes (2002) afirma

que a troca do “trabalho vivo”, no modelo de trabalho concreto referido por Marx, pelo trabalho objetivado é o último desenvolvimento da relação de valor e da produção. Para o autor, a previsão de Marx de que teríamos a efetivação plena a partir da ruptura em relação a lógica do capital, nos mostra que enquanto tivermos o modo de produção capitalista, a eliminação do trabalho como fonte criadora de valor nunca perderá o seu posto. Segundo o autor, este trabalho poderá sim sofrer uma mudança no processo de trabalho, fruto das inovações tecnológicas e conseqüente qualificação e intelectualização do trabalho manual, mas não perderá sua importância e centralidade na vida de cada indivíduo.

Marx (1974) então nos insere o questionamento sobre a relação trabalho versus indivíduo, inicialmente dada como “natural” e de extrema significação; a partir da propriedade privada, esta relação é impactada por uma nova lógica que inaugura o conceito de alienação do trabalho. Segundo o autor, tivemos a separação entre o produto do trabalho e o próprio trabalho, entre as condições objetivas do trabalho e a força subjetiva do trabalho, e os meios de produção passam a não pertencer mais a este trabalhador, ou seja, ele deixa de trabalhar para si para trabalhar para os proprietários dos meios de produção. O autor complementa que “[...] de um lado, o processo de produção transforma continuamente a riqueza material em capital, em meio de expandir valor e em objetos de fruição do capitalista. Por outro lado, o trabalhador sai sempre do processo como nele entrou, fonte pessoal da riqueza, mas desprovido de todos os meios para realizá-la em seu proveito” (MARX, 1974, p.17). É neste contexto que se configura a alienação do trabalho. Esta alienação, segundo a teoria marxista, é conseqüência da exteriorização do trabalho; o trabalho não pertence mais ao trabalhador, mas sim a outra pessoa. O trabalho não faz mais parte da sua natureza e o indivíduo acaba por alienar-se a si próprio. Neste sentido, o trabalhador não consegue se realizar em seu trabalho e usufruir de um sentimento de bem-estar para com ele, passando a ser uma fonte de sofrimento. O trabalho não satisfaz suas necessidades como tal e torna-se apenas um meio para a satisfação de outras necessidades. Por este motivo, Gorz (1982) acredita que o trabalho vem reduzindo a centralidade que ocupa em nossas vidas, pois diante da incapacidade da classe proletária ter o controle dos meios de produção e quebrar a lógica capitalista, o trabalho acaba por perder a conotação central. Segundo este autor, o processo transforma-se então em um “espaço de relações estruturalmente despolitizadas”.

A divisão do trabalho, segundo Marx (1974), é a expressão econômica do caráter social do trabalho e da profunda alienação do indivíduo. O empobrecimento e a anulação na

essência humana da atividade laboral são originados pela divisão do trabalho. Sendo assim, para o autor, o trabalho neste contexto representa a expressão máxima da atividade humana no interior da alienação e a manifestação de uma vida alienada. O autor afirma que a troca e a divisão do trabalho se estruturam com base na propriedade privada e o trabalho acaba sendo a grande essência da propriedade privada. Marx (1974) considera, tanto a divisão do trabalho como a troca, a explicação do surgimento da produção e conseqüentemente da riqueza.

Além disto, Marx (1974) entende que a propriedade privada é a causa do trabalho alienado e tem uma importância máxima na estruturação da sociedade capitalista: “a propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e parciais que um objeto só é nosso quando o temos, quando ele existe para nós como capital, ou quando é diretamente comido, bebido, vestido, habitado, entre outros; em suma, utilizado de qualquer maneira. Apesar de a propriedade privada em si mesma só conceber essas várias formas de posse como meios de vida, a vida para a qual eles servem como meios é a vida da propriedade privada – o trabalho e a criação de capital. Assim, todos os sentidos físicos e intelectuais foram substituídos pela simples alienação de todos esses sentidos: o sentido do ter. O ser humano deveria se reduzir a essa pobreza absoluta a fim de ficar apto a deixar nascer toda a sua riqueza interior” (MARX, 1974, p.24). Segundo o autor “a essência subjetiva da propriedade privada como atividade em si, como *sujeito*, como *pessoa* é o trabalho” (MARX, 1974, p.9). Ainda segundo o autor, a superação da propriedade privada, como o grande domínio da vida humana, significaria a própria superação do processo alienatório do indivíduo, fornecendo a este homem a possibilidade de retornar ao modo de existência *humano*, ou seja, o social; este indivíduo teria, então, a emancipação total de todos os sentidos e qualidades humanas.

Antunes (2002), complementando esta visão de trabalho alienado trazida por Marx, coloca que a força de trabalho também se transformou em mercadoria, onde o objetivo é a produção de mais mercadorias. Além disto, segundo o autor, a conseqüência desta forma de trabalho, na sociedade capitalista, acaba por acarretar a desrealização do ser social. O processo produtivo é dominado pela fragmentação e isolamento capitalista, acabando por não realizar de forma efetiva a função de mediar a relação do homem com a natureza.

Para Antunes (2002), o processo de alienação vai além da relação do indivíduo com o seu trabalho; esta alienação "reifica" (coisifica) o homem e suas relações e, por fim, o reduz ao estado de um animal natural. Neste momento, o trabalho como atividade vital,

momento de identidade entre o indivíduo e o ser genérico, configura-se na objetivação do trabalho, onde as relações sociais estabelecidas entre os produtores assumem a forma de relação entre os produtos do trabalho. Sendo assim, a relação social entre os homens também se configura em uma relação entre coisas. A alienação do trabalho para o autor é a perda da identidade entre o indivíduo que trabalha e a sua condição de ser humano. Segundo Antunes (2002), as manifestações desta dissociação extrapolaram o espaço da produção e residem, de forma efetiva na esfera do consumo, na esfera da vida fora do trabalho, que submete o tempo livre do indivíduo aos valores do sistema produtor de mercadorias.

Sob esta perspectiva, “o ser social que trabalha deve somente ter o necessário para viver, mas deve ser constantemente induzido a querer viver para ter, ou sonhar, com novos produtos. Paralelamente a essa indução para o consumo, opera-se, em verdade, uma enorme redução das necessidades, na medida em que a forma de expressão mais significativa do empobrecimento das necessidades é sua redução e homogeneização” (ANTUNES, 2002, p.100).

Neste momento, é preciso que se questione: como é possível romper com esta alienação? Para Marx (1974) o homem só pode se considerar autônomo quando for **senhor** de si mesmo e, segundo o autor, isto só é possível quando ele for o protagonista do seu modo de existência. Contudo, o autor entende que se vive totalmente por vontade do outro e a manutenção de vida também se estrutura graças ao outro.

Neste sentido, Marx (1974) reconhece que esta autonomia pura da natureza e do homem é incompreensível, porque vai de encontro à concretude da vida prática dos seres humanos. Esta dependência, segundo o autor, é estimulada pelo próprio indivíduo, onde cada um busca formas de criar, no outro, uma nova necessidade para levá-lo à dependência, desviando-o de outras formas de prazer e levando-o à *ruína* econômica. Neste contexto, cada indivíduo busca criar um poder essencial sobre o outro para encontrar sua satisfação egoísta, onde “cada produto é uma isca com a qual se quer atrair o ser dos outros, seu dinheiro; toda necessidade real, ou possível, é uma fraqueza que arrastará as moscas ao melado – exploração universal da essência coletiva do homem [...] e dizer-lhe: querido amigo, dou-te o que necessitas, mas já conheces a condição *sine qua non*, já sabes com que tinta tens que assinar o compromisso que te liga a mim; engano-te enquanto te proporciono gozo” (MARX, 1974, p.23).

Segundo Fromm (1961), Marx defendia a vitória contra a pobreza e era contra a adoção do consumo como finalidade absoluta. O principal objetivo do socialismo para Marx era a identificação e efetivação das necessidades verdadeiras do homem que só seria possível quando a produção servisse ao homem e o capital terminasse de criar e explorar as falsas necessidades do homem. Porém, Marx admite que, sem consumo, não haveria produção e que através da competição, “a produção torna-se sempre mais luxuosa e universal, é o uso que determina o valor das coisas e o uso é determinado pela moda” (MARX, 1974, p.24).

O autor acrescenta que a meta da sociedade não é produção de coisas úteis, pois “a produção de demasiadas coisas úteis produz demasiada população inútil” (MARX, 1974, p.25). Segundo o autor, surge no lugar onde reina a riqueza e a miséria da economia política, o homem rico e a farta necessidade humana. “O homem rico é, ao mesmo tempo, o homem carente de uma totalidade de exteriorização de vida humana, o homem no qual sua própria efetivação existe como necessidade interna como carência” (MARX, 1974, p.20). O autor entende que é através do crescimento da massa de objetos oferecidos, que cada novo produto representa a potência de mais um engano. Neste momento, o homem torna-se cada vez mais pobre enquanto homem, porque precisa do dinheiro para se apossar do outro e, além disto, o poder deste dinheiro vai reduzindo enquanto aumenta a produção.

O autor então reforça a lógica de seu argumento ao exemplificar o papel que o dinheiro exerce em nossas vidas: “[...] se não tenho dinheiro para viajar, não tenho nenhuma necessidade real e autorealizável – de viajar.” (MARX, 1974, p.37). Para o autor, o dinheiro é o meio e o poder externo e universal para mudar a representação em realidade e a realidade em mera representação; é uma força desagregadora para o indivíduo e para as relações sociais. Ainda segundo o autor, o dinheiro conseguiria confundir e transpor as coisas, onde a infidelidade viraria fidelidade, amor em ódio, ódio em amor e assim por diante. Marx (1974) entende que o dinheiro impacta na essência do ser humano ou na construção da consciência do seu eu, “[...] aquilo que mediante o dinheiro é para mim, o que posso pagar, isto é o que o dinheiro pode comprar, isso sou eu, o possuidor do próprio dinheiro. Minha força é tão grande como a força do dinheiro. As qualidades do dinheiro - qualidades e forças essenciais - são minhas, de seu possuidor. O que eu sou ou o que eu posso não são determinados por minha individualidade” (MARX, 1974, p.36). O autor ao refletir sobre o impacto avassalador do dinheiro na vida humana entende que ele liga os homens e coordena as relações e, por fim, o autor ainda questiona se o dinheiro não seria o laço de todos os laços. Ao aprofundar este

entendimento filosófico, o autor afirma que o dinheiro transforma desejos, que antes eram meras representações, em vida do ser representado ao ser efetivo, ou seja, ao realizar esta mudança torna-se a verdadeira força criadora.

Para Marx (1974), a necessidade cresce na medida em que o dinheiro aumenta, temos então que a necessidade do dinheiro é a verdadeira necessidade produzida pela economia política e, de fato, é a única necessidade que ela produz. Segundo o autor, o aumento do dinheiro torna-se para o homem a única propriedade de poder, reduzindo o seu ser a um ser quantitativo. Neste contexto, o indivíduo se torna cada vez mais longe de sua essência, quanto mais exterioriza sua vida, quanto mais adquire bens, torna-se cada vez mais usuário de uma vida alienada, acumulando sua essência alienada. Para o autor, o dinheiro pode tudo, mas o dinheiro não pode criar este indivíduo nem comprar ele mesmo. Segundo Marx (1974), o dinheiro se estabelece como um meio, como o verdadeiro poder em seu único fim. O dinheiro possui a propriedade de comprar objetos e torna-se o objeto por excelência, e esta qualidade universal gera a grande onipotência de sua essência, diz ainda o autor.

Temos que o dinheiro é o que facilita o exercício do consumo e para Marx (1974) o consumo é o grande criador da produção; ele é responsável por gerar a necessidade e o impulso, tornando-se um fim em si mesmo. Segundo o autor, o consumo cria objetos de uma forma um tanto subjetiva, pois sem a necessidade não há produção e o consumo reproduz a necessidade.

Souza (2010) também entende que a noção de bem-estar está ligada à aquisição material e este processo é a principal justificativa moral do capitalismo. O autor lembra esta associação quando se relaciona o PIB de uma nação ao bem-estar das pessoas que ali habitam; a “nação” passa a ser percebida em termos de uma empresa capitalista. Para o autor “esse espírito - conjunto de ideias e valores que permite conferir *sentido* a uma atividade econômica vivida como processo abstrato de acumulação indefinida - é tão mais eficiente quanto mais inarticulada e implícita for sua mensagem *moral*” (SOUZA, 2010, p.29).

Souza (2010) faz referência ao início deste processo ao lembrar o legado de Henry Ford. Segundo o autor, Ford teve o claro entendimento das consequências da produção em massa, que necessariamente implicaria no consumo de massa, que só a classe trabalhadora e bem remunerada poderia colocar em prática tal realidade. Neste contexto, Ford descobre uma

nova estética, uma nova psicologia e um novo estilo de vida em todas as dimensões. Para Souza (2010) o fordismo como “espírito” do capitalismo representou a expansão do mito americano de progresso e felicidade individual.

Segundo o autor, a partir da década de 1950 o poder das corporações, embasado na tecnologia e no marketing conduziram a chegada da economia de escala e o aumento dos lucros através da padronização de produtos estandardizados. A partir de 1980, segundo Souza (2010), o capitalismo possui duas frentes relacionadas: buscar um retorno das altas taxas de lucro, através da transformação do processo de acumulação de capital e legitimar o processo de mudança e da liberdade individual. Para o autor o maior desafio foi buscar uma redefinição das relações entre trabalho e capital, após este período. Neste contexto, o toyotismo ocidentalizado permitiu o corte de gastos com controle e vigilância, possibilitando ganhos de produtividade graças ao “patriotismo de fábrica” que se configurou em submeter os trabalhadores aos objetivos da empresa, “[...] favorecendo a auto-organização dos trabalhadores através de redes de fluxo interconectados e descentralizados” (SOUZA, 2010, p.37). Neste modelo, ainda segundo o autor, o “olho” do capital se insere em todos os lugares e dentro dos próprios trabalhadores.

A evolução deste processo, para o autor, se estabelece no trabalho flexível onde as empresas buscam trabalhadores sem identidade de classe e sem um vínculo maior de pertencimento à sociedade para que consigam ver na empresa o lugar de produção de identidade, de autoestima e de pertencimento. Segundo Souza (2010) o novo espírito deste capitalismo que se configura a partir dos anos de 1990 é uma “caricatura perfeita do sonho iluminista”, onde a gestão se apropria dos termos da acumulação do capital como criatividade, inovação, ousadia, entre outros e esta semântica se estabelece, como a verdadeira antropofagia do capitalismo.

Estes argumentos fazem referência às técnicas de sustentação do capitalismo, segundo Souza (2010). O autor entende que o capitalismo envolve a ideia abstrata de uma acumulação ilimitada de capital simplesmente como um fim em si mesmo. Contudo, este fim é irracional porque o dinheiro é apenas um meio de satisfazer desejos e necessidades humanas e, portanto, não se configura como um fim em si mesmo. O autor entende que o capitalismo se mantém e se legitima por conta de seu “espírito”, que se estabelece como algo natural, intrínseco à economia e seu funcionamento; que busca justificar o processo de acumulação de

capital. Souza (2010) exemplifica ao dizer que se pode obrigar as pessoas a irem trabalhar se houver controle e vigilância; pode-se obrigar a trabalhar porque necessitam do salário para comprar comida mas, ainda sim, seria pouco. O que acontece é a reprodução da ideia de que as pessoas devem acreditar no que fazem e ainda buscarem fazer o melhor naquilo que realizam, segundo a percepção do autor. O sucesso e a perpetuação do capitalismo, segundo Souza (2010), não podem ser entendidos sem o trabalho de legitimação prévio e a busca do engajamento individual com o sistema, ou seja, sem a dominação simbólica que se estabelece nesta relação.

2.2 A SOCIEDADE UNIDIMENSIONAL

Observa-se que Marx (1974) deposita na propriedade privada a principal causa do processo de alienação do indivíduo, inaugurando a base de sustentação da sociedade capitalista. Marx entendia que a sociedade, em seu contexto histórico, desfrutava da dicotomia das classes proletárias e burguesas, e estas forças contrárias libertadoras se desenvolveriam no seio da sociedade, instaurando a revolução do proletariado. Numa perspectiva diferente da marxista ortodoxa, surge Marcuse (1973) que ingressa no mundo dos pensadores sociais, rompendo com esta lógica e, porque não dizer com a esperança de revolução, ao anunciar o entendimento da Sociedade Unidimensional. A teoria marxista clássica, segundo o autor, entende a transição do capitalismo para o socialismo como uma revolução política, onde a classe proletária termina como a estrutura política do capitalismo, mas mantém a estrutura tecnológica que a sociedade criou. Posteriormente a racionalidade tecnológica, livre de restrições e irracionalidades se fixaria e instauraria a nova sociedade.

Contudo, segundo Marcuse (1973), o avanço tecnológico acarretou todo um sistema de dominação, criando formas de vida e de poder que apaziguam forças que se opõem ao sistema e que rejeitam todo o protesto em nome das perspectivas históricas de liberdade de “labuta” e de dominação. Neste contexto, a sociedade industrial contemporânea tende a ser uma sociedade totalitária, porque se presencia a conciliação na consciência e na ação política das principais classes sociais que um dia se defrontaram: burguesia e proletariado.

O autor nomeia a sociedade industrial como uma Sociedade Unidimensional que tem como base duas hipóteses contraditórias: 1) a sociedade industrial é capaz de sustentar a

transformação qualitativa no futuro; e 2) existem forças e tendências que podem desestruturar esta contenção e explodir o sistema social. Contudo, Marcuse (1973) reforça que, na medida em que o padrão de vida cresce, o não conformismo com o próprio sistema parece socialmente inútil, ameaçando o funcionamento *suave* do todo. Para o autor, a mais eficaz forma de contrapor as resistências ao sistema “é a implantação de necessidades materiais e intelectuais que perpetuam formas obsoletas da luta pela existência” (MARCUSE, 1973, p.26). O progresso técnico, segundo o autor, é o instrumento que trabalha para a submissão do homem ao aparato produtivo, que é mantida sob a forma de muitas “liberdades” e comodidades. A sedução deste processo se estrutura a partir da profundidade do pré-condicionamento que molda os impulsos e aspirações básicas do homem, acabando por obscurecer a diferença entre uma falsa e verdadeira consciência. Para o autor, “a sociedade se reproduz num crescente conjunto técnico, de coisas e relações que inclui a utilização técnica do homem, em outras palavras, a luta pela existência e a exploração do homem e da natureza se tornaram cada vez mais científica e racional” (MARCUSE, 1973, p.144).

Segundo Marcuse (1973), o mundo tende a se tornar cada vez mais “administrável”, engolindo até os administradores, onde a teia da dominação torna-se a teia da própria razão que a sociedade está emaranhada. A sociedade é o todo que articula o seu poder independente sobre os indivíduos de forma claramente identificável no sistema institucional, reflexo das relações entre os homens, segundo o autor. Contudo, a abstração desta sociedade mascara estas relações, falsificando esta dimensão e fazendo com que não se identifique e se conflitem, mantendo, então, sua exatidão e racionalidade.

Marcuse (1973), da mesma forma que Marx, buscou diferenciar a base das necessidades individuais, nomeando-as como necessidades *verídicas* ou *falsas*. As necessidades *falsas* são aquelas impostas aos indivíduos por interesses sociais particulares; são necessidades que mantêm a agressividade, a miséria e a injustiça. O sentimento que permeia a satisfação destas necessidades é a euforia na infelicidade. O autor coloca que o indivíduo não tem controle sob estas necessidades e as exemplifica ao dizer que consumir de acordo com o que é esperado pela propaganda, ou mesmo amar e odiar o que os outros amam ou odeiam pertence a esta categoria de necessidades. Por outro lado, as necessidades *verídicas* ou *vitais* como o alimento, roupa, lugar para morar e cultura são indiscutíveis de sua satisfação, sendo requisito básico para se buscar a realização de qualquer outra necessidade.

Contudo, Marcuse (1973) contextualiza ao colocar que o julgamento da necessidade e a sua satisfação exigem um padrão de priorização. Estes padrões são complexos e, em última instância, a conclusão referente às necessidades, se será falsa ou verdadeira, só poderá ser respondida pelos próprios indivíduos. Neste sentido, segundo o autor, para os indivíduos terem esta conclusão é necessário que estejam livres para dar sua própria resposta. Surge, portanto, neste momento, um questionamento de extrema relevância na teoria de Marcuse, ou seja, o quanto estamos “livres” para dar nosso veredicto? O autor entende que, enquanto os indivíduos não forem autônomos, e continuarem a ser manipulados e doutrinados, esta resposta nunca será efetivamente deles mesmos. E complementa: “toda libertação depende da consciência de servidão e o surgimento dessa consciência é sempre impedido pela predominância de necessidades e satisfações que se tornaram, em grande proporção, do próprio indivíduo” (MARCUSE, 1973, p.28).

Marcuse (1973) coloca que o processo de controle e dominação permeia todas as classes sociais, utilizando meios eficazes para a efetivação desta realidade. Por exemplo, a equiparação de diferentes classes sociais exerce uma clara função ideológica, onde “o trabalhador e seu patrão assistem ao mesmo programa de televisão; e, se todos lêem o mesmo jornal não indica o desaparecimento das classes, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem à preservação do Estabelecimento são compartilhadas pela população subjacente” (MARCUSE, 1973, p.29). O processo de dominação, segundo o autor, está relacionado à transposição das necessidades sociais para individuais e este processo se articula em todos os níveis sociais e se mostra tão eficaz que a diferença entre elas parece apenas teórica. Souza (2010) entende que ao olhar o mundo através desta “tinta cor de rosa” da igualdade social, naturaliza-se a sociedade real, estruturando uma violência simbólica que fornece condições para sua eterna reprodução.

Os meios de comunicação em massa servem, segundo Marcuse (1973), como instrumentos poderosos para esta manipulação e doutrinação. Em contraposição ao autor, Thompson (2002) relativiza o papel da comunicação de massa ao entender que a mídia também proporciona ao indivíduo o acesso às informações, permitindo que, através da sua capacidade reflexiva, consiga processar novos conteúdos na esfera pública. Para Thompson (2002), a mídia exerce um importante papel facilitador da sociedade moderna; a mídia criou novas formas de ação e interação social, de relacionamento entre as pessoas e entre o próprio

indivíduo. Contudo, o autor reconhece que a mídia também trouxe a inclusão de novas formas de exercitar o poder.

O poder exercido através da mídia, segundo Thompson (2002), é um poder simbólico onde ela se envolve ativamente na construção do mundo social (modela, influencia e até cria acontecimentos que poderiam nem ter existido). Contudo, o autor complementa esta visão ao argumentar que a mídia não é a única fonte formadora do indivíduo, discordando do fato de que sejamos totalmente manipulados pelos programas permeados de valores consumistas. Para Thompson (2002), ao se olhar a situação apenas sob esta perspectiva estar-se-ia infantilizando, deixando de relativizar e, principalmente, tirando a autonomia e poder reflexivo dos indivíduos. Além disto, o autor também pontua o cuidado que se precisa ter quando se usa a expressão comunicação de “massa”, que faz referência à indivíduos desprovidos de uma força reflexiva e completamente passivos diante do processo. O autor complementa ao colocar que a relação indivíduo-mídia não é uma relação totalmente desigual porque a recepção de conteúdos por parte do indivíduo passa por um processo hermenêutico, onde o indivíduo, através de influências pessoais e sociais, interpreta o que vê e lhe fornece um sentido.

Não obstante, na sociedade unidimensional de Marcuse (1973) a autonomia para fornecer o sentido individual está comprometida. Neste contexto, Souza (2010) concorda com Marcuse (1973) ao dizer que a comunicação de massa envolve um fluxo de informações de mão única, limitando de forma significativa as respostas de quem a assiste. A limitação da comunicação de massa seria para o autor a quebra da “[...] esfera pública num conjunto fragmentado de consumidores passivos de imagens manipuladas por técnicas, sobretudo no que se refere àqueles que não têm instrução para se distanciar das sensações audiovisuais e avaliar quem, como e por que se produziu a informação” (SOUZA, 2010, p.250). Posteriormente, o autor relativiza e se aproxima dos argumentos de Thompson (20002), ao dizer que as mensagens recebidas pela mídia são sujeitas a uma “elaboração discursiva”, ou seja, um processo de interpretação que irá depender dos recursos existentes em cada um, sua experiência de vida.

Segundo Marcuse (1973), a sociedade unidimensional desenvolvida tem a capacidade de disseminar comodidades para transformar o resíduo em necessidade, construindo no mundo objetivo o prolongamento do corpo e mente humana. A sociedade

unidimensional reside na redução e, porque não dizer, na quase extinção do espaço privado. Os processos de introjeção passam a ser reações quase mecânicas e o resultado não é a adaptação, mas sim *a mimese* que, segundo o autor, trata-se de uma identificação imediata do indivíduo com a sua sociedade e, através dela, com a sociedade em seu todo. Este processo acarreta o embotamento do reconhecimento individual da repressão. Os indivíduos se reconhecem nas *coisas* que envolvem suas vidas e este processo de incorporação não se estabelece através de uma ditadura, mas sim, por meio da aceitação “natural” das coisas e da lei da sociedade.

Neste sentido, na medida em que os indivíduos se identificam com a existência que lhe é imposta e tem nela sua satisfação, esta identificação não é uma ilusão, mas uma realidade. E o conceito de alienação trazido por Marx (1974) parece questionável neste contexto. Marcuse (1973) entende que o sujeito alienado é engolido por sua existência alienada, sobrando apenas uma dimensão que está em toda parte e tem todas as formas. Este argumento remonta à base conceitual da sociedade unidimensional a que o autor se referiu, ou seja, uma sociedade sem oposição, onde os sujeitos são meros reflexos socialmente condicionados.. Esta absorção da “ideologia” pela realidade não significa o fim da ideologia, mas sim que a ideologia industrial avançada está impregnada no próprio processo de produção. Ainda segundo Marcuse (1973), a teoria racional e o *behaviorismo* acadêmico e social estão do mesmo lado; com a missão de transformar o progresso científico e técnico em instrumento de dominação.

A ideologia está presente no próprio processo de produção desta sociedade, onde as mercadorias e os serviços que ela produz “vendem” o sistema social como um todo. Para o autor, os produtos acabam por manipular e doutrinar, promovendo uma falsa consciência protegida por sua falsidade. Para Marcuse (1973), o que temos são pessoas que só se reconhecem em suas mercadorias, “encontram a sua alma em seu automóvel, na casa, nos utensílios de cozinha” (MARCUSE, 1973, p.29). Estes produtos ficam à disposição de todas as classes sociais e deixa de ser publicidade para tornar-se um estilo de vida. Tem-se então o surgimento de um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais “no qual as ideias, as aspirações e os objetivos que, por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação, são repelidos ou reduzidos a termos desse universo. São redefinidos pela racionalidade do sistema e de sua extensão quantitativa” (MARCUSE, 1973, p.32). Para o

autor, nas áreas super desenvolvidas de consumo em massa a vida é administrada, tornando-se a boa vida compartilhada entre todos e saindo na defesa de que os opostos estão unidos.

Neste contexto, o autor entende que a produtividade do trabalho deveria ser usada para perpetuação do trabalho, e uma industrialização eficiente deveria servir à restrição e manipulação das necessidades, o que possibilitaria a liberdade e uma maior consciência de escolha. Entretanto, Marcuse (1973) coloca que o importante papel da tecnologia nesta sociedade está muito distante deste objetivo. A sociedade industrial exerce uma *racionalidade tecnológica*, onde usa suas ciências e tecnologias para dominar o homem e a natureza, criando novas dimensões de realização humana, de acordo com o autor. O aparato tecnológico é um aparato político, considerando-se que a transformação da natureza compreende a do homem e que as “criações” destes indivíduos partem de um social e retornam à sociedade.

Marcuse (1973) pontua que esta tecnologia trouxe mudanças importantes para a classe trabalhadora de Marx (1971). A conseqüente mecanização dos processos fabris reduziu a quantidade e a intensidade de energia física despendida no trabalho, instaurando outro tipo de servidão. Esta tendência estabeleceu a diminuição da mão de obra operária e consolidou alterações importantes no caráter do trabalho e nos instrumentos de produção. Segundo o autor, este processo modificou a atitude e a consciência do trabalhador, tornando-o parte social e cultural desta nova sociedade capitalista, assimilando necessidades e buscando o crescimento em seus padrões de vida. Marcuse (1973) entende que a tecnologia substituiu o cansaço físico pela tensão e esforço mental. O proletário nos períodos anteriores do capitalismo era um *animal de carga* e hoje se tornou um trabalhador da sociedade tecnológica, pertencente à comunidade da tecnologia em uma população administrada. Neste contexto, o novo mundo do trabalho tecnológico coloca um enfraquecimento da resistência da classe trabalhadora, idealizada por Marx (1971), onde esta acaba por não oferecer contradição para a sociedade a qual pertence. “A dominação se transforma em administração [...] esta é a forma pura de servidão” (MARCUSE, 1973, p.49).

Para Marcuse (1973) as formas de controle social são essencialmente tecnológicas, em um “novo sentido”, porque a estrutura e as técnicas de produção formaram um importante meio de subjugar a população à divisão social do trabalho estabelecida no período moderno. Contudo, no período que o autor chama de contemporâneo, os controles tecnológicos são a própria personificação da razão para o sucesso de todos os grupos e

interesses sociais, onde qualquer contradição parece irracional e toda ação é dada como impossível. Segundo Marcuse (1973), a força desta racionalidade aparece na escravidão progressiva do homem pela estrutura produtiva que mantém a luta pela sobrevivência, destruindo a vida daqueles que a construíram. Isto acontece, segundo o autor, porque a forma em que o trabalho social foi organizado pelo homem se constituiu de forma equivocada. O fato de a racionalidade tecnológica ter um forte caráter político, ao tornar-se o maior veículo de dominação, constrói-se um totalitarismo universal “[...] no qual a sociedade, natureza, corpo e mente são mantidos em um estado de permanente mobilização para a defesa desse universo (MARCUSE, 1973, p.37). Neste sentido a sociedade capitalista exalta sua união e coesão interna desconhecida em períodos anteriores de civilizações industriais. Tem-se que na construção da realidade tecnológica, segundo o autor, não existe o puramente racional e científico, mas sim um processo acima de tudo, político. A eficácia e a eficiência deste aparato, ao qual somos todos subordinados, bloqueia os interesses individuais que o organizam, tornando a tecnologia “o grande veículo de espoliação”.

Marcuse (1973) aprofunda seu argumento de dominação na homogeneidade ao explicar a transformação da oposição negativa em positiva, processo este que se configura como principal mantenedor da situação. O autor explica que, ao tornar as bases internas totalitárias, as alternativas serão sempre repudiadas. Esta tolerância ao pensamento positivo é, contudo, uma tolerância imposta pelo poder anônimo da sociedade tecnológica e esta absorção é confirmada na experiência diária que confunde a consciência entre a aparência racional e a realidade irracional. O autor exemplifica tal argumento: “viajo num automóvel novo. Sinto a beleza, seu brilho e potência – mas então me apercebo do fato de que dentro de um prazo relativamente curto ele se deteriorará [...] e sua beleza e sua potência são desnecessárias e seu tamanho uma idiotice [...] Então lembro que meu carro é produto de uma das três grandes fábricas de automóveis e este fato determina a aparência e faz tanto sua beleza como os seus solavancos e seu obsolescimento. Eu me sinto de certo modo ludibriado e creio que o carro não é o que poderia ser, que poderia ser fabricado carros melhores por menos dinheiro. Mas o outro sujeito também tem de viver [...] os salários e os impostos são demasiados elevados. [...] a situação está muito melhor do que antes. A tensão entre aparência e realidade se desvanece e ambas se fundem numa sensação assaz agradável” (MARCUSE, 1973, p.210). Para o autor este exemplo ilustra o final feliz do casamento entre o positivo com o negativo e a incoerência objetiva que cede lugar à experiência de vida. Nem mesmo a cultura, que poderia ser uma fonte de oposição, consegue exercer este papel, segundo o autor,

ela também foi absorvida sob a forma de mercadoria porque também se tornou parte da cultura material. Entretanto, nem sempre a cultura teve esta configuração, segundo Marcuse (1973), a literatura e a arte eram a alienação, mantendo e protegendo a contradição, uma espécie de *consciência infeliz* que via o mundo dividido, lugar das esperanças não concretizadas e das promessas traídas. Representava uma força que revelava uma dimensão do homem e da natureza que era reprimida na realidade. O que vemos na sociedade unidimensional, contudo, é que o poder absorve e encerra a dimensão artística pela assimilação de sua contradição, ou seja, este totalitarismo cultural expõe-se em uma harmonia pluralizante e presenciam-se verdades contraditórias que coexistem de forma pacífica com a indiferença.

No entanto, Marcuse (1973) entende que este processo acarreta a perda da consciência, fruto da satisfação concedida por uma sociedade sem liberdade, e favorece uma *consciência feliz* que facilita a aceitação dos malefícios desta sociedade. Esta *consciência feliz* é a crença de que o real seja racional e que o sistema entrega as mercadorias, embasando um conformismo oriundo da racionalidade tecnológica e traduzida em comportamento social. Vê-se na sociedade unidimensional, segundo o autor, uma atrofia dos *órgãos mentais* que incapacita-nos de enxergar as contradições, e principalmente, as possibilidades, restando-nos apenas desfrutarmos da então chamada *consciência feliz*. Segundo Marcuse (1973), nossa consciência é absolvida de culpa pela necessidade geral das coisas. Os pensamentos e os comportamentos gerados pela falsa consciência reagem à manutenção de uma falsa ordem dos fatos e contribui com ela. Segundo o autor, esta falsa consciência criou vida e se reproduz continuamente.

Por fim, Marcuse (1973) reflete sobre a liberdade neste processo e entende que a negação de liberdade corresponde à concessão de liberdades onde elas são fortalecidas pela repressão. Ao mesmo tempo em que é permitido romper a paz, também é assustador ofender a norma, porque expressa a rejeição aos outros em seu próprio direito, impedindo a autonomia de sua existência pequena e reservada. Neste contexto, o autor questiona: “poderá uma sociedade incapaz de proteger a indevassabilidade individual, até mesmo entre quatro paredes, alegar de direito que respeita o indivíduo e que é uma sociedade livre?”. Segundo o autor, este processo de autodeterminação teria algumas pré-condições, entre elas, a distribuição das necessidades da vida, independente do desempenho do trabalho; a redução do tempo de trabalho ao mínimo; a educação universal; e a intercambialidade de funções. Apesar da

administração poder gerar estas condições, uma vez conseguido, significaria o fim da administração porque a sociedade livre e industrial madura continuaria dependendo da divisão do trabalho; situação esta que embasa a desigualdade de funções. Portanto, neste contexto, esta desigualdade, para o autor, é indispensável às necessidades sociais e para a diferenciação das competências técnicas entre os indivíduos. Esta mesma sociedade industrial desenvolvida é de fato construída a partir de um sistema de poderes que se equilibram e, em uma unificação mais desenvolvida, eles se anulam, diz o autor.

Neste contexto, o autor reflete sobre o entendimento da origem deste processo a fim de pensar em formas alternativas de liberdade. Marcuse (1973) coloca que a socialização maciça se estrutura de forma muito precoce, coibindo o desenvolvimento da percepção e da consciência. Neste sentido, o autor imagina se é realmente possível a ausência total de propagandas e de todos os meios doutrinários de informação e diversão. Ao imaginar tal situação, o autor acredita que o indivíduo seria lançado em um vazio traumático no qual ele teria a oportunidade de pensar e refletir sobre si mesmo (e o negativo de si mesmo) e da sua sociedade. Contudo, este indivíduo ao ser privado de toda falsidade teria que reaprender o ABC, e estas palavras poderiam ser diferentes, podendo até suceder aos seus desejos e medos. Ao imaginar tal ilusão, o autor conclui que esta situação seria um pesadelo insuportável porque não se conseguiria tolerar sermos privados da diversão e da educação que nos torna capazes de reproduzir disposições para sua defesa e para sua destruição. Para o autor, a ausência dos meios de comunicação permitiria expor as contradições do capitalismo, mas também seria desintegrada pelo sistema.

Desta forma, “[...] a criação de necessidades repressivas tornou-se parte do trabalho socialmente necessário - necessário no sentido de que sem ele o modo de produção estabelecido não poderia ser mantido. Não estão em jogo problemas de psicologia nem de estética, mas de base material da dominação” (MARCUSE, 1973, p.226).

2.3 A SOCIEDADE LÍQUIDA

A racionalidade tecnológica que embasa a sociedade unidimensional de Marcuse (1973) é entendida por Bauman (2000) como parte integrante de uma “modernidade sólida” que cedeu lugar à “liquidez” da atualidade.

Em seus estudos, Bauman (2000) distingue a modernidade em dois períodos que convencionou chamar de modernidade sólida e modernidade líquida. Segundo Bauman (2000), a modernidade sólida possui, como principal característica, o controle do mundo pela razão, no que consiste fazer com que o mundo seja o “melhor possível dos mundos” através da racionalidade e da técnica. Em sua análise, Bauman (2000) destaca dois elementos importantes nesta sociedade sólida: Estados-Nações e a Ciência, ambos faziam o “projeto moderno” seguir o caminho da sua realização. Segundo o autor, o Estado “[...] fornecia os critérios para avaliar a realidade do dia presente, e a ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a natureza e subordiná-la às necessidades humanas” (BAUMAN, 2000, p.29 e p.48). Observa-se que a importância da ciência e da tecnologia, vista na teoria de Marcuse, é referida também por Bauman (2000) na modernidade sólida.

Segundo o autor, a modernidade sólida representou um período de controle, racionalidade e dominação. Contudo, “[...] o derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais.” (BAUMAN, 2000, p.10). Além disto, com o mundo globalizado através do crescente desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte, e com o fim da crença no projeto moderno, surge uma nova modernidade, a “modernidade líquida”. A expressão “líquida” foi utilizada frente às características dos fluidos: eles não se mantêm a qualquer forma, se movem facilmente e estão sempre propensos a mudar.

A partir desta metáfora, a sociedade líquida, decreta o fim das estruturas rígidas e racionais, dando lugar a uma sociedade voltada à flexibilidade. Enquanto na modernidade sólida, a racionalidade era alcançada através da eliminação da ambivalência, no mundo líquido, expressões como individualismo, mobilidade, liquidez das relações e aceleração do ritmo de vida, definem este novo período.

O autor acredita que estas características têm reflexos em todas as frentes da sociedade, principalmente nas relações humanas, que se tornam cada vez mais flexíveis, fluidas, se movendo e escorrendo sem muitos obstáculos. Segundo Bauman (2004), a rapidez da troca de informações e as respostas imediatas que a tecnologia imprime acarretam a volatilidade das relações. A incerteza enraizada em todos os campos da interação humana, a falta de padrões reguladores precisos e duradores, são sentimentos compartilhados por todos que vivem na sociedade líquida. “Existe uma misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o

sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por este sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” (BAUMAN, 2004, p.8).

A passagem da sociedade sólida, que era detentora de uma estrutura mais rígida, mas ao mesmo tempo servia como base de orientação para seus habitantes, para a sociedade líquida está ligada de forma intrínseca à história do capitalismo.

Bauman (2000) divide a história do capitalismo em capitalismo “pesado” e “leve”. O autor inicialmente faz uma analogia interessante com uma viagem de avião e os diferencia através desta metáfora: no capitalismo “pesado” as pessoas confiavam em seus “comandantes”, sabiam onde ler as regras e as seguiam sem dúvidas. No capitalismo “leve”, as pessoas descobrem que não existe “comandante”, regras e desconhecem onde irão chegar. No “mundo do capitalismo leve”, onde a ideia de liquidez e a busca por mais possibilidades fabrica uma sociedade imediatista, o tempo importa mais do que o espaço ocupado, já que esse espaço será preenchido apenas transitoriamente.

Segundo Bauman (2000), a sociedade líquida envolve seus membros não mais como produtores, em uma visão marxista, mas como consumidores. O autor entende que, na líquida sociedade moderna, o consumo é o que move o mundo e os indivíduos são vistos como usuários e mantenedores desta força. O universo de possibilidades é “servido” aos fugazes consumidores que precisam priorizar, dispensar opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade dos consumidores, segundo o autor, deriva do excesso e não da falta. Em uma sociedade líquida de consumo tudo é uma questão de escolha, exceto a compulsão de comprar que pode evoluir até se tornar um vício. A ação de escolher é mais importante que a coisa escolhida. O autor então exemplifica: “[...] vamos às compras pelas habilidades necessárias ao nosso sustento e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que as temos; pelo tipo de imagem que gostaríamos de vestir e por modos de fazer com que os outros acreditem que somos o que vestimos; por maneiras de fazer novos amigos que queremos e de nos desfazer dos que não mais queremos; pelos modos de atrair mais satisfação do amor e pelos meios de evitar nossa dependência do parceiro amado [...]” (BAUMAN, 2000, p.88).

A sociedade de consumidores é uma sociedade que promove e encoraja a escolha de um estilo de vida consumista e não considera nenhuma outra cultura alternativa. Para

Bauman (2000), esta lista é ilimitada e a opção de não fazê-la nunca está contida nela. Neste contexto, encontram-se similaridades conceituais com a base teórica da sociedade unidimensional de Marcuse (1973), que também coloca a relevância da padronização de pensamentos e estilo de vida.

Bauman (2000) coloca que o mundo construído pela sociedade de consumidores é dividido entre as coisas a serem escolhidas e os que escolhem; as mercadorias e seus consumidores, embora hoje se presencie uma forte nebulosidade e até a eliminação das divisões acima descritas. Além disto, o autor complementa que o consumismo não se refere mais a uma simples satisfação das necessidades, nem mesmo as mais sublimes, nem se refere ao desejo que se articulou de uma forma volátil, efêmera e caprichosa, mas sim ao *querer*. “A noção de desejo liga o consumo à autoexpressão, e à noção de gosto e discriminação. O indivíduo expressa a si mesmo através de suas posses. Mas, para a sociedade capitalista avançada, comprometida com a expansão continuada da produção, esse é um quadro psicológico muito limitado que, em última análise, dá lugar a uma “economia” psíquica muito diferente. O *querer* substitui o desejo como força motivadora do consumo” (FERGUSON apud BAUMAN, 2000 p.205). O *querer* é imediatista, casual e espontâneo. Ele é um sonho e como tal, insincero e infantil. É uma vida pautada pela sedução e desejos, não mais por normas e regulamentos. O céu é o limite e o luxo de hoje é a necessidade do amanhã, e o objetivo é sempre encurtar a distância entre estes períodos. No entanto, segundo o autor, a vida do consumidor não se refere apenas à posse, refere-se principalmente a estar em movimento.

Assim como Marcuse (1973) e Marx (1971), Bauman (2000) também remete ao conceito de “falsas necessidades” ao dizer que, como não há normas para transformar desejos em necessidades, também não há normas para deslegitimar outros desejos como “falsas necessidades”, ou seja, não há teste para avaliar o padrão de conformidade. Para Bauman (2000), a compulsão de comprar nunca pode ser reduzida a uma única explicação, independente da justificativa fornecida. O ato de comprar, na visão do autor, é uma luta eterna contra os sentimentos de incerteza e insegurança que abate os indivíduos da líquida sociedade moderna. “O capitalismo não entregou os bens às pessoas; as pessoas foram crescentemente entregues aos bens, o que quer dizer que o próprio caráter e sensibilidade das pessoas foi reelaborado, reformulado, de tal forma que elas se agrupam aproximadamente [...] com as

mercadorias, experiências e sensações [...] cuja venda é o que dá forma e significado as suas vidas”. (SEABROOK *apud* BAUMAN, 2000, p.183).

Segundo Bauman (2000), a procrastinação e o adiamento da satisfação destas necessidades são mecanismos que tornam vivos e excitantes este processo. Bauman (2000) exemplifica: “poupe, pois quanto mais você poupar mais você poderá gastar; trabalhe, pois quanto mais você trabalhar mais você consumirá [...] paradoxalmente, a negação da imediatez [...] redundante em seu enobrecimento e elevação [...] longe de rebaixar a satisfação dos desejos [...] o preceito de adiar-a torna-a o propósito supremo da vida” (BAUMAN, 2000, p.181). Na sociedade dos produtores o adiamento da satisfação garantia a durabilidade do esforço do trabalho, em contrapartida, na sociedade dos consumidores o mesmo adiamento é necessário para assegurar a durabilidade do desejo, que precisa eventualmente ser satisfeito para se manter vivo, diz o autor.

Bauman (2000), assim como Marcuse (1973) e Souza (2010), também coloca a importância do papel da mídia na construção destas necessidades. Para o autor, as imagens “poderosas” vistas na televisão, imagens estas “mais reais que a realidade”, estabelecem padrões de vida com o objetivo de tornar mais suave a realidade “vivida”. O autor repercute a dimensão da mídia nesta sociedade ao dizer que os pobres já não podem desviar o olhar; a liberdade da tela da televisão, as sedutoras vitrines das lojas expõem o mais profundo sentimento da realidade empobrecida, e quanto mais escolha parecem ter os ricos, mais a vida sem escolha é inconcebível para todos.

Neste contexto, Bauman (2000) também busca entender o impacto deste processo na formação da identidade do indivíduo: “em vista da volatilidade e instabilidade intrínseca de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de “ir às compras” no supermercado das identidades que reside o grau de liberdade genuíno de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade [...]. Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor [...] é a condição *sine qua non* de toda liberdade individual [...] a liberdade de ser diferente e ter identidade” (BAUMAN, 2000, p.98). O autor entende que a “subjetividade” do indivíduo faz um grande esforço para se tornar e permanecer uma mercadoria vendável, porque em sua análise, esta sociedade transforma consumidores em mercadorias, e o objetivo do consumidor

é, na busca da ação de consumir, sair da invisibilidade e imaterialidade monótona, destacando-se da massa de objetos indistinguíveis.

No entanto, para entrar nesta sociedade, homens e mulheres devem atender aos rígidos requisitos definidos pelos padrões de mercado. E aqueles que não conseguem se integrar nesta lógica são considerados “consumidores falhos”, ou seja, o grupo que compõe a sub-classe ou que está abaixo da linha da pobreza compartilha dos sentimentos de incompetência social. Este grupo, portanto, é considerado incapaz e falho ao fazer suas escolhas pessoais. A exclusão valida a soberania do poder do mercado de bens de consumo em nossa sociedade líquida. E mesmo o Estado, ainda articulando parte de seu poder, a direção e a definição de critérios inclusivos ou exclusivos é liderado pelo mercado de consumo.

O autor complementa que tanto as pessoas como as coisas perderam sua solidez e continuidade na sociedade moderna e, como as coisas são ornamentos simbólicos das identidades e as ferramentas de identificação humana, as pessoas as seguem. Segundo Bauman (2000) só com o fim da modernidade sólida o indivíduo tornou-se único, sem a necessidade de homogeneidade nacional; todos são distintos através de seus próprios recursos. Neste contexto caótico que busca o individual, a invisibilidade dentro desse universo pode ser comparada à morte. Para Ulrich Beck (*apud* BAUMAN, 2000, p.40), o impacto deste processo social, na formação da identidade, é profundo e aterrorizante: “O que emerge no lugar das normas sociais evanescentes é o ego nu, atemorizado e agressivo à procura de amor e ajuda. Na procura de si mesmo e de uma sociabilidade afetuosa, ele facilmente se perde na selva do eu [...] e esse *confinamento solitário do ego* é uma sentença de massa”. Neste contexto, Bauman (2008) entende que as subjetividades humanas também foram absorvidas como mercadorias através da compra e venda de símbolos de identidade, “[...] a subjetividade dos consumidores é feita de opções de compra – opções assumidas pelo sujeito e seus potenciais compradores e sua descrição adquire a forma de lista de compras [...] o que se supõe ser a materialização da verdade interior do *self*, é uma idealização dos traços materiais-objetificados das escolhas do consumidor [...]” (BAUMAN, 2008, p.24). Thompson (2002) também compartilha da visão de Bauman e coloca que, nas sociedades modernas, o *self* se torna mais flexível e aberto. Os indivíduos, agora sem as estruturas que os apoiava na difícil tarefa de se constituírem como pessoas, se vêem sozinhos e cada vez mais dependentes apenas de si mesmo para construírem identidades coerentes para si. Num mundo onde o *self* se tornou

extremamente mutável, e instável, as múltiplas e variadas imagens são absorvidas quase sem reflexão em uma apropriação frágil e superficial.

Após analisar as principais características desta sociedade, Bauman (2008) finalmente traz à tona a relação consumo *versus* felicidade. O autor coloca que a felicidade não está associada à satisfação das necessidades, mas a um volume e a uma intensidade de desejos sempre crescentes, ao seu uso e, conseqüentemente, sua rápida substituição por outros objetos. As avaliações sobre a capacidade de esta sociedade gerar felicidade são totalmente desprovidas de valor cognitivo, e qualquer comparação com outros períodos históricos seria leviano, afirma o autor. Contudo, Bauman (2008) coloca que uma base relevante de análise diz respeito à capacidade que a sociedade tem de cumprir as promessas que ela mesma faz, ou seja, julgar sua performance a partir de seus próprios valores. O valor da sociedade de consumo é a promessa de uma vida feliz, a felicidade no aqui e agora, ou seja, ter uma felicidade instantânea e perpétua enquanto vivermos. Segundo a pesquisa de Richard Layard citada por Bauman (2008), não existe crescimento no “nível” de felicidade depois da satisfação de necessidades consideradas como básicas, ou de sobrevivência. O consumo não é sinônimo de felicidade e também não existe qualquer projeção ou indício de que, com o aumento do volume “médio” de consumo, a felicidade irá aumentar. Neste sentido, o autor ainda acrescenta que em muitos casos pode até ter o efeito reverso. Enfim, a sociedade do consumo promove a insegurança e o medo aos integrantes da vida líquido-moderna, e esta é a principal causa da infelicidade. O que move e mantém acesa a contínua luz da sociedade de consumo é a perpétua não satisfação de seus membros, portanto, a própria infelicidade deles.

2.3.1 O Conceito de Trabalho na Sociedade Líquida

Bauman (2000) lembra que o primeiro uso da palavra “trabalho” era traduzido por um “esforço físico dirigido a atender às necessidades materiais da comunidade”. Para o autor, independente dos argumentos utilizados ao longo dos anos para colocar o trabalho como o principal valor dos tempos modernos, é a sua condição de dar forma ao informe, e duração ao transitório, que consolida sua relevância na vida de cada indivíduo. Foi a condição dada ao trabalho, o de buscar o aumento da riqueza e eliminar a miséria, além de contribuir para o estabelecimento da ordem, que inseriu o indivíduo no comando do seu próprio destino. Para Bauman (2000) o trabalho era considerado uma atividade vinculada à natureza e ao destino do homem; não existia escolha, cada integrante da espécie humana tinha que participar; era uma

condição natural, e o estar desempregado era “anormal”. O trabalho, segundo o autor, abandonou a posição da construção da ordem e controle do futuro para se estabelecer no “reino do jogo”, onde os atos de trabalho se configuram mais como estratégias de jogadores de curto prazo. Os caminhos são tortuosos e incertos.

Em contraposição a Antunes (2002) e Marx (1971), para Bauman (2000) o trabalho não desfruta mais desta posição autorealizadora e estruturante no indivíduo, porque ele foi arrancado de suas raízes metafísicas, perdendo a sua centralidade e valores dominantes presentes na modernidade sólida e no capitalismo pesado.

“O trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolvia e fixava autodefinições, identidades e projetos de vida. Nem pode ser concebido com facilidade como fundamento ético da sociedade, ou como eixo da vida individual (BAUMAN, 2000, p.160). Neste contexto, o autor entende que o trabalho, junto com outras atividades da vida, tem um significado principalmente estético. Tem-se a expectativa de que seja satisfatório, mas não é mais medido pelo efeitos que traz à humanidade e aos nossos semelhantes e, segundo o autor, raramente se espera que o trabalho enobreça os que o executam ou os tornem seres humanos melhores.

Bauman (2000) acredita que o trabalhador é medido apenas pela sua capacidade de satisfazer as necessidades e desejos de consumidor em busca de experiências e sensações. O mercado de trabalho se apresenta como um dos vários mercados de produtos onde as vidas dos indivíduos é o que está na “mesa de negociação”. A partir deste argumento, em linha com as ideias de Marx, o autor reforça que o mercado de trabalho está inserido no mercado de produtos com a mesma lógica e regras, e o ato de comprar e vender a capacidade de trabalho coloca um valor de mercado, transformando o produto do trabalho em uma mercadoria.

Ao analisar as alterações sociais deste período, o autor entende que na mudança da sociedade de produtores para a sociedade de consumidores a comodificação e recomodificação do capital e trabalho foi acompanhada por importantes processos de desregulamentação e privatizações profundas e contínuas. No capitalismo pesado existia o total engajamento entre capital e trabalho que era mantido pela mutualidade de sua dependência, ou seja, os trabalhadores precisam do emprego para sobreviver e o capital precisava empregá-los para crescer. Nesta época, a mentalidade de longo prazo era a palavra

de ordem entre as pessoas que compravam e as que vendiam o seu trabalho. Não obstante, na modernidade líquida e fluida que habitamos, o capitalismo leve e flutuante é marcado pelo desengajamento e enfraquecimento dos laços que prendem o capital ao trabalho. Para Bauman (2000), tem-se a passagem do casamento para coabitação, e a partir desta mudança, passa-se a conviver com a possibilidade de que esta relação seja quebrada a qualquer momento e por qualquer razão, na medida em que o desejo e necessidade desapareçam.

O autor alerta quanto à disparidade desta relação. Como o desengajamento é unilateral, o capital rompe parte de sua dependência em relação ao trabalho e rompe com qualquer comprometimento local com o trabalho. Para Bauman (2008) este processo embasa a redução das regras e inaugura o chamado “mercado de trabalho flexível”. Agora, sem os exércitos da fábrica, o capital “viaja leve, apenas com a bagagem de mão - pasta, computador portátil e celular” (BAUMAN, 2000, p.173).

Neste sentido, o autor coloca que o único comprometimento que existe para com os consumidores é o capital; nesta relação sim coexiste a “dependência mútua”. Então, em uma sociedade de valores voláteis, despreocupada com o futuro, egoísta e hedonista, a satisfação instantânea parece, para o autor, uma ótima estratégia de defesa. Souza (2010) concorda com Bauman (2008) ao entender que não é apenas o capital financeiro que rege o sistema, mas também a disponibilidade de atuação em diferentes mercados, criando e satisfazendo novas necessidades de consumo. Nesta nova realidade, presencia-se o culto ao produto desenhado, possibilitando a abertura de inúmeras frentes de negócio.

Além disto, segundo o autor, nesta sociedade as organizações possuem estruturas mais soltas que podem ser moldadas e desmanteladas a curto prazo e sem aviso prévio. Bauman (2000) coloca que a política de precarização do trabalho é apoiada e reforçada pelas políticas da vida e o resultado é a degradação dos laços humanos, comunidades e parcerias, onde estas frentes são tratadas como coisas a serem consumidas, e não produzidas.

Para Bauman (2000), a passagem do capitalismo pesado para o capitalismo leve e fluido é também a história do movimento dos trabalhadores. Todos os argumentos que contribuem para esta mudança: os impactos dos meios de comunicação, a sedução da sociedade de consumo, do espetáculo ou do entretenimento, as artimanhas de políticos

trabalhistas, entre outros, nada disto terá influência, caso não se leve em conta a mudança radical de contexto de vida e o ambiente social sofrido pelos trabalhadores fabris, no passado até os dias de hoje. No capitalismo pesado, o corpo do trabalhador era submetido a uma rotina monótona e ele era resignado a trabalhar em prol da ética do trabalho e por amor a ele. No capitalismo leve ou na sociedade de consumidores, as pressões coercitivas vão desde a infância (a dependência do consumo se estabelece antes mesmo de as crianças aprenderem a ler), administrando o espírito e deixando o corpo a sua responsabilidade. Para tanto, em uma sociedade, que neste sentido, não faz distinções de idade, gênero ou classe social, o principal dano acaba sendo a comodificação da vida humana (BAUMAN, 2000).

2.4 A EMANCIPAÇÃO SEGUNDO AS DIFERENTES VISÕES

Após compartilhar as diferentes e ao mesmo tempo complementares visões da sociedade moderna, pergunta-se: quais seriam as alternativas para se buscar uma vida “livre” e consciente?

Numa atualização da teoria marxista, Antunes (2002) entende que, ao mesmo tempo em que ocorre uma maior qualificação do trabalho, presenciou-se também a crescente desqualificação dos trabalhadores, uma contradição que gera a super-qualificação em vários ramos produtivos e a desqualificação em outros. Segundo o autor, “a ação efetivamente capaz de possibilitar o salto para além do capital será aquela que venha a incorporar as reivindicações presentes no mundo do trabalho, como a redução radical da jornada de trabalho e a busca do tempo livre sob o capitalismo, desde que esta ação esteja indissolúvelmente articulada com o fim da sociedade do trabalho abstrato e a sua conversão em uma sociedade criadora de coisas verdadeiramente úteis. Este seria o ponto de partida para uma organização societária que caminhe para a realização do reino das necessidades e deste para o reino da liberdade, condição para um projeto fundamentado a associação livre dos indivíduos tornados efetivamente sociais, momento de identidade entre o indivíduo e o gênero humano” (ANTUNES, 2002, p.89).

Para Marcuse (1973) a solução para a mudança não está mais na resistência e luta tradicional. As tendências totalitárias da sociedade unidimensional inviabilizam e anulam o protesto convencional. Não existe mais o “povo” que seria a base desta transformação social,

porque agora este grupo é a própria coesão do social. Neste sentido, para o autor, existe abaixo da base conservadora popular uma classe de explorados, desempregados que estão à margem do processo democrático e sua oposição seria a parte revolucionária desta sociedade, por mais que sua consciência não seja. Para Marcuse (1973) “o fato de eles começarem a recusar a jogar o jogo pode ser o fato que marca o começo do fim de um período” (MARCUSE, 1973, p.235). Nada indica que será um bom fim, porque a teoria crítica da sociedade não detém nenhum conceito que possa prever o futuro, portanto não deve oferecer promessas e ostentar o êxito, permanecendo negativa, diz o autor.

Com objetivo de melhor entender a busca da libertação desta sociedade, Bauman (2000) inicia seu raciocínio buscando as ideias de Marcuse, “[...] porque temos que ser libertados de uma sociedade rica, poderosa e que funciona relativamente bem. O problema que enfrentamos é a necessidade de nos libertarmos de uma sociedade que desenvolve em grande medida as necessidades materiais e culturais do homem [...]. E isto implica que enfrentemos a libertação de uma sociedade na qual a libertação aparentemente não conta com a base das massas” (BAUMAN, 2000, apud MARCUSE, 1989, p.23). Neste contexto, Bauman (2000) questiona o significado desta “liberdade”. Na visão do autor, estas ideias resgatam questões filosóficas entre “fenômeno versus essência”. Segundo o autor, existe a possibilidade de que, o que se sente como liberdade, não seja de fato liberdade. As pessoas podem sentir-se livres mesmo sendo escravas, não experimentando a vontade de libertação, não vivenciam a chance de se tornarem verdadeiramente livres, ou seja, as pessoas podem ser “juizes” incompetentes na sua própria escolha. Segundo o autor, Marcuse não precisa buscar respostas aos seus questionamentos, “porque o indivíduo já tem toda a liberdade com que poderia sonhar que seria razoável esperar; as instituições sociais estão mais que dispostas a deixar à iniciativa individual o cuidado com as definições e identidades, e os princípios universais contra os quais se rebelar está em falta” (BAUMAN, 2000, p. 30).

Em suma, após o compartilhamento das principais ideias de Marx (1971), Marcuse (1973) e Bauman (2000) sobre trabalho e sociedade, observa-se que Marx (1971) entende o trabalho como algo de extrema relevância e centralidade na vida dos indivíduos, fornecendo a condição estruturante de formação do ser humano e sua integração na sociedade. Para o autor, a autorealização só é possível através de sua relação com o trabalho. Contudo, com o advento da propriedade privada e da divisão do trabalho decorre o processo de alienação deste trabalhador, não somente a relação homem-trabalho, mas a alienação de toda a

sua essência como indivíduo. Para Marx (1971), neste momento a sociedade capitalista começa a se relacionar de forma marcante com o *dinheiro* que se torna, para o homem, a única propriedade de poder, reduzindo o seu ser a um ser quantitativo. Neste contexto, o indivíduo se torna cada vez mais longe de sua essência, quanto mais exterioriza sua vida, quanto mais adquire bens, torna-se cada vez mais usuário de uma vida alienada, acumulando sua essência alienada.

Para Marcuse (1973) a sociedade torna-se unidimensional, ou seja, uma sociedade sem oposição, onde os sujeitos são meros reflexos socialmente condicionados. Os indivíduos se reconhecem nas *coisas* que envolvem suas vidas e este processo de incorporação não se estabelece através de uma ditadura, mas sim, por meio da aceitação “natural” das coisas e da lei da sociedade. Este processo tem um profundo impacto para o trabalhador desta sociedade, modificando sua atitude e a sua consciência, tornando-o parte social e cultural desta nova sociedade capitalista, e os indivíduos, através da assimilação de necessidades, buscam o infundável crescimento em seus padrões de vida.

Para Bauman (2000), a moderna sociedade líquida inaugura um mundo flexível e volátil, que com a queda das estruturas “rígidas” do capitalismo pesado, deixa o indivíduo “nu”, expondo sua fragilidade egóica que busca, desesperadamente, por apoios e normas que o auxiliem na construção de sua identidade. Neste contexto, Bauman (2000) entende que o trabalho não desfruta mais desta posição autorealizadora e estruturante no indivíduo, porque ele foi arrancado de suas raízes metafísicas, perdendo a sua centralidade e valores dominantes presentes na modernidade sólida e no capitalismo pesado.

Após esta revisão conceitual dos autores citados neste trabalho, levantou-se a questão de pesquisa: como os jovens de diferentes estratos sociais percebem o trabalho? Estes jovens percebem o trabalho de forma similar? Ou existem diferenças de percepções entre os grupos estudados? Considerando-se que estes jovens já nasceram na “sociedade líquida”, o trabalho é percebido como central na vida destes jovens? As representações dos desenhos sobre trabalho apontam para significados distintos das entrevistas?

Estas são algumas perguntas levantadas no decorrer da pesquisa e que se busca responder nos capítulos que se seguem.

A seguir buscar-se-á fazer uma breve análise do atual contexto econômico, político e social brasileiro, segundo Fishlow (2011), em uma abordagem mais funcionalista. Posteriormente, discutir-se-á o conceito das classes sociais no Brasil na visão de Souza e Lamounier (2010) e na visão crítica de Jessé de Souza (2010).

3 TRABALHO E SOCIEDADE BRASILEIRA

Segundo Fishlow (2011) o Brasil obteve um importante crescimento econômico, antes de 1980, mas não obteve melhorias sociais significativas na educação, na saúde e nos serviços aos idosos. Além disto, o altíssimo nível de desigualdade no país era algo que caracterizava, de forma muito marcante, a sociedade brasileira. Entretanto, o autor coloca que, nos últimos anos, este quadro social vem mudando positivamente. As áreas de educação, saúde, previdência social e políticas de combate à pobreza tiveram melhorias significativas e, em consequência destes ajustes, os altos níveis de pobreza e desigualdade social reduziram-se de forma relevante.

Este crescimento do país nos últimos anos, segundo Fishlow (2011), é consequência do aumento da transferência de verbas orçamentárias à educação, melhoria da economia e elasticidade das receitas governamentais superiores à unidade, o que propiciou uma arrecadação tributária adicional. Todo este processo teve efeito, em nível federal, no sentido de facilitar o aumento de pessoas com acesso à educação universitária.

Fishlow (2011) destaca que o resultado mais positivo destas ações reside na melhoria, não apenas da redução do número da população mais pobre, mas também do avanço na equiparação de renda. Segundo o autor, um maior acesso à educação proporcionou um caminho para reduzir a desigualdade de renda. Contudo, Fishlow (2011) ainda pontua que a revisão do sistema educacional proporcionou um maior acesso à educação, mas o desempenho qualitativo desta frente não acompanhou o mesmo patamar, pois o analfabetismo no Brasil ainda é relevante, bem como as taxas de repetência escolar. Outro fator que influenciou a melhoria no índice da pobreza, segundo Fishlow (2011), foi o próprio crescimento econômico, pois o autor entende que, mesmo não ocorrendo uma redistribuição de renda através do aumento de ganhos, a base da pirâmide também se beneficia. Outra ação que contribuiu para a redução da pobreza no Brasil, afirma o autor, foi o Programa Fome Zero e posteriormente o Programa Bolsa Família, iniciado no governo Lula. Neste contexto, em contraposição a Fishlow, Souza (2010), num posicionamento mais crítico, entende que os programas de redução da pobreza, implementados pelo governo Lula, são apenas moeda de troca, e se equivalem em nível federal, aos tijolos, próteses dentárias, cestas básicas, entre outros, fornecidos em época de campanha eleitoral pelos candidatos locais.

Através da análise dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) e da Pesquisa Mensal do Emprego (PME), ambos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Neri (2011) avalia que a pobreza caiu 67,3% desde o início do Plano Real, em 1994 até 2010. Conforme expressam estes dados, a desigualdade atual brasileira chegou ao nível mínimo já registrado no país, ou seja, a renda da metade mais pobre da população aumentou em ritmo 5,5 vezes mais rápido que a da minoria mais rica, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas. Neri (2011) complementa a informação ao colocar que a renda dos 50% mais pobres no Brasil cresceu 67,93% ao longo da última década (dezembro de 2000 a dezembro de 2010), enquanto a renda dos 10% mais ricos teve incremento de 10,03%. Neri (2011) concorda com os argumentos de Fishlow (2011) ao entender que os principais impactos da redução da desigualdade são o aumento da escolaridade e a inclusão de programas sociais de redistribuição de renda.

Esta realidade é traduzida na melhoria apontada no índice Gini³, aonde o Brasil, que chegou ao ápice em 1990 com 0,609, vem reduzindo de forma relevante este índice até chegar ao mínimo de 0,530, em 2010.

Neri (2011) coloca que “ainda é um nível de desigualdade muito alto, mas está em queda. Para chegar a um nível médio de desigualdade, como o norte-americano (cerca de 0,42), ainda vai levar uns 30 anos. Vai ser algo para os nossos filhos” (NERI, 2011). O pesquisador coloca que está acontecendo um fato interessante no Brasil. De acordo com dados da PNAD, entre 2001 e 2009, os analfabetos obtiveram incremento de 47% na renda, enquanto pessoas com nível de escolaridade a partir do superior incompleto tiveram queda de 1% nos ganhos.

Segundo Neri (2011) este fato se deve à valorização do trabalho de baixa qualificação como o de empregadas domésticas, operários da construção civil, etc. Segundo o autor os maiores ganhos reais de renda no período foram de "grupos tradicionalmente excluídos", ou seja, o grupo que configurava abaixo da linha da pobreza.

Neste contexto, Fishlow (2011) pontua uma mudança social significativa que vem se consolidando nos últimos anos. Trata-se do crescimento da classe C no Brasil, ou a

³ **GINI**: Coeficiente de Gini é um parâmetro internacional usado para medir a desigualdade de distribuição de renda entre os países. Ele consiste em um número entre 0 e 1, onde 0 corresponde à completa igualdade de renda.

chamada nova classe média, ao qual Souza e Lamounier (2010) se referem em sua atual pesquisa, trabalho este que será aprofundado no próximo tópico. Segundo os autores, em termos representativos de renda nacional esta classe superou a contribuição da classe A/B, o que significa uma ascensão na demanda de consumo. Neste contexto, os autores advertem que, o maior desafio deste processo, é a manutenção e sustentabilidade desta nova classe média, pois se esta classe resulta da redução da distância de consumo entre a classe média tradicional e os novos membros desta classe, como conseguir-se-á gerar renda suficiente para sustentar os novos padrões?, questionam os pesquisadores.

Fishlow (2011) também coloca suas preocupações quanto ao futuro do país. O autor entende que somente a recuperação econômica não é suficiente para melhoria dos índices sociais no Brasil, pois os gastos sociais no país são comparáveis aos países com renda significativamente maior e a qualidade e os benefícios que o país entrega é muito inferior ao que se gasta. Além disto, o Brasil ainda possui o desafio de gerenciar os altos custos com o ensino superior, com a saúde e aposentadoria que tendem a crescer cada vez mais pela mudança demográfica que se configura no Brasil.

Por fim, o autor conclui que “[...] para crescer mais rápido, além das taxas de investimento mais altas e de uma força de trabalho capacitada, é preciso mudança tecnológica, o que resulta em ganhos cumulativos de produtividade e renda *per capita* mais alta. Para um desenvolvimento mais equitativo, é necessária educação de qualidade e oportunidades para todos” (FISHLOW, 2011, p.282).

Ao buscar alternativas de melhoria para o país, o cientista político Bóris Fausto (2002) entende que o objetivo do Brasil deveria ser a afirmação da democracia e o aumento da qualidade de vida das pessoas.

Fausto (2002) reconhece a dificuldade em operacionalizar tal sonho, mas acredita que o engajamento do Estado e da sociedade civil neste processo é indispensável. O autor afirma que o país precisa abrir espaço para a participação efetiva, em diferentes níveis de atividade, desde os mais básicos dentro dos bairros até os mais amplos orçamentos participativos. É no comportamento diário, segundo o autor, que se pode suscitar atitudes que diminuam o individualismo e promovam os esforços comuns, a tolerância e o respeito às

diferenças, porque o regime democrático só será efetivo “[...] quando estiver associado a um maior bem-estar dos cidadãos e à perspectiva de um futuro melhor” (FAUSTO, 2002, p.310).

3.1 ANALISANDO AS CLASSES SOCIAIS NO BRASIL

Segundo Souza e Lamounier (2010) têm-se pelo menos dois conceitos de classes sociais na sociologia: o conceito originário das ideias de Marx, que considera classe social a partir da delimitação estrutural clara de um grupo, com estilo de vida e padrões de comportamentos conscientes e diferenciados de outras classes; e em outro pólo, se tem o conceito weberiano que diferencia as classes sociais a partir de características mensuráveis como renda, educação, bens de consumo, ocupação, entre outras. Observa-se, na literatura acadêmica, de forma quase que exclusiva, a adoção do modelo de análises quantitativas para diferenciar os estratos sociais, já que, para o autor, o conceito puro de Marx é pouco ajustável à realidade atual. A nomenclatura e a forma de classificação dos estratos sociais alteram-se de acordo com movimentos sociais, econômicos e políticos do país.

De acordo com Souza (2010), em uma análise crítica das possibilidades conceituais de classificação social, trazida por Souza e Lamounier (2010), a visão quantitativa implica de fato num olhar do liberalismo econômico dominante. Esta análise enfatiza a realidade econômica das classes. O liberalismo economicista dominante admite a existência de classes, e ao mesmo tempo as nega quando as associa somente à renda.

Segundo Souza (2010), numa perspectiva dos “marxistas enrijecidos” as pessoas são classificadas ocupando um “lugar na produção”. Contudo, para o autor, em ambas as visões, desconsidera-se a gênese sociocultural das classes sociais. Para Souza (2010) os indivíduos são produzidos “diferencialmente” por uma “cultura de classe” que está atrelada a todos os fatores e condições sociais, emocionais, morais e culturais da classe a qual pertencem.

Neste contexto, dependendo da forma que se olha a definição dos estratos sociais e se busca uma classificação da sociedade se está contribuindo para uma visão de mundo que carrega suas implicações políticas e ideológicas. Segundo Souza (2010), a pseudoigualdade das classes sempre conta com a “legitimação dos especialistas” que fazem seus discursos

otimistas e igualitários em uma sociedade profundamente conservadora e desigual como a brasileira. Então, “encobrir a existência de classes é encobrir também o núcleo que permite a reprodução e legitimação de todo o tipo de privilégio injusto” (SOUZA, 2010, p.22). Segundo Souza (2010), é através do entendimento teórico e aprofundado que se viabiliza o conhecimento da existência concreta das classes sociais e se mostra como maior segredo da dominação social no capitalismo.

Portanto, Souza (2010) reforça o cuidado que se deve ter ao buscar uma classificação social, pois quando não se percebe de forma clara a construção e a dinâmica das classes sociais, acaba-se distorcendo a realidade vivida e sendo cúmplice da violência simbólica que reforça a dominação e a opressão injusta. Para tanto, segundo o autor, é impossível uma delimitação fidedigna das classes sociais pela renda ou simplesmente pelo consumo, porque estes grupos são caracterizados, acima de tudo, a partir de um estilo de vida e uma visão de mundo prática que se estrutura como corpo e reflexo de forma inconsciente e pré-reflexiva, por isto, a necessidade de estudá-la de forma empírica, enfatiza o autor.

A seguir ver-se-ão algumas definições que buscam entender a atual classificação social no Brasil. Além da tradicional e inquestionável existência da chamada classe alta ou A/B que se configura no grupo que detém o acesso aos bens de consumo, observa-se uma busca de reclassificação a partir da nova realidade social do país.

Ou seja, a partir do movimento de mobilidade social entre as classes baixas e médias que o país vem experimentando nos últimos anos, como já citado por Fishlow (2011), surge a “nova classe média”. Segundo Souza e Lamounier (2010) esta “nova” classe média brasileira vem aumentando de forma significativa no Brasil. Os autores estimam que tenha, em média, 52% da população enquadrada na classe C, ou seja, pessoas que possuem uma renda familiar de R\$ 1.115,00 à R\$ 4.807,00⁴. Souza e Lamounier (2010) colocam que, desde 1990, o Brasil vem estabilizando sua economia e fazendo importantes reformas estruturais que permitiram presenciar esta mobilidade social, onde a classe C deixa de ser baixa e integra-se a classe média.

⁴ Convém ressaltar que são dados publicados em 2010.

Neste contexto, Souza (2010) alerta para a forma “cor de rosa” que é colocada e exposta esta mobilidade para a sociedade. O autor coloca que esta “nova” classe social, que ele convencionou chamar de “batalhadores brasileiros”, são pelo menos 30 milhões de pessoas que entram no mercado de consumo por esforço próprio, representando a nova “autoconfiança” brasileira dentro e fora do país. Segundo Souza (2010), este grupo não tem histórico de socialização de lutas organizadas e esta disposição ao trabalho duro, e a vontade de aprender todo e qualquer tipo de serviço, faz com que, muitas vezes, estas pessoas se submetam à exploração de sua própria mão de obra em prol da ascensão a novos patamares de consumo.

Para o autor a expressão “nova classe média”, coloca este grupo neste patamar apenas por se configurar como os grandes emergentes a ter algum poder de consumo, negando, portanto, toda a gênese sociocultural das classes. Souza (2010) reforça sua análise ao lembrar que a assimilação da ideologia dominante é diferente em cada classe social, pois os interesses e as necessidades também são alterados ao longo do tempo. Sob este olhar, o autor entende que, ao negar estas questões, ou torná-las invisíveis, acontece uma limitação do entendimento sobre a desigualdade social e de como este processo vem se estruturando ao longo do tempo.

Contudo, Souza e Lamounier (2010) qualificam esta classe como “nova ou emergente” porque entendem que ela se diferencia da classe média “tradicional”, de quem já nasceu na classe média, tem casa própria, filhos em escola particulares e conta com relações sociais com as quais podem recorrer quando precisam. Em contrapartida, a classe média emergente está galgando posições, pagando o primeiro imóvel, estudando em escola pública e com dívidas que não permitem poupar.

Souza (2010), em seu livro “Os Batalhadores Brasileiros”, complementa que esta classe, além de não desfrutar dos privilégios de quem nasceu nela, não dispõe do capital cultural pertencente a quem veio da classe média tradicional. O autor também atribui diferenças relevantes entre a classe média tradicional e os batalhadores. A falta do “capital cultural” que é transmitido através do processo inconsciente de identificação afetiva com os pais não acontece desta forma para a classe dos batalhadores. Segundo o autor “[...] apesar de invisível, esse processo de identificação emocional e afetivo já envolve uma extraordinária vantagem na competição social, seja na escola, seja no mercado de trabalho. O filho (a) da

classe média se acostuma, desde tenra idade, a ver o pai lendo jornal, a mãe lendo um romance, o tio falando inglês [...]” (SOUZA, 2010. p. 24). Neste sentido, para o autor, quando desconsideramos esta herança de classe, universalizamos os pressupostos da classe média e absorvemos que as condições de vida são iguais para todas as classes. Esta “negação” do social, ou da socialização familiar, permite validar e reforçar apenas o mérito ou demérito individual, onde o sol brilha para todos e depende de cada um buscar sua luz própria. Neste sentido, Bauman (2000) concorda com este movimento social, onde é jogada uma carga de onipotência no indivíduo, que ao dar este poder somente a ele acaba por dissociar e negar as variáveis políticas, econômicas e sociais que exercem influência em nossas vidas. A consequência deste perverso processo tem seus reflexos, principalmente, quando “falhamos”, onde a culpa e a sensação de derrota pessoal é avassaladora para o frágil indivíduo que habita na modernidade líquida.

Souza (2010), em sua pesquisa etnográfica, buscou conhecer empiricamente quem são estas pessoas que batalham no dia a dia por uma vida melhor. A análise deste trabalho mostra um grupo que conseguiu o “seu lugar ao sol” as custas de grande esforço pessoal, e “a uma capacidade de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada na escola e no trabalho, à extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato, e principalmente a sua extraordinária crença em si mesmo e no próprio trabalho” (SOUZA, 2010, p.50). Segundo o autor, trata-se de um grupo de pessoas que “mata um leão por dia”, muito persistente, estes indivíduos possuem a ética do trabalho duro e conseguem planejar o futuro com base na sua capacidade de autocontrole e disciplina.

Outro recente projeto de extrema importância neste tema, foi realizado por Souza e Lamounier (2010). A pesquisa de base predominantemente quantitativa, contou com 2002 entrevistados que foram analisados a partir de critérios objetivos e subjetivos, : renda e consumo; educação e mobilidade; empreendedorismo; capital social e valores; projetos de vida e atitudes políticas e democráticas.

Os resultados da pesquisa de Souza e Lamounier (2010) trazem informações interessantes sobre este novo estrato social. Segundo os entrevistados, estar na classe média quer dizer “viver bem, não apenas sobreviver”. Em termos quantitativos viver bem é ter casa própria, educação universitária, padrão de vida estável e uma profissão de prestígio.

Quanto aos aspectos subjetivos, destaca-se que os principais medos deste grupo, em ordem de prioridade são: perder o padrão de vida que tem hoje e ficar sem trabalho e não ter dinheiro para se aposentar. Este resultado nos remete às ideias discutidas anteriormente sobre a sociedade de consumo de Bauman (2008) e a sociedade unidimensional de Marcuse (1973), onde o maior medo dentre todos os medos humanos é o de perder o atual padrão de vida.

Neste contexto, aparece outro resultado que, de certa forma, também confirma a teoria de Bauman (2008), adaptada à realidade brasileira: a pesquisa mostrou que o nível de confiança nos relacionamentos dos brasileiros é significativamente baixo. Os resultados mostram que apenas 20% dos entrevistados confia nos outros indivíduos e 85% do grupo se refere à confiança apenas na família. Este resultado não apresentou diferença entre as classes sociais pesquisadas. Esta informação pode ser comparada a uma das principais características da sociedade líquida moderna de Bauman (2008), onde o sentimento de desconfiança e insegurança em relação ao outro é intensificado, aumentando o individualismo do grupo. Não obstante, vale a pena uma análise contextualizada, ou seja, o índice de desconfiança das pessoas deve ter sido impactado pelo alto índice de violência e criminalidade no país. A partir deste resultado, tem-se que os brasileiros acabam restringindo seu capital social à família e aos amigos mais próximos. Contudo, a pesquisa qualitativa realizada por Souza (2010) mostra que esta classe possui um censo coletivo importante, desenvolvendo sistemas muito eficientes de ajuda mútua que inclusive extrapola as relações familiares.

Neste contexto, percebe-se que, em ambas as pesquisas, o principal valor para os integrantes desta nova classe média é a família. Segundo Souza (2010), é creditado ao “capital familiar” todo o suporte para o alcance da atual posição social em que ocupam, além da transmissão de valores como a ética do trabalho e do estudo. Segundo o autor, esta base familiar é uma das principais diferenças da “ralé” que, na maioria dos casos, não possui uma estrutura familiar emocional que suporte o crescimento individual. Além disto, o autor complementa que esta nova classe trabalhadora também projeta nos filhos a expectativa de um futuro melhor a partir do valor do trabalho, e o incremento da educação a eles fornecida.

Outro aspecto relevante é que, em seu livro “Os Batalhadores Brasileiros”, Souza (2010) analisa criticamente a pesquisa com viés quantitativo realizada por Souza e Lamounier (2010) ao colocar que apresenta “[...] questões estereotipadas, servindo como uma

“legitimação científica” *ad hoc* de teses políticas extremamente conservadoras que objetivam veicular e naturalizar uma visão distorcida da sociedade brasileira” (SOUZA, 2010, p.310).

Por fim, Souza (2010) faz uma reflexão sobre para qual lado esta nova classe de trabalhadores penderá: será absorvida e identificada com a classe dominante ou se constituirá como uma inspiração para todos os setores precarizados e destituídos da sociedade brasileira? Segundo o autor, independente do caminho a ser traçado por esta história deve-se “[...] buscar formas inclusivas e justas de desenvolvimento do capitalismo que são perfeitamente possíveis e compatíveis com o exercício de garantias liberais para ação individual. E, dependendo da inclinação desta classe, penderá também a definição do desenvolvimento político e econômico brasileiro” (SOUZA, 2010, p.328).

3.1.1 Tabelas IBGE de Estratificação Social no Brasil

Em termos quantitativos a fonte mais utilizada nas pesquisas brasileiras é o PNAD, oriunda do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Esta fonte aborda uma classificação da população por renda e/ou por estratos ocupacionais. A seguir, nas tabelas 1 e 2, são apresentados os valores de 2009 da última pesquisa realizada no país.

Tabela 1 – Estratificação Social no Brasil por Renda

Renda familiar em salários mínimos	Total Brasil (%)
Mais de 20 salários mínimos	0,7
Mais de 10 a 20 salários mínimos	2,1
Mais de 5 a 10 salários mínimos	5,3
Mais de 3 a 5 salários mínimos	9,2
Mais de 2 a 3 salários mínimos	10,7
Mais de 1 a 2 salários mínimos	31,8
Até 1 salário mínimo	29,4
Sem rendimento	8,8

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2009.

Tabela 2 - Estratificação Social no Brasil por Estratos Ocupacionais

Estratos Ocupacionais	Total Brasil (%)
Dirigentes em geral	5,0
Profissionais das ciências e das artes	7,6
Técnicos de nível médio	7,3
Trabalhadores de serviços administrativos	9,2
Trabalhadores dos serviços	20,1
Vendedores e prestadores de serviço do comércio	9,4
Trabalhadores agrícolas	16,8
Trabalhadores da produção de bens e serviços e de reparação e manutenção	23,8
Membros das forças armadas e auxiliares	0,8

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2009.

Após este compartilhamento das diferentes formas de classificação social, esta pesquisa buscou-se aproximar da perspectiva compartilhada por Souza (2010). Com o objetivo de complementar o conhecimento do tema trabalho, no próximo capítulo irá se analisar os estudos acadêmicos sobre trabalho na área dos estudos organizacionais entre 2000 e 2010.

3.2 ESTUDOS ACADÊMICOS SOBRE O TRABALHO NO BRASIL NA ÁREA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

O estudo a ser apresentado a seguir foi feito através de levantamento de oito importantes publicações científicas da área - RAE, RAC, RAUSP, Cadernos EBAPE, READ, O&S, Psicologia e Sociedade, e eventos da ANPAD (ENANPAD, ENEO e EnGPR) e BAR. O período considerado para esta pesquisa foi de 2000 a 2010. Após um levantamento inicial identificou-se 72 artigos que tratavam sobre trabalho. Após uma análise mais detalhada, selecionou-se 53 artigos distribuídos de maneira não uniforme, conforme observado na tabela 1. Esta seleção levou em consideração estudos onde o foco era a busca por entender os sentidos e significados que o trabalho exerce em nossas vidas.

A produção científica brasileira sobre o tema estudado vem crescendo de forma relevante nos últimos anos, chegando a representar 72% somente nos últimos 3 anos. Vale ressaltar o número expressivo de trabalhos deste conteúdo produzidos no ano de 2007, configurando 26% do total da produção neste tema. Os periódicos/eventos de Administração que vêm divulgando trabalhos sobre o tema são representados em mais da metade dos casos pela ENANPAD (55%) seguidos do ENEO (13%) e da revista de Psicologia e Sociedade (11%), conforme mostra a tabela 3.

Tabela 3 - Distribuição da Produção sobre Sentidos/Significados do trabalho por fonte e ano

Nº	ENANPAD	ENEO	EnGPR	READ	P&S	RAC	RAUSP	RAE	O&S	Total
2000	1	-	-	1	-	-	-	-	-	2
2001	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
2002	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
2003	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
2004	2	-	-	1	-	-	-	-	-	3
2005	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3
2006	3	1	-	-	-	-	-	-	-	4
2007	3	-	3	-	5	2	1	-	-	14
2008	2	3	-	-	1	-	-	-	-	6
2009	7	-	-	-	-	-	-	1	1	9
2010	6	3	-	-	-	-	-	-	-	9
Total	29	7	3	3	6	2	1	1	1	53

Fonte: Elaborada pela autora

Vale ressaltar que, nos casos em que o mesmo artigo apareceu em mais de uma fonte pesquisada, o mesmo foi considerado apenas na fonte cuja data era referente à primeira publicação do trabalho.

Estudos empíricos, ou teórico-empíricos, configuram a preferência dos autores que escrevem sobre o tema, chegando a 74% do material pesquisado. Neste universo as pesquisas qualitativas representam 79% e pesquisas com abordagem mais quantitativa somam 21% dos trabalhos pesquisados.

Outra análise pertinente neste estudo, diz respeito à classificação do conteúdo dos artigos, segundo os paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan (1979) conforme se pode observar no gráfico 1.

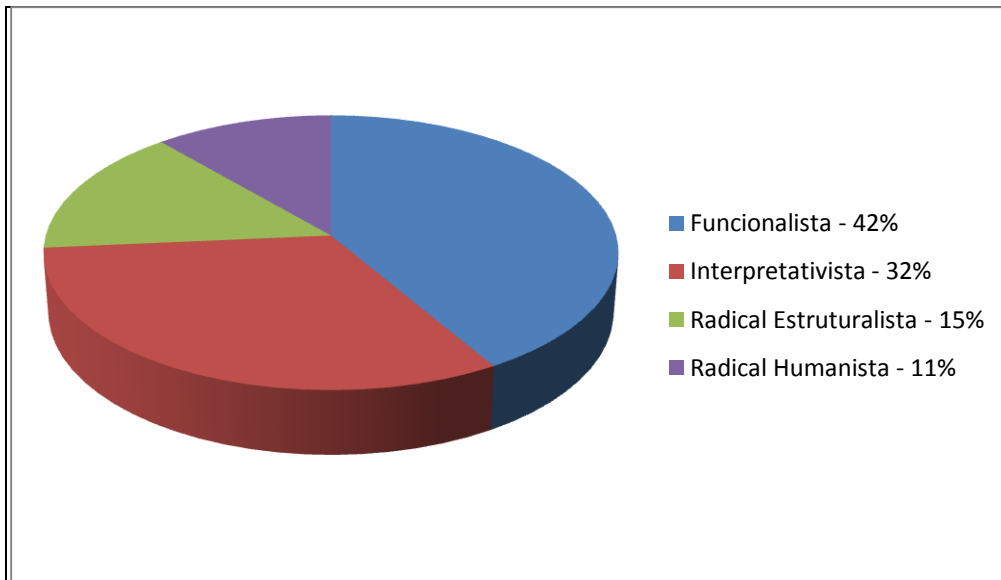


Gráfico 1 - Análise dos paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan (1979)

Fonte: Elaborado pela autora

Percebe-se que os estudos sobre trabalho, nas fontes pesquisadas, nos últimos dez anos, foram predominantemente funcionalistas, totalizando 42% dos artigos analisados e a abordagem qualitativa neste grupo exerce a liderança de preferência da metodologia escolhida para tratar este tema. Observa-se que houve uma redução na utilização do paradigma funcionalista, mas ainda se mantém como principal abordagem utilizada nos trabalhos analisados. Resalta-se também que, deste grupo de artigos funcionalistas, ainda se tem pelo menos 11% deles que possuem uma visão claramente corporativa, onde expressam a preocupação de como os resultados das pesquisas podem ser úteis na melhoria da gestão organizacional. O paradigma interpretativista também se manifesta de forma relevante nas pesquisas sobre trabalho, totalizando 32% dos estudos analisados e vem crescendo sua participação ao longo do período estudado. Posteriormente, veem-se os paradigmas Radical Estruturalista e Radical Humanista com menores incidências de utilização, mas já representando mais de 10% do total dos estudos analisados. Vale ressaltar que estes últimos paradigmas foram utilizados, na sua grande maioria, em trabalhos estritamente teóricos.

Ao analisar de forma mais aprofundada o conteúdo dos artigos selecionados, pode-se delimitar alguns subtemas que demonstraram maior interesse por parte dos autores que escreveram sobre trabalho, conforme pode-se acompanhar na tabela 4 .

Tabela 4 - Distribuição da produção em subtemas

Classificação de subtemas	Artigos
Sentidos/Significados do trabalho em diferentes categorias funcionais	17
Sentidos do trabalho e seus impactos nos diferentes vínculos de trabalho	13
Reflexões críticas sobre os sentidos do trabalho	10
Sentidos do trabalho X impacto na formação da identidade do sujeito	5
Prazer e felicidade e sua relação com o sentido do trabalho	3
Outros	5

Fonte: Elaborada pela autora

Conforme se observa no levantamento representado na tabela 4, a busca pelo conhecimento do sentido do trabalho em diferentes categorias funcionais, e o entendimento que este construto adquire nas diversas formas e modelos de trabalho, vem despertando o interesse da maioria dos trabalhos acadêmicos divulgados no período estudado. Vale ressaltar que a classificação em *Outros* foi atribuída para trabalhos que não puderam ser classificados nas cinco temáticas anteriores.

A partir de agora, o foco será dado a alguns dos trabalhos que buscaram entender o sentido e/ou significado do trabalho em diferentes categorias funcionais. Neto e Sachuk (2007) realizaram um interessante estudo com detentos da penitenciária Estadual de Maringá. Os autores buscaram conhecer as múltiplas visões sobre as atividades de trabalho remunerado dos detentos que é exercida pela instituição. Os resultados mostraram que o trabalho é visto como fundamental, não só para o detento como também para o alcance dos objetivos da instituição penal. Costa e Bratkowski (2007) também pesquisaram esta categoria. O estudo comparativo buscou entender o significado do trabalho para os detentos e homens livres a partir de uma iniciativa junto ao DETRAN-RS. Os resultados deste trabalho validam a pesquisa de Neto e Sachuk (2007), mostrando também uma avaliação positiva do trabalho por parte dos sentenciados, além de ser visto como forma de valorização profissional da categoria.

Para analisar as categorias funcionais, onde o trabalho pode acarretar maior desgaste físico e psicológico, o destaque é a pesquisa de Borges e Tamayo (2000). As autoras realizaram um estudo quantitativo com 622 empregados das indústrias de construção civil e varejo, com o objetivo de entender a estrutura cognitiva do significado do trabalho. Os padrões de maior relevância obtidos neste estudo caracterizam-se por uma elevada

centralidade ao trabalho e por articular valores econômicos de sustento da vida, com expressivos êxito e realização pessoal. Neste contexto, confirmando a importância do sentido do trabalho, mesmo em categorias profissionais que a atividade laboral é mais precária, tem-se a pesquisa empírica realizada por Lopes *et al.* (2008) junto à Prefeitura de Belo Horizonte que buscou conhecer o significado do trabalho para os garis da cidade. Os resultados mostraram que, mesmo com difíceis condições de trabalho que a atividade exige, o grupo reforça a valorização do trabalho que realiza.

Outra pesquisa relevante neste sentido foi a de Frutos e Vercesi (2008), que baseados nas ideias Marxistas sobre trabalho, buscaram entender o seu significado para os bombeiros. A análise dos resultados indicou que, apesar das representações de sofrimento que permeiam o trabalho do bombeiro, o seu bem-estar é sustentado pela forma como atribui significado ao seu trabalho, especialmente em função da 'paixão' pelo trabalho realizado e pelo reconhecimento social e familiar da profissão, confirmando que um trabalho com significado é gerador de bem-estar, apesar das situações de sofrimento que possa representar.

Outro trabalho que merece destaque nesta linha foi realizado por D'Acri (2003) com empregados da indústria têxtil do amianto, no Rio de Janeiro. Este estudo constatou que os trabalhadores encontram sentido em seu trabalho, ou seja, os trabalhadores, mesmo sob condições de sofrimento, esforço e dor, sentem alegria da realização, da criação de um fazer humano e do sentimento de participação no mundo. Observou-se também a preocupação financeira fruto do papel de provedores de suas famílias. Ao analisar as pesquisas realizadas por grupos funcionais que trabalham em atividades mais insalubres, ou de risco para a saúde e integridade física, os sujeitos entendem o trabalho como central em suas vidas, representando valorização pessoal, participação na sociedade e retorno financeiro.

Outra categoria que aparece de forma consecutiva nos estudos acadêmicos sobre o tema são os bancários. Neste sentido, destaca-se a pesquisa de Benevides e Spessoto (2009) com gestores de bancos privados de Salvador. O resultado deste estudo constatou que o grupo possui uma real dificuldade no reconhecimento do sentido do trabalho. Segundo as autoras, esta dificuldade está relacionada à adoção de uma arquitetura organizacional baseada no modelo burocrático que afeta as relações chefes-subordinados - padronizações e hierarquização excessiva, pressões internas, condições de trabalho, dificuldade de separar a vida pessoal da vida profissional - possuindo então uma série de fatores negativos para o

reconhecimento do trabalho. Tolfo e Bahry (2007) buscaram compreender os significados do trabalho e do emprego para 32 funcionários do Banco do Brasil. Os autores constataram a predominância de uma visão positiva sobre o trabalho, relativa satisfação e a realização das atividades tinham um objetivo. Quanto ao emprego ele foi associado a um conjunto de atividades remuneradas e à ocupação dentro de uma estrutura formal. Uma vez que existem restrições de pesquisas realizadas no Brasil com esta categoria, diferentemente das categorias analisadas anteriormente, não foi encontrado um alinhamento no sentido do trabalho para o grupo de bancários estudados no período.

Outra pesquisa que se entende importante registrar, mesmo sendo anterior ao período estudado, porque vai de encontro aos resultados dos estudos realizados no Brasil, foi realizada por Betiol (2006). A autora realizou um estudo com funcionários públicos, buscando comparar semelhanças e diferenças do sentido de trabalho em uma empresa pública com atividades semelhantes em Paris e outra localizada na Região Metropolitana de São Paulo. Os resultados apontam que o trabalho, para estes dois grupos, ainda é obrigação e constrangimento e o principal meio de sobrevivência.

Outra categoria que vem despertando o interesse recente dos pesquisadores são os aposentados. Neste contexto, destaca-se a pesquisa de Bitencourt *et al.* (2010) que buscou o entendimento do sentido do trabalho na aposentadoria ao desenvolver um estudo com aposentados no Estado do Rio Grande do Sul. Os resultados desta pesquisa mostram que os entrevistados apresentaram reações positivas em relação à aposentadoria, mas vale considerar que o grupo pesquisado manteve o mesmo nível de rendimentos pós-aposentadoria. Outro fator de satisfação apurado na análise das entrevistas foi a relevância na preparação para essa nova fase, promovida pelas organizações nas quais pertenciam. O estudo teórico de Marra, Marques e Melo (2010) aprofundam esta problemática em um trabalho que buscou analisar este processo a partir da ótica do gerente aposentado. Os autores entenderam que o gerente aposentado pode ser privado dos principais elementos que constituem sua identidade. O estudo busca refletir de que forma ele constrói e reconstrói sua identidade sob esta nova realidade que lhe é imposta.

Algumas pesquisas buscaram conhecer o sentido do trabalho para categorias profissionais específicas. Neste sentido, tem-se a recente pesquisa realizada por Ono e Binder (2010) que mostrou os sentidos do trabalho para um grupo de profissionais de TI que atuam

em projetos na grande São Paulo. Os resultados mostraram que, para este grupo, o trabalho com sentido é aquele que permite aprendizado, identificação com a tarefa, remuneração adequada, atividades não rotineiras, que tragam desafios e contribuam para com a sociedade.

Alberton e Piccinini (2009) realizaram uma pesquisa para conhecer os sentidos do trabalho para 166 publicitários de onze agências diferentes na cidade de Porto Alegre, RS. Os resultados mostraram que um trabalho que tem sentido permite o uso das capacidades individuais e recompensa adequadamente o trabalhador. Além disto, o sentido do trabalho deve estar relacionado ao prazer em trabalhar, ao uso da criatividade, ao aprendizado e ao reconhecimento das competências do trabalhador.

Outro subtema, que vem sendo estudado de forma crescente nos últimos anos, discorre sobre os impactos dos sentidos e concepções que o trabalho adquire frente aos novos vínculos de trabalho. Neste contexto destaca-se o trabalho funcionalista de Binotto e Nakayama (2000) que aborda os desafios para o profissional na busca pelo aperfeiçoamento contínuo para garantir seu espaço no mercado de trabalho. Em contrapartida, Faria e Kremer (2004), em uma abordagem mais radical estruturalista, articulam um estudo teórico sobre as relações entre os processos de reestruturação produtiva e consequente precarização do trabalho. Stefano e Nogueira (2006) validam os argumentos de Faria e Kremer (2004) e concluem, através de um estudo qualitativo, que a precarização do trabalho é cada vez mais expressiva no Brasil devido à reestruturação produtiva, impondo mudanças de conceitos, mentalidade e formas de se pensar as relações entre trabalho e emprego. Ainda nesta abordagem, Beyda e Casado (2007) realizaram um estudo qualitativo que visou compreender a transição de carreira de profissionais, com vínculos formais de trabalho, para se empreenderem em seus próprios negócios. As conclusões deste trabalho sugerem que esta busca, muitas vezes, é uma ilusão, os indivíduos apenas mudam de lado nos dilemas que são inerentes a todas as relações de trabalho.

Percebe-se que os trabalhos analisados, que tiveram como objetivo buscar o entendimento de uma visão mais aprofundada sobre o tema sentidos do trabalho, na sua maioria são estudos teóricos mais críticos que adotam um dos paradigmas radical estruturalista ou radical humanista. Neste contexto, destaca-se o estudo teórico de Navarro e Padilha (2007) que, com base na concepção marxista de trabalho, busca apontar algumas das principais mudanças ocorridas no universo do trabalho no século XX e suas consequências

para a classe trabalhadora. Segundo os autores, as transformações não significaram ruptura com o caráter capitalista do modo de produção e com seu complexo plano ideológico de controle da subjetividade do trabalhador. Navarro e Padilha (2007) colocam que os exemplos desta lógica são a apologia do individualismo, o aumento do desemprego, da intensificação e da precarização do trabalho, que marcam o mundo do trabalho na sociedade contemporânea. Estanislau *et al.* (2010) concorda com os argumentos de Navarro e Padilha (2007) e ainda ressalta que as novas dimensões do trabalho contribuem para a fragmentação da subjetividade do indivíduo. O autor discute a subjetividade, o corpo e a arquitetura como sendo as três dimensões da colonização do mundo do trabalho. Outro trabalho nesta linha que merece destaque é o ensaio teórico com base na teoria freudiana de Barros *et al.* (2008) que busca entender se a identificação do sujeito com a organização e o estabelecimento de laços afetivos permite, quando acontece a ruptura neste processo, atingir tal grau que a perda destes laços ou deste objeto, voluntária ou não, possa levar ao suicídio.

Destaca-se, também, o estudo realizado por Gondim, Feitosa e Chaves (2007) pela técnica utilizada em suas pesquisas. O projeto reuniu 50 pessoas de diferentes perfis profissionais que, através da técnica projetiva de exposição de diferentes fotos de trabalho, buscou conhecer a imagem do trabalho para estes indivíduos. Os resultados mostraram que a imagem do trabalho não está associada a nenhuma representação funcional nem diferenciação de gênero, mas sim, está fortemente associada às discussões de macrocontexto e de atributos do trabalhador, independentemente do grupo. Os pesquisadores também concluíram que profissionais de nível superior centram-se em argumentos e reflexões de macrocontexto e os profissionais com baixa qualificação distinguem o trabalho real (sobrevivência) do trabalho ideal (escolarizados).

Ao se realizar uma análise temporal dos estudos brasileiros sobre sentidos e significados do trabalho, nos últimos dez anos, pode-se observar que existem poucas variações entre as categorias funcionais que trazem o trabalho como portador de sentido, aquele que permite sua realização pessoal, crescimento e reconhecimento profissional, inserção social e retorno financeiro. Outro ponto relevante nesta análise é que, apesar das discussões teóricas e questionamentos sobre a centralidade e relevância do trabalho em nossas vidas, os estudos brasileiros analisados reforçam o papel central e constitutivo que o trabalho exerce em nossas trajetórias.

Observam-se, principalmente, pesquisas com foco em diferentes categorias funcionais e esta pesquisa, que será mostrada a seguir, busca uma perspectiva comparativa sobre as percepções de trabalho entre os diferentes estratos sociais, um olhar que anseia por conhecer e descobrir como o trabalho é visto por estes jovens que desfrutam de diferentes realidades sócio-econômicas.

4 TRABALHO E JUVENTUDE NO BRASIL

Este capítulo tem como objetivo repercutir algumas questões relevantes sobre o tema juventude no Brasil. Inicialmente, aborda-se o conceito de juventude sob alguns posicionamentos das perspectivas sociológicas e psicológicas, e, posteriormente, são apresentados os trabalhos acadêmicos brasileiros realizados sobre trabalho e juventude, no período de 2000 a 2010.

4.1 JUVENTUDE: UM CONCEITO SEM CONSENSO

O objetivo neste tópico é trazer algumas definições de juventude, a fim de buscar uma clarificação conceitual do público participante desta pesquisa.

Observa-se que a definição de juventude vem, por muitas vezes, carregada de generalizações e estereótipos, por isso, o objetivo aqui é trazer algumas referências de autores na área da sociologia, psicologia e administração que se dedicaram ao tema, a fim de auxiliar no entendimento sobre este complexo e controvertido conceito.

Cardoso e Sampaio (1995), após revisitarem a bibliografia sobre o tema, identificaram duas tendências de definição de juventude na Sociologia: a generalização da juventude ou a especificidade das juventudes. A generalização da juventude reforça a ideia genérica de juventude enquanto “geração” propulsora de mudanças sócio-políticas e culturais de épocas marcadas por grandes acontecimentos históricos, tais como as décadas de 60 e 70; e quando relacionada de forma mais específica, a juventude é vista de forma mais segmentada, relacionando-se à pesquisas e estudos com grupos específicos de jovens que pertencem a uma classe diferenciada da sociedade. Estes grupos de jovens estão em transição universidade-mercado de trabalho e, por sua vez, vêm enfrentando as mudanças atuais, no mundo do trabalho, de forma mais significativa.

Segundo Finocchio (2007) a dificuldade de conceituação de juventude reside no fato de que sua definição sofre influências históricas, sociais e culturais, não podendo ser resumida somente pela idade dos indivíduos. Neste contexto, Bourdieu (1983) em seu clássico

texto “*juventude é apenas uma palavra*”, coloca que a divisão entre jovens e velhos trata em última instância do poder e da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. Segundo o autor, as classificações por idade, por sexo e classe social se configuram em uma forma de reforçar os limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em seu lugar. O autor ainda aponta para o risco de uma classificação aleatória chamada juventude, reforçando que a idade é um dado biológico, socialmente manipulado e manipulável e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Neste sentido, Bourdieu (1983, p.113) reforça o risco desta generalização “[...] é um formidável abuso de linguagem que se pode subsumir no mesmo conceito, universos sociais que praticamente não possuem nada de comum”.

Ainda em uma visão sociológica do tema, Groppo (2000) considera que a juventude é, paralelamente, uma representação sócio-cultural e uma situação social, ou seja, os jovens são uma concepção, representação ou criação simbólica moldada pelos grupos sociais ou pela própria juventude, a fim de buscar uma significação para os comportamentos e atitudes que lhe são atribuídos. Segundo o autor, por este motivo, não há como se conceituar “jovem” ou “juventude” como algo único e igual para todos. Costa (1996) corrobora com esta afirmação ao entender que o conceito de juventude é aberto e construído dentro de um processo histórico-cultural, onde qualquer busca de definição do termo será uma mera tentativa de aproximação conceitual.

Observa-se que os termos juventude e adolescência vêm sendo utilizados associados a diferentes áreas do conhecimento. O termo adolescente é utilizado, na maioria das vezes, pela Psicologia e o termo juventude, apresenta-se como preferência das Ciências Sociais. O conceito de adolescência, segundo Airès (1986), não existia de forma popularizada antes do século XX, porque antes deste período as crianças eram introduzidas no mundo do trabalho a partir dos sete anos de idade; poucas estudavam ou ficavam muito tempo na escola e não existia uma separação delimitada por idade em cada classe. Neste sentido, como esta fase não era vista de forma diferenciada, não existia o conceito da adolescência estruturado e particularizado. Contudo, a partir da industrialização das sociedades, criou-se um espaço intermediário entre a infância e a idade adulta, entre a maturidade bio-fisiológica e a maturidade psicossocial, sendo resultado dos padrões de mudança da nossa sociedade. A escola, neste sentido, acabou atrasando o ingresso do jovem na vida adulta e no mercado de

trabalho e este período de vida foi institucionalizado como um momento de incertezas, imaturidades e conflitos emocionais, onde não se é mais criança, mas ainda não se estabeleceu como um adulto, com todas as responsabilidades que lhe cabem a partir desta fase.

A partir da busca do entendimento desta complexidade emocional do jovem, tem-se a abordagem da Psicologia. Na psicologia social, Bock (2004) também concorda que a adolescência, termo usado de forma mais frequente na psicologia, é uma construção social e não um período natural do desenvolvimento que se estabelece entre a infância e a idade adulta. Além do desenvolvimento físico, encontram-se significações e interpretações determinadas pelo social. Segundo a autora, a adolescência foi inventada pelo homem, “[...] os fatos sociais vão surgindo nas relações sociais e na vida material dos homens; vai se destacando como um fenômeno social e vai apresentando suas repercussões psicológicas; vai sendo construído um significado social para esses fatos que vão acontecendo e, em um processo histórico, vai surgindo na sociedade moderna, ocidental, a adolescência” (BOCK, 2004, p.30). Segundo esta vertente, os jovens vão constituindo, submetendo e reproduzindo modelos de juventude através da influência dos meios de comunicação, da literatura e das relações sociais, onde a partir destas significações sociais os adolescentes constroem suas identidades, transformando os elementos e modelos sociais em individuais.

Erikson (1976) entende que a construção desta identidade passa pela experiência de se tornar autônomo e independente através do exercício do trabalho e acrescenta que a impossibilidade do jovem decidir sua identidade profissional é o que mais o perturba, pois se sente incapaz de "assumir um papel que lhe é imposto pela inexorável padronização da adolescência americana [...]" (ERIKSON, 1976, p.132). Para o autor, este momento é menos conflitante para os jovens que conseguem identificar-se e aceitar as tendências de mercado e, conseqüentemente, se ajustar aos novos papéis de competência articulado em uma perspectiva ideológica mais implícita.

Outra possibilidade de entendimento sobre o conceito de juventude, além da idade biológica ou ciclo de vida, diz respeito à análise geracional do fenômeno. Este recorte vem sendo utilizado de forma significativa na produção acadêmica brasileira em Marketing e na Administração, com menos ênfase do que é utilizada internacionalmente, mas vem aumentando nos últimos anos em consequência, principalmente, da popularização do termo geração Y por Howe e Strauss (1991). Nesta visão, Schuman e Scott (1989) entendem o

conceito de geração como indivíduos que possuem comportamentos, crenças e valores semelhantes, por terem compartilhado as mesmas experiências. Domingues (2002), corroborando com este conceito, entende que as gerações seriam agrupamentos articulados pelos processos históricos e de mudança social e estariam disputando recursos no plano material e cultural.

Numa abordagem mais funcionalista, destacam-se as obras de Howe e Strauss (1991) que desenvolveram categorizações geracionais (*Silent Generation, Baby Boomers, Gen X, Gen Y e Gen Z*), tornando-se bastante “popular” no *management*. A nomenclatura e caracterização das gerações foram inicialmente estudadas pelos autores, no livro *Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069*, utilizando referências históricas da sociedade americana para contextualizar e conceituar as gerações. Nesta abordagem, Lombardia *et al.* (2008) entende que a história de uma geração está baseada em um conjunto de vivências comuns, valores, visão de vida, cenário sociopolítico e a aproximação de idades. Os comportamentos e valores em comum configuram e delimitam as gerações. Segundo Lombardia *et al.* (2008), Veloso, Dutra e Nakata (2008), Coimbra e Schikmann (2001) existem quatro perfis principais de gerações:

- ✓ *tradicional*- nascidos até 1950
- ✓ *baby boomers* - nascidos entre 1951 e 1964
- ✓ *geração X* - nascidos entre 1965 e 1977
- ✓ *geração Y* - nascidos a partir de 1978

Howe e Strauss (1991) ainda incluem a geração Z, ou seja, os jovens nascidos a partir de 2000.

Conforme esta definição, a geração Y é caracterizada como sendo os filhos da tecnologia por representarem a primeira geração imersa na interatividade e ambiente digital. Para Lombardia *et al.* (2008) esta geração possui características oriundas do processo sócio-cultural em que estão inscritas, são elas: permanente conexão com algum tipo de mídia; habituados à mudanças e dão valor à diversidade; preocupam-se com questões sociais e acreditam nos direitos individuais; são mais criadores do que receptores; são curiosos, alegres, flexíveis e colaboradores; formam redes para alcançar objetivos; priorizam o lado pessoal em relação às questões profissionais; são inovadores e gostam da mobilidade; são imediatistas,

impacientes, auto-orientados, decididos e voltados para resultados e não lidam bem com restrições, limitações e frustrações. Neste contexto, para os autores, os integrantes desta geração imprimem na organização um contrato psicológico diferente do que foi estabelecido pelos seus antecessores e esta geração vai buscar organizações que não coloquem barreiras à sua liberdade e aos usos de seus conhecimentos e de suas habilidades (COIMBRA; SCHIKMANN, 2001).

Percebe-se, após este breve entendimento sobre o tema, que a busca de diferentes autores pela definição do termo juventude denota a complexidade do “ser jovem”, onde a partir da diversidade de recortes possíveis sobre o tema: idade cronológica, classe social, econômico e contexto sócio-cultural, expressa o risco de se cair na superficialidade conceitual do fenômeno. A seguir busca-se um maior entendimento destas reflexões a partir de pesquisas empíricas geradas no tema juventude versus trabalho no Brasil.

4.2 ESTUDOS ACADÊMICOS SOBRE JUVENTUDE E TRABALHO NO BRASIL NA ÁREA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Este estudo considerou quatro importantes publicações científicas da área: RAE, RAC, RAUSP e eventos da ANPAD (ENANPAD, ENEO e EnGPR). O período pesquisado neste estudo foi de 2000 a 2010.

A partir do levantamento realizado na última década, identificou-se inicialmente 91 artigos que continham a palavra “jovem (s)”; “juventude” ou “geração”. Posteriormente, revisitaram-se estes mesmos artigos, tendo sido selecionados 16 estudos que se referiam estritamente ao mundo de trabalho dos jovens e os colocavam como atores principais da pesquisa, excluindo, portanto, os artigos da área de marketing que configuravam a grande maioria da produção acadêmica no tema.

Após esta análise, pode-se observar que a produção acadêmica sobre juventude e trabalho vem despertando interesse recente dos pesquisadores, concentrando-se quase 50% nos dois últimos anos, conforme observado no gráfico 2. Um dos fatores que influencia este fenômeno seria o crescimento da população jovem nas organizações e o aumento da

diversidade de vínculos e contratos organizacionais que esta geração experimental. Além disso, presencia-se o desafio das equipes de trabalho no relacionamento intergeracional.

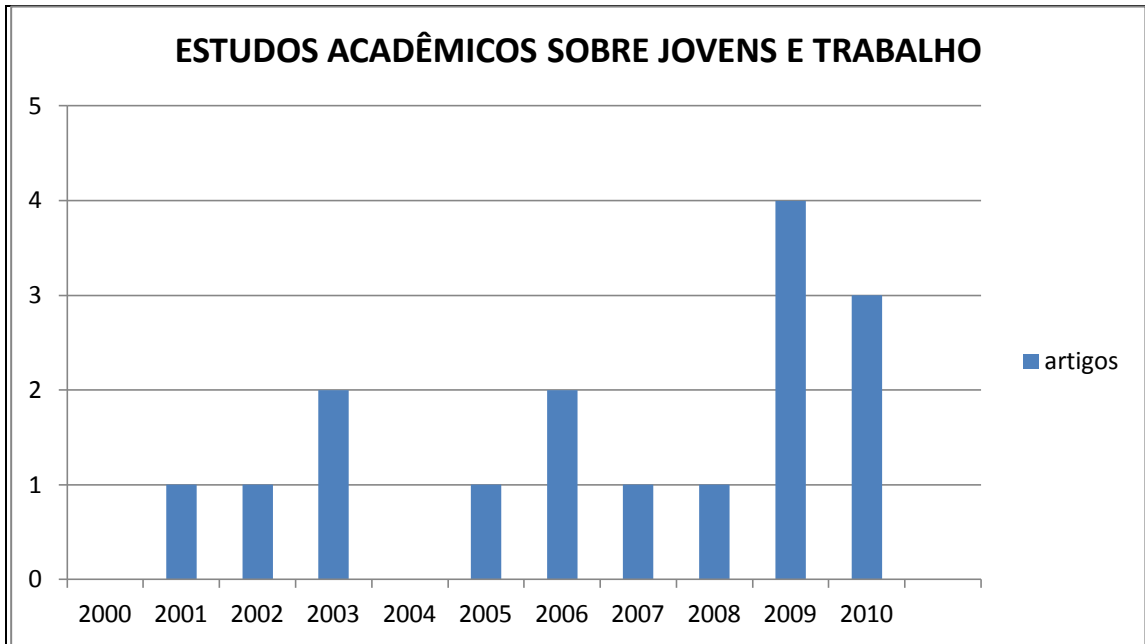


Gráfico 2 - Estudos acadêmicos jovens X trabalho

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se que estes estudos na sua grande maioria foram divulgados pelos eventos da ANPAD, como representado no gráfico 3, e, mais especificamente, nos encontros da ENANPAD no tópico gestão de pessoas e relações de trabalho, chegando a representar quase 70% da produção total de estudos nesta temática. Posteriormente, ve-se o EnGPR com 20% e RAE e ENEO representando 6% dos estudos sobre jovens e trabalho, respectivamente.

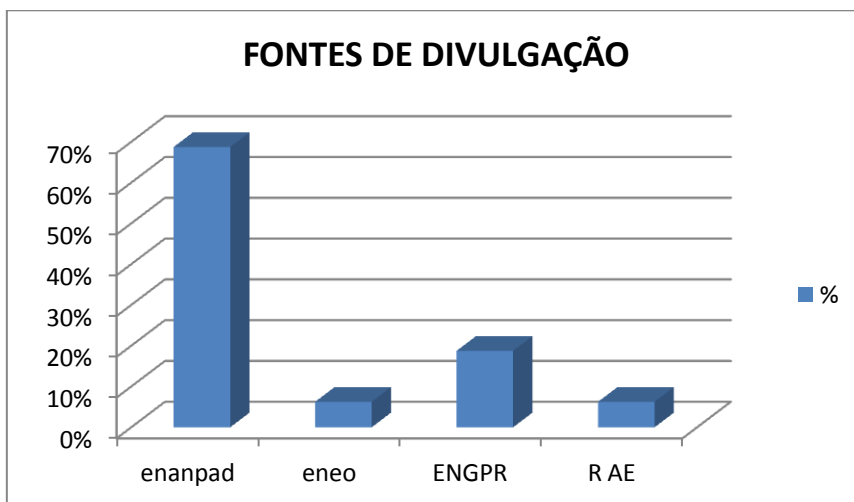


Gráfico 3 - Fontes de divulgação dos trabalhos sobre jovens versus trabalho

Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se que a natureza destes estudos são exclusivamente empíricos ou teórico-empíricos, e não se observa, neste período, estudos somente de base teórica. Estas pesquisas usaram métodos qualitativos e quantitativos de forma equiparada, ou seja, 50% para cada abordagem utilizada. Associado a esta informação, nota-se que os estudos nesta temática utilizam, na sua grande maioria, o paradigma funcionalista, totalizando 75% de todos os estudos analisados. Posteriormente, tem-se o paradigma radical humanista com 13% e por fim, os paradigmas interpretativista e radical estruturalista, totalizando 6% respectivamente como exemplificado no gráfico 4.

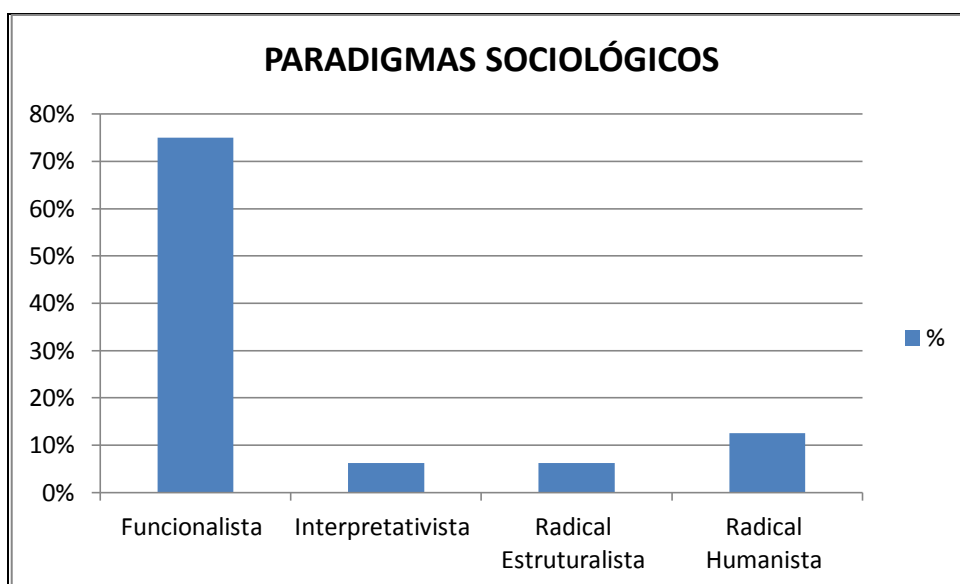


Gráfico 4 - Paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan (1979)

Fonte: Elaborado pela autora

Após análise do conteúdo destes trabalhos, foi levantada a necessidade de estudos mais reflexivos e aprofundados, considerando a relevância do tema proposto. Observam-se, na sua grande maioria, pesquisas mais prescritivas sem uma base teórica profunda que sustente os dados empíricos analisados.

Outra frente de análise destes estudos diz respeito ao subtema dentro da temática estudada. Neste contexto observa-se que mais da metade destas pesquisas, ou seja, 63% do total dos estudos avaliados versam sobre carreira e a forma como estes jovens estão ingressando no mercado de trabalho. Neste sentido, destaca-se o estudo de Vasconcelos *et al.* (2009) que buscou identificar as âncoras de carreira (Schein, 1993) para 66 recém formados no Estado do Espírito Santo. Os resultados mostraram que a âncora com maior destaque foi estilo de vida, seguido de criatividade, dedicação a uma causa e segurança. Tiepo *et al.* (2010)

também encontraram resultados semelhantes no que diz respeito às âncoras de carreira dos 195 jovens profissionais pesquisados. Contudo, os autores encontraram uma dissociação importante nas âncoras de carreira do grupo, ou seja, o desejo de buscar carreiras que valorizam além da vida profissional não coincide com o sistema de carreiras que os jovens estão, de fato, desenhando para eles.

Na busca pelo ingresso no mercado de trabalho, aspirando aos ideais de carreira anteriormente mencionados no estudo, Melo e Borges (2005) entrevistaram 20 jovens graduandos e graduados para entender como estes indivíduos sofrem a transição entre a conclusão de cursos superiores e a inserção no mercado de trabalho. As autoras observaram que a maioria dos jovens percebe a necessidade de investimento na sua qualificação; a existência de uma avaliação da universidade e do mercado de trabalho pelo jovem independe da sua graduação ou área de conhecimento; o jovem destaca fatores individuais mais do que ambientais como dificuldades para conseguir o emprego, onde a metade dos jovens entrevistados entende que os contatos sociais são um dos mais importantes apoios para conseguir emprego. Além disto, os jovens apresentam uma imagem positiva quando relatam um mercado favorável em sua área e a maioria revela ter como projeto futuro o trabalho autônomo. Lemos, Dubeux e Pinto (2009), abordando a mesma problemática, buscaram comparar as ideias de Bourdieu (1983) que questiona a relação entre qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho e Schultz (1967), que advoga que a educação aumenta a empregabilidade dos indivíduos, realizaram um levantamento visando mapear a inserção profissional de formandos do curso de Administração de Empresas de diferentes classes sociais. Os autores concluíram que, tanto os oriundos de famílias mais favorecidas quanto os menos favorecidos, conseguiram postos de trabalho coerentes com sua formação, o que vai ao encontro do pressuposto de Schultz sobre a importância do investimento em educação. Outro estudo nesta linha é o trabalho de Oliveira e Wetzel (2009) que buscou conhecer a percepção dos jovens sobre a relevância da formação superior como facilitadora no ingresso ao mercado de trabalho. A partir de entrevistas com 28 estudantes de Administração do Estado do Rio de Janeiro, as autoras concluíram que o modelo de carreira tradicional ainda é o preferido por esses jovens, e que o investimento em qualificação é visto como principal estratégia para a conquista de seu espaço no mercado de trabalho, mas que não garante o acesso aos postos de trabalho condizentes com suas expectativas, precisando ser complementado com outras competências.

Esta visão mais “conservadora” aparece no estudo de Hemais, Carvalho e Azevedo (2002) que buscaram investigar as percepções dos estudantes universitários em relação às empresas privadas e estatais. O resultado desta pesquisa mostra que os estudantes de Administração, em curso, tenderiam a privilegiar, na escolha de seu futuro profissional os seguintes aspectos: (1) empresas privadas, (2) a Petrobras ou empresas estatais compatíveis e (3) companhias estatais de modo geral. Coimbra e Schikmann (2001) também buscaram saber onde estes jovens estão trabalhando, ou buscando trabalhar. Os autores pesquisaram 202 jovens para saber onde os jovens da “geração net” estão trabalhando, se em empresas ligadas à velha economia (Tradicionais) ou à nova economia (denominadas Ponto-com) e ainda, se a área em que trabalham é ligada à negócios na Internet, mesmo quando trabalham em empresas tradicionais. Os resultados mostraram que somente 11% dos pesquisados trabalham em empresas Ponto-com e 89% em empresas Tradicionais. Os resultados desta pesquisa também mostraram que os jovens trazem como valor no trabalho a oportunidade de aprender, ter um bom grupo e um bom ambiente no trabalho e ainda ter equilíbrio entre a vida no trabalho e fora dele. O modelo organizacional é o fator de maior crítica no grupo pesquisado.

Mesmo que, na sua maioria, os jovens não estejam trabalhando apenas no “mundo da internet” são inegáveis as mudanças, não só tecnológicas, mas econômicas, políticas e sociais, que vêm ocorrendo no mundo do trabalho. Por isso, alguns estudos acadêmicos têm buscado refletir sobre as consequências desta complexa realidade para os jovens. Tanure, Carvalho Neto *et al.* (2009), em pesquisa realizada com 959 executivos, sendo 492 com até 40 anos e 467 acima de 41 anos, mostram que os jovens executivos estão chegando mais cedo ao topo da carreira (cargos de presidência e direção), contudo o preço desta escolha recai na renúncia da qualidade de vida pessoal e na sobrecarga de trabalho oriunda da busca de resultados de curto prazo. O estudo mostrou que o grupo mais jovem sente-se mais pressionado com a competitividade do ambiente organizacional, ansiosos e inseguros frente aos tantos desafios desde muito cedo e, por consequência acabam por submeter-se a uma pesada rotina de trabalho na busca da aprovação de sua competência. Em contrapartida, os executivos mais maduros referem-se ao sentimento de medo de serem “substituídos” pela nova geração e acabam por aceitar a extensa rotina de trabalho, de forma mais resignada, na busca da manutenção de seu *status quo*. Toledo (2006), validando o entendimento desta pesquisa, mostrou em seu estudo, também com jovens executivos, que as organizações prometem ascensão meteórica de carreira junto com a exigência de alta produtividade e

sobrecarga de metas, a partir da adesão de seus valores e objetivos, deixando à margem aqueles que optam pelo equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

Outro trabalho que também buscou conhecer as expectativas de carreira dos jovens brasileiros foi realizado por Veloso, Dutra e Nakata (2008). Esta pesquisa mostrou, através do seu estudo com 150 empresas, que os profissionais mais maduros valorizavam a identificação com o trabalho e as gerações mais jovens valorizavam mais a possibilidade de crescimento profissional e desenvolvimento de relacionamentos que gerassem mais oportunidades de trabalho.

Neste sentido, na busca por conhecer melhor os sentidos e significados que o trabalho tem para esta geração, Morin, Tonelli e Pliopas (2003) realizaram uma pesquisa com 15 alunos de alguns cursos de especialização em São Paulo. Os resultados, de uma forma geral, demonstraram que o trabalho continua a ser essencial na vida das pessoas e que estas buscam, ao mesmo tempo, utilidade para suas atividades dentro das organizações e também para a sociedade. As respostas para entender o sentido do trabalho para este grupo de jovens foram divididas em três frentes: *individuais*, *organizacionais* e *sociais*. Na dimensão *individual* o trabalho foi visto como satisfação pessoal, independência e sobrevivência, crescimento e aprendizagem e reforço à identidade pessoal. Quanto à dimensão *organizacional*, apareceram questões relacionadas à utilidade do trabalho exercido e a contribuição para o fortalecimento de relacionamentos. Por fim, na dimensão *social* foram abordados os temas como inserção social e a própria contribuição social do trabalho exercido. Oliveira. (2004) realizaram um estudo com estudantes de pós-graduação de uma universidade do sul do país e os resultados também apontaram que o trabalho é central na vida dos indivíduos, tanto como forma de realização, como de desenvolvimento e retorno material. O sentido do trabalho, para este grupo, está relacionado à busca pela realização de um trabalho que seja útil para a organização e para a sociedade e que permita o desenvolvimento, valorização, reconhecimento e, conseqüentemente, a autorealização. Em contrapartida, um trabalho desprovido de sentido é aquele que entra em choque com valores pessoais, não é reconhecido, não possibilita o desenvolvimento, é improdutivo, rotineiro ou pouco desafiador. Ainda buscando entender o sentido do trabalho para a juventude Oliveira e Silveira (2007) realizaram uma nova pesquisa que buscou entender a compreensão do que seja “trabalho” para 120 jovens universitários de uma Universidade do Sul do país. Os resultados dos estudos sobre sentidos e significados do trabalho para os jovens mostra que o trabalho continua a ser a

atividade central que estrutura a vida dos indivíduos e da sociedade em geral, uma forma de integração social, prevalecendo sua imagem como um elemento integrador da sociedade, capaz de realização pessoal, profissional e do sustento financeiro.

Neste momento, alguns trabalhos aqui analisados se diferenciam por sair do *mainstream* do tema carreira versus jovens. Rumblesperger (2011) buscou analisar o conteúdo que a mídia de negócios compartilha sobre o perfil do jovem no trabalho. Segundo a autora, os perfis que a mídia divulga reforçam atitudes que auxiliam o desempenho do universo empresarial, promovendo o debate quando determinado fenômeno ameaça o bom desenvolvimento destas organizações. Outra pesquisa que merece destaque foi realizada por Sá *et al.* (2010) que analisa o conteúdo do Reality Show “*O Aprendiz 6 Universitário*”. Os autores após análise dos programas da série concluem que, o real motivo que faz com que um ou outro jovem seja “eliminados” é não apresentar, por meio de seus pensamentos, sentimentos e ações explicitados, as disposições necessárias à atuação naquele “campo” específico para o qual está sendo posto à prova. Segundo os autores os jovens candidatos não lutam apenas uns contra os outros, mas lutam, acima de tudo, consigo mesmos em busca de um modo de pensar, agir e sentir que ainda não tiveram a oportunidade de incorporar, por estarem no início de suas trajetórias profissionais.

Ainda na “contramão” dos estudos de carreira encontra-se o estudo crítico de Cherques e Pimenta (2006) que buscou conhecer as referências morais dos jovens executivos no Brasil. Os dados quantitativos foram interpretados e a partir de uma base teórica, concluíram que jovens executivos, ancorados eticamente na religiosidade e nas tradições mais profundas, originárias da vida familiar e do companheirismo que marcaram a sua formação, se resignam à conformidade da incoerência ética que nos envolve. Eles preferem esperar que o mundo deixe de existir e seja substituído por outro, eticamente melhor.

Outro estudo, que merece destaque nesta abordagem, foi realizado por Faria e Carvalho (2010) que procurou saber dos jovens se a preocupação de uma empresa com pessoas com deficiência aumentaria a intenção de se trabalhar naquela organização, bem como se as informações sobre a falta dessa orientação gerariam o efeito contrário em termos de atratividade para este grupo em formação. Os resultados desta pesquisa sugerem que, uma imagem corporativa construída por meio da ênfase na preocupação com as necessidades de pessoas com deficiência, diminui o potencial de uma organização de captar novos talentos. Os

resultados indicam também que a remuneração superior é mais atraente do que o desenvolvimento profissional e do que a orientação da organização para clientes internos e externos com deficiências.

Por fim, na contramão dos estudos funcionalistas analisados até o momento, encontra-se o trabalho de Paula (2003) que, através da teoria de Herbert Marcuse (1973), busca refletir sobre como o estilo de vida das elites gerenciais vem contribuindo para a popularização dos cursos de Administração. A autora coloca que, no decorrer deste processo, o jovem percebe a diferença de realidade idealizada e a partir do “desencanto” com a carreira, e com o curso, gera um vazio existencial que é tido, segundo as ideias Frankfurtianas, como um caminho positivo de rebeldia e questionamento.

Após esta análise dos estudos brasileiros sobre juventude e trabalho entre 2000 e 2010, percebe-se a complexidade do assunto proposto, ao mesmo tempo em que remete à necessidade de um maior aprofundamento teórico e, principalmente, reflexivo sobre o tema em questão.

Esta pesquisa tem entre seus objetivos específicos buscar mais informações sobre o complexo tema “trabalho versus juventude” ao procurar investigar mais a fundo os seguintes pontos:

- ✓ Identificar se existem diferenças entre a forma em que os jovens de diferentes estratos sociais percebem o trabalho;
- ✓ Identificar se o trabalho é percebido como central na vida destes jovens; e
- ✓ Avaliar se as representações dos desenhos sobre trabalho apontam para significados distintos dos apresentados durante o discurso das entrevistas.

Neste sentido, considera-se apropriado responder estes questionamentos através de uma abordagem metodológica qualitativa que envolveu entrevistas e desenhos e será detalhada no próximo capítulo.

5 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A perspectiva crítica adotada neste trabalho nos levou a realizar uma pesquisa empírica, qualitativa e interpretativista. Os procedimentos de coleta de dados incluíram entrevistas semiestruturadas e desenhos.

Segundo Denzin e Lincoln (2006) a pesquisa qualitativa surgiu na Sociologia e na Antropologia com o objetivo de buscar o entendimento do outro. Este outro representava “alguém” diferente do pesquisador, geralmente uma pessoa classificada como exótica, primitiva, não branca e vinda de uma cultura estrangeira considerada “menos” civilizada pelo pesquisador. Para estes autores, a pesquisa qualitativa pode ser definida, genericamente, como uma ação onde se pode situar o observador no mundo. Esta ação é composta por um conjunto de práticas materiais e interpretativas que o auxiliam a entender este mundo a partir da perspectiva das pessoas que nele habitam. Conforme entendimento de Denzin e Lincoln (2006), estas práticas servem para compreender, profundamente, os fenômenos a que se propõe estudar, facilitando o afastamento dos referenciais históricos do pesquisador.

A metodologia utilizada para buscar este entendimento de mundo ocorre a partir dos paradigmas que os pesquisadores têm como referência. Estes paradigmas carregam seus sistemas filosóficos e, conseqüentemente, suas crenças ontológicas e epistemológicas.

Esta pesquisa teve como base o paradigma interpretativo que entende “[...] a pesquisa como um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade do pesquisador e das pessoas que fazem parte do cenário” (DENZIN; LINCOLN, 2006). Segundo os autores, o interpretativismo possui algumas premissas que o qualificam: a) a ação humana é considerada portadora de significado; b) existe um compromisso ético e de respeito em relação à experiência de vida das pessoas; e c) epistemologicamente o interpretativismo acredita que é possível entender o significado subjetivo do fenômeno, ou seja, conhecer as crenças, desejos e intenções das pessoas, mas de uma maneira objetiva. O objetivo final, segundo Denzin e Lincoln (2006) é a reconstrução das autocompreensões dos atores que realizam as ações.

Para tanto, o paradigma interpretativista embasou esta pesquisa que utilizou, como técnica para interpretação das entrevistas, a análise de conteúdo. Segundo Bardin (2000), a análise de conteúdo se estrutura como um conjunto de técnicas para análise das comunicações, e esta faz uso de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens.

Além das entrevistas, utilizou-se também outra fonte de coleta de dados que foram os desenhos que os participantes realizaram sobre as imagens de trabalho que tinham como referência. Os desenhos foram inclusos como mais uma fonte de informações sobre os jovens pesquisados. Desenhos são considerados pela literatura acadêmica como uma técnica projetiva. A técnica projetiva pode ser aplicada através de desenhos ou fotos que são apresentados a alguém e, a partir deste estímulo, o indivíduo ou grupo faz um processo de associação de ideias, como se viu exemplificado no trabalho de Gondim, Feitosa e Chaves (2007) ou, como uma segunda possibilidade, quando o indivíduo expressa algo que lhe é solicitado através do desenho, como foi utilizado no presente trabalho.

Os métodos projetivos são utilizados há bastante tempo na Psicologia para auxiliar no conhecimento das diferentes questões humanas. Os testes de Rorschach (1921) e o Thematic Apperception Test - TAT (MURRAY, 1938) configuram-se como os principais instrumentos dentro das técnicas projetivas utilizadas na psicologia clínica.

Para a área da Administração, esta técnica ainda é tida como não tradicional, apesar de ter vários autores que reforçam sua relevância e aplicabilidade, principalmente nos estudos organizacionais. Kunter e Bell (2006) entendem que a imagem deve ser motivo de interesse para todos os analistas organizacionais, tanto como um tema de análise social como em termos de seu potencial comunicativo. Neste sentido, destaca-se a pesquisa de Zuboff (1988), que foi um dos primeiros estudos a utilizar a técnica na área da Administração. Posteriormente, vieram outros estudos que também utilizaram desenhos para auxiliar na análise do conteúdo, contudo, ainda é bastante restrita sua utilização, principalmente no Brasil.

Segundo Vince e Broussine (1996), a técnica projetiva por ser classificada como colaborativa e contrapõe-se às premissas do positivismo, pois sua utilização acompanha a crença de que existe algo como processo subjacente ou inconsciente e que pode ser expresso e

contido dentro de uma imagem. Além disto, para os autores, os desenhos têm que ser explicitamente colocados dentro de uma variedade de diálogos específicos e vistos, coletivamente, como uma expressão do contexto. Contudo, mesmo respeitando a especificidade do processo, os autores entendem que existem diversos padrões que parecem surgir regularmente nos desenhos e estes podem orientar, de forma significativa, o quadro analítico.

Além disto, segundo Meyer (1991), as técnicas projetivas permitem ser menos racionais, acessando as emoções e sentimentos de forma mais fácil que uma entrevista formal. Por consequência deste processo, o método facilita o conhecimento de questões organizacionais que, muitas vezes, não é consciente para o indivíduo e muito menos para a organização.

Também, segundo o autor a elaboração de imagens aumenta a capacidade dos participantes de darem sentido às coisas e de atribuir significado aos eventos pesquisados. O autor complementa que a técnica visual tem o potencial de permitir uma compreensão mais sofisticada de sistemas organizacionais, porque as formas visuais e verbais de informações são codificadas e processadas de forma diferente. As informações visuais são sintetizadas pelo cérebro em imagens, tendo em conta a multidimensionalidade e inter-relações dos vários componentes nos dados, enquanto a informação verbal é processada e codificada em hierarquia e categorias lineares, o que torna o processo mais reducionista.

Vince e Broussine (1996) entendem que a utilização deste método auxilia os indivíduos e grupos a expressarem mais facilmente percepções que eles não expressariam de forma mais racional. Além destes benefícios, Nossiter e Biberman (1990) apontaram em sua pesquisa que os desenhos facilitam uma maior honestidade nas respostas, aumentando o número de respostas e a disposição em concluir a atividade.

Neste contexto, Silva e Vergara (2006) compararam os trabalhos de Vince e Broussine (1996) com o estudo que eles realizaram em 1996, onde também utilizaram a metodologia de elaboração de desenhos e concluíram que a dinâmica desta técnica, seja ela individual, como aplicada por Vince e Broussine (1996) ou coletivamente, como na pesquisa de Silva e Vergara (2006), abriu espaço para o compartilhamento de ideias, sentimentos e percepções que não seriam reveladas por outra técnica de investigação. Além disto, também

facilitou uma maior integração entre as pessoas na busca de soluções sobre a problemática em pauta. Caldas e Tonelli (2002) utilizaram também desenhos para interpretar processos de fusão e aquisição, já que estes permitiam aos entrevistados maior liberdade de expressão sobre os sentimentos experimentados durante estes processos.

Contudo, esta metodologia tem alguns pontos de questionamentos como menciona Lilienfeld, Wood e Garb (2000). Os autores colocam a importância de se considerar os sentimentos e emoções dos pesquisadores frente ao conteúdo analisado, já que a interpretação do material representado será feita por eles. Neste sentido, Meyer (1991) também pontua outra questão relevante na técnica que se trata do risco de uma generalização excessiva do pesquisador ao analisar as imagens.

Neste contexto, Korthagen (1993) reforça que o mais importante é que os pesquisadores sociais devem priorizar a reflexão e a prática reflexiva nas pesquisas, pois o autor observa que há uma ênfase excessiva de análises racionais e lógicas. Este diagnóstico serve para reforçar, segundo Korthagen (1993), sua defesa no uso das técnicas projetivas, pois acredita que estas técnicas facilitam a reflexão sobre a parte não racional do processo. Pois, neste sentido, a representação de imagens permite sair desta racionalidade que a linguagem verbal está inserida.

Através desta breve discussão teórica sobre a utilização da técnica projetiva de desenhos nas pesquisas organizacionais, considera-se adequada a escolha do método para este estudo por reforçar, apesar dos questionamentos sobre a subjetividade de análise, a aplicabilidade de seu uso em questões que buscam entender frentes mais subjetivas e inconscientes como o tema desta pesquisa que buscou conhecer as percepções sobre o trabalho nos diferentes grupos sociais estudados.

5.1 COLETA DE DADOS E DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS

Esta pesquisa foi realizada com 92 jovens, dos quais 72 eram funcionários de um grande grupo empresarial de mídia no sul do país, nas cidades de Porto Alegre e Florianópolis e 20 jovens eram integrantes de duas cooperativas de catadores de lixo da cidade de São Paulo. A escolha dos participantes foi intencional e construída, e obtida com o auxílio da área

de recursos humanos da empresa e das representantes das duas cooperativas participantes da pesquisa. Esta forma de escolha ocorreu para que fosse garantida a representatividade nos requisitos em cada um dos três grupos estudados, conforme detalhamento no quadro 1.

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total Geral
POA	20	28		
FL	16	8		
SP			20	
Total	36	36	20	92

Quadro 1 - Número de participantes versus grupos de análise

Fonte: Elaborado pela autora

Os jovens que participaram da pesquisa tinham entre 18 e 30 anos e foram “alocados” de acordo com um dos grupos estudados. Os três grupos sociais foram agrupados de acordo com a proximidade de renda familiar, nível de escolaridade e categoria funcional conforme detalhado a seguir:

- **Grupo 1:** Administrativos - com o 3º grau completo, ou em andamento e renda familiar média mensal de R\$ 11.800,00.
- **Grupo 2:** Operacionais - com o ensino médio completo, ou superior incompleto e renda familiar média mensal de R\$ 3.500,00.
- **Grupo 3:** Cooperados - maioria com fundamental incompleto, ou completo e renda familiar média mensal de R\$ 1.400,00.

É fundamental reforçar que esta classificação não tem a intenção de representar uma divisão conceitual das classes sociais brasileiras, configurando-se apenas em uma separação didática para que se possa entender melhor as percepções de trabalho entre estes grupos que desfrutaram de diferentes realidades sócio-econômicas.

Nos quadros 2 a 4, a seguir, estão reunidas as características dos grupos por tempo de trabalho, idade, situação familiar, renda, escolaridade, curso, cargo e sexo. Esta análise inclui os grupos administrativos (1), operacionais (2) e catadores de lixo (3).

	Tempo de Trabalho (anos)	Idade	Situação Familiar	Renda	Formação	Curso	Cargo	Sexo
1	15	30	casado	10.000	superior	pedagogia	coordenadora pedagógica	feminino
2	9	22	mora sozinha	4.000	superior inc.	administração	assistente de RH	feminino
3	2	18	mora c/ os pais	3.000	superior inc.		auxiliar administrativo	feminino
4	9	27	mora sozinha	10.000	superior	publicidade	assistente de conteúdo	feminino
5	7	25	mora c/ os pais	7.000	superior	administração	assistente de planejamento	feminino
6	10	26	mora c/ os pais	10.000	superior inc.	comunicação social	assistente de planejamento	feminino
7	10	27	casado	8.000	superior	administração	coordenadora comercial	feminino
8	17	29	casado	3.000	superior inc.	administração	contato comercial	masculino
9	8	22	mora sozinha	1.500	superior	administração	assistente comercial	masculino
10	14	30	casado	4.500	superior	publicidade	produtora de eventos	feminino
11	7	25	casado	4.500	superior	publicidade	coordenadora comercial	feminino
12	7	22	mora sozinha	4.000	superior inc.	administração	analista de mercado	feminino
13	0,58	22	mora c/ os pais	10.800	superior	jornalismo	analista planejamento	masculino
14	9	24	casado	8.000	superior inc.	publicidade	estagiário planejamento	masculino
15	4	22	mora c/ os pais	6.500	superior inc.	publicidade	assistente comercial	masculino
16	7	23	mora c/ os pais	23.000	superior inc.	administração	estagiária de marketing	feminino
17	7	25	mora c/ os pais	13.000	superior	administração	analista de RH	feminino
18	7	29	mora c/ os pais	11.000	superior	psicologia	coordenadora de rh	feminino
19	8	29	mora c/ os pais	7.000	superior	psicologia	analista de RH	feminino
20	13	30	casado	15.000	superior	administração	analista de RH	feminino
21	16	30	casado	7.000	superior	administração	analista de informações	masculino
22	8	27	mora c/ os pais	40.000	superior	economia	analista financeiro	masculino
23	3	23	mora c/ os pais	13.000	superior	administração	analista de RH	feminino
24	5	25	mora c/ os pais	15.000	superior	administração	analista de planejamento	feminino
25	15	30	mora c/ os pais	6.000	superior	contábeis	analista de planejamento	feminino
26	7	26	mora c/ irmã	15.000	superior	contábeis	analista de planejamento	masculino
27	7	23	mora c/ irmão	21.500	superior	administração	analista de planejamento	masculino
28	9	26	mora sozinha	15.000	superior	administração	trainee	feminino
29	5	23	mora sozinha	3.500	superior	jornalismo	trainee	feminino
30	5	23	mora c/ os pais	14.000	superior	administração	trainee	feminino
31	7	25	mora c/ amiga	30.000	superior	publicidade	trainee	feminino
32	12	27	mora sozinha	3.500	superior	economia	trainee	masculino
33	9	22	mora c/ amiga	25.000	superior	jornalismo	trainee	masculino
34	6	22	mora sozinha	15.000	superior	direito	trainee	masculino
35	6	24	mora c/ os pais	16.000	superior	publicidade	trainee	masculino
36	8	25	mora c/ os pais	20.000	superior	publicidade	trainee	feminino
MÉDIA	8	25		11.758,33				

Quadro 2 – Características do Grupo 1

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se que os 36 participantes do grupo 1 têm uma média de idade de 25 anos e trabalham há 8 anos, aproximadamente; destes jovens, 50% ainda mora com os pais ou irmãos, 28% mora sozinho, ou com amigos e 22% são casados. Nenhum participante deste grupo tem filhos. A renda familiar mensal é de R\$ 11.800,00, 22% tem superior incompleto e 78% do grupo tem superior completo nos cursos de Administração, Publicidade, Psicologia, Jornalismo, Contábeis, Economia, Pedagogia ou Direito. Pertencem às áreas Comercial/Marketing, Planejamento e RH, nas funções de Estagiário, Trainee, Assistente, Auxiliar, Analista ou Coordenador Júnior. O grupo foi composto por 64% de mulheres e 36% de homens.

	Tempo de Trabalho (anos)	Idade	Situação Familiar	Renda	Formação	Curso	Cargo	Sexo
1	6	21	mora c/ os pais	2.000	ensino médio		instalador	masculino
2	5	22	mora c/ os pais	4.000	ensino médio		instalador	masculino
3	6	22	casado	3.200	ensino médio		impressor gráfico	masculino
4	0,08	22	casado	700	superior inc	biologia	auxiliar de produção	masculino
5	10	28	casado	2.500	superior inc	administração	auxiliar de produção	feminino
6	15	30	casado c/ filhos	1.900	fundamental		impressor gráfico	masculino
7	8	21	mora c/ irmã	2.500	superior inc	administração	operador empilhadeira	masculino
8	15	28	mora sozinho	3.000	superior inc	sistemas de inform.	operador de páginas	masculino
9	4	23	mora c/ os pais	2.100	superior inc	engenharia	impressor	masculino
10	12	28	casado c/ filhos	2.300	ensino médio		impressor	masculino
11	8	28	casado c/ filhos	1.800	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
12	12	30	mora c/ mãe e filho	5.000	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
13	15	29	casado c/ filhos	2.000	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
14	2	20	mora c/ os pais	3.000	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
15	16	30	casado c/ filhos	2.000	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
16	4	21	mora c/ os pais	3.000	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
17	16	28	mora c/ mãe	5.000	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
18	4	22	mora c/ os pais	3.000	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
19	4	21	mora c/ os pais	3.500	ensino médio		auxiliar de expedição	masculino
20	10	23	mora c/ os pais	2.800	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
21	0,5	20	mora c/ os pais	3.000	superior inc	direito	auxiliar de remessa	masculino
22	6	24	mora c/ os pais	3.000	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
23	4	24	mora c/ os pais	6.000	ensino médio		técnico mecânico	masculino
24	12	29	casado c/ filhos	3.000	superior inc	física	técnico mecânico	masculino
25	12	29	mora c/ os pais	8.000	superior inc	engenharia	técnico em automação	masculino
26	7	26	mora c/ os pais	4.000	superior inc	engenharia	técnico eletrotécnico	feminino
27	12	29	mora c/ os pais	2.500	ensino médio		eletricista	masculino
28	5	23	mora c/ os pais	3.000	superior	letras	call center	feminino
29	16	30	casado c/ filhos	5.000	ensino médio		call center	masculino
30	5	20	mora c/ os pais	4.000	ensino médio		call center	feminino
31	10	28	mora c/ os pais	4.000	superior inc	administração	call center	feminino
32	5	28	casado c/ filhos	4.000	superior inc	direito	call center	feminino
33	16	29	mora c/ os pais	7.000	superior inc	marketing	call center	feminino
34	5	24	mora c/ os pais	4.000	superior inc	administração	call center	masculino
35	4	24	mora c/ os pais	8.000	superior inc	administração	call center	masculino
36	9	29	mora sozinho	1.600	ensino médio		auxiliar de remessa	masculino
MÉDIA	8	25		3.483,33				

Quadro 3 – Características do Grupo 2

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se que os 36 participantes do grupo 2 têm média de idade de 25 anos, trabalham há 8 anos aproximadamente. Destes jovens, 64% ainda mora com os pais ou irmãos, 31% são casados, sendo que 73% do grupo de casados já possuem filhos, e 6% mora sozinho. A renda familiar mensal é de R\$ 3.500,00, 56% tem o ensino médio completo, 39% têm curso superior incompleto e 3% do grupo tem superior completo e fundamental completo, respectivamente. As áreas da empresa na qual este grupo pertence é o parque gráfico do jornal, ou seja, a parte industrial do negócio, onde se articulam os processos que envolvem a impressão do jornal; e a área de call center que atende reclamações de clientes e venda ativa de anúncios impressos. O grupo foi formado por 27 integrantes do parque gráfico nos cargos de auxiliar, técnico, instalador e operador e 8 integrantes do call center. Este grupo foi composto por 81% de homens 19% de mulheres.

	Tempo de Trabalho (anos)	Idade	Situação Familiar	Renda	Formação	Cargo	Sexo
1	7	25	solteira c/ 2 filhos	800	fundamental	catadora de lixo	feminino
2	6	21	casada c/ 2 filhos	1.600	fundamental	catadora de lixo	feminino
3	17	28	casada c/ 4 filhos	2.500	fundamental incompleto	catadora de lixo	feminino
4	11	23	casada c/ 2 filhos	700	fundamental	catadora de lixo	feminino
5	10	26	solteira c/ 2 filhos	800	fundamental incompleto	catadora de lixo	feminino
6	19	29	solteira c/ 4 filhos	600	fundamental	catadora de lixo	feminino
7	11	23	casado c/ 4 filhos	1500	fundamental	catadora de lixo	masculino
8	21	31	solteira c/ 3 filhos	1000	fundamental incompleto	catadora de lixo	feminino
9	14	27	casada c/ 3 filhos	900	fundamental	catadora de lixo	feminino
10	15	29	casada c/ 4 filhos	400	fundamental incompleto	catadora de lixo	feminino
11	2	20	solteira e mora c/ pais	900	ensino médio	catadora de lixo	feminino
12	19	30	casado c/ 2 filhos	1800	fundamental	catadora de lixo	masculino
13	8	30	casada c/ 5 filhos	1400	fundamental incompleto	catadora de lixo	feminino
14	16	30	casada c/ 4 filhos	2700	fundamental	catadora de lixo	feminino
15	15	27	casado c/ 2 filhos	1800	fundamental incompleto	catadora de lixo	masculino
16	5	20	mora c/avó	1000	fundamental	catadora de lixo	feminino
17	17	27	casada c/ 3 filhos	1500	fundamental incompleto	catadora de lixo	feminino
18	7	25	mora c/ 1 filha e 2 irmãos	800	fundamental incompleto	catadora de lixo	feminino
19	11	28	mora c/ mãe e irmãos	2500	fundamental incompleto	catadora de lixo	masculino
20	8	30	mora c/ mãe e irmãos	2500	ensino médio	catadora de lixo	feminino
MÉDIA	12	26		1385			

Quadro 4 – Características do Grupo 3

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se que os 20 participantes do grupo 3 têm uma média de idade de 26 anos, trabalham há 12 anos aproximadamente. Destes jovens, 45% mora com a família, 55% são casados, sendo que 80% de todo o grupo já possuem de 1 a 5 filhos. A renda familiar mensal é de R\$ 1.400,00, 45% tem o fundamental completo e incompleto, respectivamente e 10% tem o ensino médio. Este grupo pertence a duas Cooperativas de Reciclagem de Lixo de São Paulo, vinculadas à Prefeitura Municipal e todos os participantes do grupo são catadores de lixo. Estes jovens trabalham de forma fixa na Cooperativa há pelo menos 1 ano. Este grupo foi composto por 80% de mulheres e 20% de homens.

A coleta de dados foi realizada da seguinte forma: cada participante elaborou, individualmente, um desenho livre que representou o que era trabalho para ele/ela. Vale ressaltar que a pesquisadora reforçou que eles poderiam desenhar quantas figuras quisessem, não havia respostas certas ou erradas e a qualidade do desenho não seria analisada. Em um segundo momento, foi conduzida uma entrevista semiestruturada onde abordaram-se as seguintes questões:

- 1- O que representa seu desenho?
- 2- O que ele diz sobre trabalho?
- 3- Este desenho tem a ver com sua função atual, ou não? Caso sim, você desenharia outra figura? Qual e por quê?
- 4- Quais os sentimentos que estão envolvidos nesta representação de trabalho?
- 5- O que é trabalho para você.

As entrevistas foram conduzidas de forma muito tranquila, e os participantes não tiveram dificuldades em falar do tema estudado.

5.2 ANÁLISE DOS DADOS

O processo inicial para análise de conteúdo das 92 entrevistas foi a transcrição das gravações e a posterior escuta para a conferência do material coletado. Inicialmente, foi realizada uma primeira leitura do material transcrito, ou seja, uma leitura flutuante para a identificação dos temas e pontos recorrentes dos discursos, no grupo todo e em cada um dos três grupos analisados individualmente. Posteriormente, foi realizada uma segunda leitura que

originou uma síntese de cada entrevista. A partir desta etapa, foi possível, através da análise manual dos conteúdos originários do discurso dos participantes, identificar, através da proximidade de significados, seis categorias derivadas do tema trabalho. Em um segundo momento, foi realizada a análise dos desenhos dos jovens participantes da pesquisa. O critério para a criação de categorias foi o subtema ter aparecido no discurso de pelo menos dois dos três grupos estudados.

No quadro 5 estão expostas as categorias e seus respectivos subtemas que serão posteriormente compartilhados na análise de conteúdo.

Trabalhar para quê?	Trabalho para ter dinheiro e comprar coisas Trabalho pela minha família Trabalho para manter a cabeça ocupada Para aprender e crescer profissionalmente Trabalho pelo Reconhecimento
O que é trabalho?	Responsabilidade Pessoas Outros
O que valorizo no trabalho?	Estudo Qualidade de vida Outros
O sujeito e o trabalho	Fazer o que gosta Trabalho não é fácil Trabalho é minha vida Trabalho e felicidade Outros
Trabalho e dinheiro	Dinheiro como independência
Sentimentos e trabalho	Alegria Felicidade Força de vontade Cansaço

Quadro 5 - Categorias e subtemas

Fonte: Elaborado pela autora

Primeiramente, é importante reforçar que as categorias e, conseqüentemente os subtemas criados nesta pesquisa, tiveram o objetivo de facilitar o entendimento das questões sobre trabalho que os participantes trouxeram ao longo das entrevistas. Contudo, como se trata de um único tema, observou-se que, em alguns subtemas, houve questões que se sobrepueram, em mais de uma categoria. Quando isto aconteceu, escolheu-se alocá-los na categoria que mais se aproximou dos seus significados.

A primeira categoria (*trabalhar para quê?*) diz respeito ao motivo que leva os jovens a trabalharem, o que os impulsiona a saírem de suas casas e ficarem pelo menos oito horas trabalhando. A segunda categoria (*o que é trabalho?*) refere-se ao conceito de trabalho que os jovens pesquisados têm como referência. Este conteúdo foi oriundo da questão que solicitava aos participantes definirem trabalho em poucas palavras. A terceira categoria (*o que valorizo no trabalho*) expressa o que as pessoas entendem como relevante para "crescer" profissionalmente e ter sucesso no trabalho; e o que os jovens esperam das organizações em que trabalham ou trabalharam; o que era importante para eles quando estavam vinculados a alguma organização. A quarta categoria (*o sujeito e o trabalho*) trata-se da categoria que aborda questões mais abrangentes; pontos específicos de como o trabalho é inserido na vida das pessoas, ou seja, que significado "individual" é dado ao trabalho em suas vidas. A quinta categoria (*trabalho e dinheiro*) apesar de não ter sido tema específico de nenhuma pergunta direcionada pela pesquisadora, ela foi criada por aparecer de forma insistente nos discursos de quase todos os participantes desta pesquisa. Neste item são trazidas as percepções dos jovens, nos diferentes grupos, sobre o dinheiro e o papel que este representa em suas vidas. A sexta categoria (*sentimentos e trabalho*) foi fruto de uma pergunta direcionada durante as entrevistas, que buscou conhecer quais os sentimentos que emergem quando os participantes olham o seu desenho sobre trabalho.

6 DESCRIÇÃO DOS CONTEÚDOS ANALISADOS

Nesta sessão, serão descritos, inicialmente, o conteúdo das 92 entrevistas divididas, conforme informado anteriormente, em seis categorias e, posteriormente, serão compartilhados os resultados dos desenhos realizados pelos jovens dos três grupos participantes da pesquisa.

Com o propósito de facilitar o entendimento, serão abordados, primeiramente, os pontos em comum nos discursos dos três grupos, posteriormente, quando houver, serão compartilhadas as diferenças e especificidades de cada grupo estudado e exemplificados com alguns trechos das entrevistas.

6.1 TRABALHAR PARA QUÊ?

Esta categoria foi a primeira classificação adotada. As pessoas, de uma forma geral, ao explicarem seus desenhos falavam do porque trabalhavam e o que as motivavam sair de casa para trabalhar. Esta categoria, portanto, é a categoria que mais se relaciona com a figura desenhada pelo participante.

6.1.1 Trabalho para ter dinheiro e comprar coisas

Similaridades:

Observou-se que esta afirmativa foi a de maior incidência nos três grupos estudados. Ou seja, o trabalho é percebido como um meio para se ganhar dinheiro e adquirir bens, sejam eles básicos de sobrevivência, como o alimento e a casa própria, que aparece quase que exclusivamente no grupo 3, até os mais sofisticados, como viagens para o exterior, carro, moto e instrumentos musicais. O que mais chamou atenção nos discursos destes jovens é que esta motivação para o trabalho apareceu de forma exclusiva para 54% dos jovens participantes, ou seja, mais da metade destes jovens verbalizam que trabalham exclusivamente pelo dinheiro. O grupo restante considera a remuneração como parte motivadora para o trabalho, mas não reforça sua exclusividade. Este percentual é diferente para cada grupo.

Diferenças:

Grupo 1: Observou-se que 45% dos jovens do grupo 1 trabalham exclusivamente pelo dinheiro. Percebeu-se, além do desejo da compra da casa própria, o desejo por produtos e serviços que remetem à ideia de conforto e sofisticação de lazer.

Grupo 2: Observou-se que 36% dos jovens do grupo 2 trabalham exclusivamente pelo dinheiro. Percebeu-se que os desejos de compra extrapolam a casa própria e incluem o carro e o lazer, principalmente.

Grupo 3: Observou-se que 100% dos jovens participantes do grupo 3 falam claramente que trabalham pelo dinheiro, para sobreviver e depois comprar a casa própria e desfrutar de algum lazer. Estes objetivos representam para o grupo, o futuro e a esperança de uma vida com mais segurança financeira.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 6.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> •“... eu penso que eu trabalho pra que? Pra ser feliz. E o que vai me fazer feliz? É comprar a minha casa própria, é ter condições de ter um nenenzinho e de... ter todo mundo pode ter, mas a condição de ter, de botar num colégio legal, de pagar cursos legais, atividades legais. É isso que é caro, comida e roupa a gente consegue, caro é tu manter a qualidade de vida da pessoa. Ter um carro bom, eu acho que assim, viagens assim, porque eu penso em qualidade de vida num futuro legal – isso aqui é a Torre Eiffel” (entrevistado 52, grupo 1) •“...acho que o meu trabalho é o meio para eu fazer da música o meu hobby, para eu poder comprar meu instrumento, para eu poder me divertir.”(entrevistado 31, grupo 1) 	<ul style="list-style-type: none"> •“Trabalho para mim é poder comprar a minha casa própria, o meu carro e aqui seria fazer a faculdade (mostra o desenho). Os três objetivos que eu tenho na minha vida. Tem mais, mas esse seriam os mais... os primeiros, né? porque eu moro com a minha mãe, mas eu quero ter a minha casa e o meu carro” (entrevistado 9, grupo 2). 	<ul style="list-style-type: none"> •“Eu trabalho já pensando no dinheiro. No fim do mês para pagar minhas contas, no sustento de casa, que o que eu pego no fim do mês, pago conta de água. Então, esse é o intuito do meu trabalho, entendeu? Honrar os compromissos que tenho em casa com minha mãe, com meus irmãos, custa dinheiro” (entrevistado 13, grupo 3) •“Aqui no desenho é a minha casinha. Que eu moro em um barraco, mas o meu sonho é ter minha casinha.” (entrevistado 5, grupo 3) •“O essencial do trabalho é o salário que a gente tem. Aí a gente começa a evoluir. Porque se não tiver, não dá para fazer nada. O meu desenho significa que eu trabalho porque eu preciso de dinheiro. Entendeu? Eu tenho três filhos.” (entrevistado 1, grupo 3)

Quadro 6 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho para ter dinheiro e comprar coisas

Fonte: Elaborado pela autora

6.1.2 Trabalho pela família

Similaridades:

Esta resposta foi o segundo item de maior incidência na motivação das pessoas para o trabalho. Os participantes dos três grupos colocam que trabalham por suas famílias, pelos seus filhos, mães e irmãos. O *trabalho pela família* significou dar estrutura material para a família como o alimento, casa e conforto. Também se percebeu, nos três grupos analisados, um olhar que recai na importância do trabalho como um valor, como dignidade e moral. Esta visão do trabalho é passada ao longo das gerações para os jovens participantes.

Diferenças:

Grupos 1 e 2: A inclusão da família nas motivações para o trabalho aparece de forma importante nos grupos 1 e 2, contudo, como a maioria dos jovens destes grupos não têm filhos ainda, esta motivação para o trabalho aparece como uma condição para se formar uma família, ou seja, ter condições de dar conforto a sua futura família. Também foi possível perceber nos grupos 1 e 2 que a família é vista como base emocional para o trabalho, ela representa o alicerce que fornece forças para ir em frente.

Grupo 3: O *trabalhar pela família* aparece como sustento propriamente dito; é o que um dos participantes deste grupo trouxe como “*poder criar seus filhos dignamente*”. Neste sentido, também aparece de forma muito incisiva a preocupação em dar condições financeiras para que seus filhos possam ter a chance de estudar e fazerem suas vidas melhores financeiramente do que a deles. A família como base emocional aparece de forma diferente que nos grupos 1 e 2. Para os jovens do grupo 3 a base e estrutura emocional vem deles para com seus filhos e até pais, mas não remetem este legado aos seus pais.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 7.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> •“é... coloquei aqui uma casinha, aqui, que significaria a família, né? Eu, até como traço de perfil, sou muito apegado a minha família, e muitas, muito desse caminho, essa grande estrada que eu traço é em prol da minha família, então isso me baliza também” (entrevistado 31, grupo 1). •“...coisas que eu quero para poder ter a minha família, sabe? Ter a estrutura necessária para poder dar uma vida legal para o meu filho, viver legal com a minha esposa, tomar mais... poder ter uma legal, poder viajar para lugares que eu ainda não fui, ou lugares que eu já fui e quero voltar, para poder ter a minha casa” (entrevistado 29, grupo 1). 	<ul style="list-style-type: none"> •“Então, tá... primeiramente, o trabalho, para mim, é que eu... acho que o trabalho é tudo. Para eu poder ter um conforto, um lar, para poder dar um lar para a minha família, tranquilamente...” (entrevistado 25, grupo 2). •“Então é isso, eu acho isso aí, o trabalho... um homem sem trabalho... como meu pai diz pra mim, um homem sem trabalho é um homem sem moral, sem caráter, o homem não é nada sem trabalho. E trabalho pra mim é importante” (entrevistado 14, grupo 2) 	<ul style="list-style-type: none"> •“E a gente que tem uma família, a gente não pensa em ficar no mesmo lugar. Tipo, “nós mora” aqui na comunidade, e tudo, trabalha. A gente pensa em crescer, se estabilizar em um lugarzinho melhor, dar um grau de escolaridade para os meus filhos melhor. Amanhã, mais tarde, comprar uma casinha melhor na rua...Minha família, eu chegando do trabalho com eles felizes, não triste. Porque se você não trabalha sua família fica triste. Se você trabalha sua família fica mais alegre ainda. Pode ser um passeio dentro de casa, e é isso” (entrevistado 7, grupo 3). •“O que acontece que quando você vai ser pai, assume mais responsabilidades. Eu nunca tive um pai presente, e hoje faço o que meu pai não fez por mim”. (entrevistado 17, grupo 3)

Quadro 7 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho pela família

Fonte: Elaborado pela autora

6.1.3 Trabalho para manter a cabeça ocupada

Similaridades:

Esta resposta também fez parte do discurso dos jovens dos três grupos estudados. A motivação para o trabalho, nesta questão, veio relacionada ao manter o equilíbrio mental através do trabalho. Para estes jovens, manter-se ocupado mentalmente contribui com a saúde e com o cultivo de pensamentos positivos.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 8.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> • “...é a satisfação de estar fazendo alguma coisa que tá ligada ao movimento, ao fato de você estar desenvolvendo uma atividade, de não estar parado, de estar ocupando a sua cabeça, de tu estar em atividade” (entrevistado 30, grupo 1). 	<ul style="list-style-type: none"> • “...mas pra mim trabalho... pra mim é bom. Tu não tá com a cabeça vazia pensando em outras coisas, besteira ou alguma coisa assim, né?” (entrevistado 21, grupo 2) • “...ficando em casa você vê a pessoa começar a entrar em depressão e tudo mais.” (entrevistado 23, grupo, 2) 	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que trabalho é tudo. Como a gente vê hoje em dia, a maioria dos adolescentes vive nas drogas. Eu acho que se esse povo vivesse de trabalho acabaria mais a violência. Os jovens pensam em drogas, violência. E eu acho que com o trabalho, eles até esquecem mais” (entrevistado 15, grupo 3).

Quadro 8 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho para manter a cabeça ocupada

Fonte: Elaborado pela autora

6.1.4 Para aprender e crescer profissionalmente

Similaridades:

O discurso do trabalhar para crescer e continuar aprendendo apareceu de forma recorrente nos jovens dos três grupos analisados, com destaque para o grupo 1 e 2. O discurso do crescimento e aprendizado, apesar do uso das mesmas palavras, teve significados diferentes para cada grupo.

Diferenças:

Grupo 1 e 2: Esteve presente em alguns discursos o entendimento de crescimento pessoal através das oportunidades que o trabalho oferece. O crescimento está relacionado com carreira e ascensão na organização.

Grupo 3: Observou-se que a percepção de crescimento para os jovens do grupo 3 reside, principalmente, na aquisição de bens materiais, e a “evolução de vida” significa ter uma casa própria e conforto para a família, mas também viu-se presente em 2 jovens deste grupo o discurso de aprendizado.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 9.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> •“Eu acho que o trabalho é uma chance de crescimento, antes de qualquer coisa, eu botei aqui. Porque assim, eu acho que há chances de crescimento mesmo, assim, eu acho que estou aprendendo muito nesse ano, né? E eu acho que estou aprendendo cada vez mais, e eu acho que isso é um fruto para eu crescer e eu acho que não é só profissional, né? O cara cresce como pessoa assim, lidar com todo o tipo de gente, um monte de experiências, eu vejo o trabalho dessa maneira” (entrevistado 29, grupo 1) 	<ul style="list-style-type: none"> •“Pra crescer aqui dentro da empresa, eu tenho isso comigo, ter um crescimento aqui dentro, sair da área de fonados e ir pra uma outra área, né? E aumentando sempre, sempre... sempre, essa é a minha idéia aqui dentro”. (entrevistado 5, grupo 2) 	<ul style="list-style-type: none"> •“Eu pensei que trabalho é progredir, crescer na vida. Seu sonho é ter uma casa, é o que eu mais desejo, sair do aluguel. Dar um conforto para a família, porque se você não trabalha como vai conseguir isso? O trabalho é tudo, para você conquistar as coisas, dependemos do trabalho. (entrevistado 20, grupo 3) •“Hoje em dia não é mais só pelo dinheiro, também. Você começa a aprender o que você pode fazer com os lixos, aterro, essas coisas todas, sustentabilidade”. (entrevistado 9, grupo 3)

Quadro 9 – Exemplos de comentários: trabalho para apreender e crescer profissionalmente

Fonte: Elaborado pela autora

6.1.5 Trabalho pelo reconhecimento

Diferenças:

Grupos 1 e 2: Os jovens dos grupos 1 e 2 trouxeram, como uma das motivações principais para o trabalho, a conquista do reconhecimento de suas realizações pelo seus “chefes”, ou da empresa de uma forma geral.

Um exemplo de comentário realizado pelo grupo 2, durante as entrevistas, encontra-se no quadro 10.

Grupo 2

- *“Nada mais do que o reconhecimento por tudo aquilo que eu to fazendo, então eu tentei fazer uma plaquinha aqui (mostra o desenho). É o reconhecimento, acho que é tudo o que a gente busca quando segue um mercado de trabalho, né? Estar feliz, alcançar o que a gente quer financeiramente, bens materiais e também ser reconhecida dentro do mercado de trabalho, ser reconhecido na empresa ou até mesmo almejar se tu quiser sair pra algum lugar, tu buscar ser reconhecido pra depois botar isso no seu currículo” (entrevistado 5, grupo 2)*

Quadro 10 – Exemplo de comentários de entrevistad: Trabalho pelo reconhecimento

Fonte: Elaborado pela autora

6.2 O QUE É TRABALHO?

Esta categoria é originária da questão 5, do roteiro de entrevista que buscou entender dos jovens o conceito de trabalho, traduzido em poucas palavras. A ideia deste recorte do tema foi conhecer quais as palavras escolhidas para definir trabalho, em uma ordem de prioridade.

6.2.1 Responsabilidade

Similaridades:

O termo responsabilidade foi escolhido como uma das palavras que melhor define trabalho na percepção dos jovens dos três grupos estudados.

Diferenças:

Grupo 1: No grupo 1 o trabalho, como responsabilidade marca a entrada no mundo dos adultos e também foi utilizado associado à diversão, ou seja, ter responsabilidade mas de uma forma leve e prazerosa.

Grupos 2 e 3: Observou-se que o termo responsabilidade está muito ligado à noção de prover o sustento da família.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 11.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> •“...agora eu sou adulto. Tenho que ser adulto. Tenho que ter responsabilidade” (entrevistado 64, grupo 1) •“...acho que o trabalho proporciona um grande amadurecimento para as pessoas. Nós ainda que somos jovens, nós temos um amadurecimento quase forçado, e isso é muito coisa muito bacana.” (entrevistado 30, grupo 1) •“Então para mim, eu não gosto de ficar sem ter o que fazer, e trabalho sempre foi esse meio, assim, para encontrar felicidade, se envolver com pessoas, é igual a um clube, mas assim, com responsabilidades, né?” (entrevistado 31, grupo 1) 	<ul style="list-style-type: none"> •“Acho que é isso, trabalho é responsabilidade é ajudar o próximo, no caso eu que tenho família, ajudar a minha família. Representa bem isso pra mim” (entrevistado 25, grupo 2) •“E como eu já sou pai de família a gente tem que pensar em trabalho, né? Mesmo que não queira tem que pensar” (entrevistado 21, grupo 2) 	<ul style="list-style-type: none"> •“Responsabilidade. Você é responsável por tudo na casa, eu fico mais aqui, do que na minha casa.” (entrevistado 19, grupo 3)

Quadro 11 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho é responsabilidade

Fonte: Elaborado pela autora

6.2.2 Pessoas

Similaridades:

O termo “pessoas” também foi outro ponto de consenso entre os três grupos estudados. Os participantes trouxeram a importância das pessoas/equipe no fazer do trabalho e a relevância dos colegas e amigos no dia a dia organizacional.

Diferenças:

Grupo 1: Neste grupo os jovens trazem a relevância *das pessoas* para se conseguir os objetivos organizacionais. Também aparece o trabalho como fazer algo em prol das *pessoas*.

Grupos 2 e 3: Além do discurso da união em prol de objetivos da empresa, observou-se, de forma importante, a percepção das pessoas como além de colegas de trabalho, tornando-se amigos que extrapolam o convívio organizacional.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 12.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Que o trabalho principalmente na nossa empresa é muito ligado as pessoas que pra gente ter um resultado financeiro a gente depende de várias pessoas, entendeu? Então senão tiver a união de todos indo em busca de trabalhar com a empresa, ninguém vai fazer nada sozinho. Então eu acredito que o trabalho de um modo geral é a união de todas as pessoas para alcançar um resultado significativos" (entrevistado 58, grupo 1)</i> • <i>...praticar algo que faça a diferença no convívio social, faça a diferença no mundo. Que faça com que o mundo caminhe melhor e melhore a vida das pessoas" (entrevistado 66, grupo 1)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>"...assim é que essas pessoas e...amigos colegas de serviço que no serviço a gente encontra e carrega para toda vida, né? Um colega de serviço teu, mas mesmo assim você continua tendo contato com a pessoa. Tu vai levar essa pessoa para vida inteira(entrevistado 18, grupo 2)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Eu gosto do lugar, eu gosto do povo que trabalha comigo, com a minha prima...a gente começou do zero, Pedro, João, Maria...Aí a gente começou do pouquinho e hoje é essa firma que a gente conhece (entrevistado 5, grupo 3)</i> • <i>"É isso que no trabalho a gente depende . A união também do grupo, se tiver grupo, senão tiver você tem que fazer ". (entrevistado 7, grupo 3)</i>

Quadro 12 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho é pessoas

Fonte: Elaborado pela autora

6.2.3 Outros

Além das questões acima mencionadas, que foram compartilhadas pelos três grupos, houve alguns pontos específicos de cada grupo que serão a seguir pontuados:

▪ TRABALHO É META/FOCO/OBJETIVO

Grupos 1 e 2: As definições de meta/objetivo/foco aparecem de forma significativa nos discursos dos grupos 1 e 2. Veio geralmente associada às conquistas materiais, mas também aparecem ligadas à carreira e objetivos pessoais que o trabalho viabiliza.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos grupos 1 e 2, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 13.

Grupo 1	Grupo 2
<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Porque daí, eu não retratei, mas foi minha linha de raciocínio de traçar uma carreira, de traçar um objetivo e o que a gente faz para alcançar esse objetivo.” (entrevistado 41, grupo 1)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Eu acho que sim, pra mim eu sempre tive muito... muito focada nessa questão de trabalho, sempre foi bem focado,... sempre soube onde eu queria chegar, o que eu queria ser, dentro das minhas possibilidades, obvio. Porque claro que sonhos a gente sempre tem, mas dentro das minhas possibilidades eu acho que atingi o que eu queria atingir assim...” (entrevistado 2, grupo 2)</i>

Quadro 13 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho é meta/foco/objetivo

Fonte: Elaborado pela autora

▪ TRABALHO É CUMPRIR O DEVER

Grupo 1: Percebeu-se que o dever no grupo 1 está ligado às metas da empresa e, conseqüentemente, às cobranças pelo seu alcance.

Grupo 2: Relaciona-se com o *dever* de trabalhar para se ter a remuneração; trabalhar no que gosta é valorizado, mas nem sempre se faz possível.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos grupos 1 e 2, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 14.

Grupo 1	Grupo 2
<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Se a empresa pede para fazer, tu tem que ter o compromisso com a empresa, então não é só prazer, tem uma coisa assim que é o teu comprometimento que precisa fazer.” (entrevistado 46, grupo 1)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“...mas tem que trabalhar, então a gente faz o que for que tiver para fazer a gente faz. Então acho que a maioria das pessoas já fazem o que não gosta, faz mais porque precisa do dinheiro ou alguma coisa” (entrevistado 71, grupo 2)</i>

Quadro 14 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho é cumprir o dever
Fonte: Elaborado pela autora

▪ **TRABALHO COMO IDEIAS, INOVAÇÃO**

Grupo 1: No grupo 1 a geração de novas ideias (inovação), a mudança e a falta de rotina são requisitos de motivação.

Grupo 2: O trabalho foi definido também pelas ideias e geração de novas ideias. E observou-se que as “ideias” aparecem associadas ao conceito de perpetuidade do trabalho. Diferentemente do grupo 1, a rotina surge como algo valorizado, que auxilia na organização do trabalho.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos grupos 1 e 2, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 15.

Grupo 1	Grupo 2
<ul style="list-style-type: none"> • “Aqui eu coloquei uma lampadinha, porque eu acho que trabalho sempre tem que ter... inovação, tem que ter coisas novas, você tem que fazer coisas diferentes. Eu não acredito muito em fazer as coisas da mesma forma e não buscar formas diferentes ou melhores de realizar aquele processo, de chegar num fim desejado.” (entrevistado 28, grupo 1) • “Então eu não gosto de ficar naquela rotina todos os dias, fazendo a mesma coisa, fazendo as mesmas ligações, os mesmos clientes, as mesmas pessoas, os mesmos desafios” (entrevistado 63, grupo1). 	<ul style="list-style-type: none"> • “...eu quero ter ideias que eu possa ficar, ó: “o Felipe passou por aqui e deixou tal ideia, esse ele ajudou e ficou” e... com essas ideias, poder fazer um intercâmbio viajando para outros lugares, outras empresas. Para eu poder levar essas ideias para lá também, que eu acho que seria muito útil. Eu gostaria de deixar alguma coisa, não só passar, essa é uma ideia que eu tenho de... (entrevistado 26, grupo 2) • “Às vezes as pessoas falam de rotina, mas acho que a rotina é mais viável do meu ponto de vista, ao meu ver. Porque isso ajudaria... a você se organizar melhor. Às vezes tu programa alguma coisa, mas fisicamente sou incapaz de fazer algumas coisas por causa do cansaço. Não só físico, mas como mental também” (entrevistado 36, grupo 2).

Quadro 15 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho como ideias, inovação

Fonte: Elaborado pela autora

6.3 O QUE VALORIZO NO TRABALHO?

Esta categoria foi oriunda dos discursos dos jovens quando falavam sobre o que é necessário para crescer profissionalmente e o que esperavam da organização em que trabalham ou trabalharam.

6.3.1 Estudo

Similaridades:

Observou-se um consenso nesta questão quando os jovens afirmam que o estudo é o principal meio de crescimento profissional.

Diferenças:

Grupo 1: O estudo faz parte natural do mundo do trabalho e a sua continuidade, na participação de cursos de pós-graduação, é uma pauta relevante para os jovens deste grupo.

Grupo 2: O estudo aparece sendo capaz de “*abrir os horizontes*” e, percebe-se o esforço destes jovens para continuarem trabalhando para custear seus estudos.

Grupo 3: No grupo 3 esta questão aparece como única forma de se ter um trabalho melhor, e é reforçado pela preocupação do grupo em dar condições de estudo para seus filhos, já que a maioria destes jovens não tem nem o ensino fundamental.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 16.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> • “...então eu morei no exterior, fiz um curso no exterior, com a ajuda deles, e hoje, para mim, representa, assim, mais uma fase e uma realização de concretizar o sonho que eu tinha,... meu sucesso profissional, de acordo com esse investimento que eu tive dos meus pais, de acordo com essa oportunidade incrível que eu tive...” (entrevistado 33, grupo 1) 	<ul style="list-style-type: none"> • “Vou lá, vou trabalhar, me matar assim, sempre... assim. Mas conforme vai estudando, vai tendo as experiências no trabalho no decorrer assim, né? A tua vida profissional vai melhorando, vai enxergando mais coisas na verdade, né?” (entrevistado 17, grupo 2) • “...e penso no meu futuro, que representa estudar, o livro representa o meu estudo e eu tendo as condições de pagar o meu estudo, e o meu futuro..e através do meu trabalho também conseguir pagar o meu estudo, esse é o meu objetivo.” (entrevistado 62, grupo 2) 	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu trabalho para dar educação para elas (filhas) e para sobreviver também.” (entrevistado 7, grupo 3)

Quadro 16 – Exemplos de comentários dos entrevistados: no trabalho valorizo o estudo

Fonte: Elaborado pela autora

6.3.2 Qualidade de vida

Similaridades:

O item de qualidade de vida e lazer também aparece nos discursos dos jovens dos três grupos participantes desta pesquisa.

Diferenças:

Grupo 1: No grupo 1 este item é muito mais presente, configurando-se em requisito de escolha da organização para se trabalhar.

Grupos 2 e 3: A qualidade de vida está relacionada a viagens e a passeios nos finais de semana e férias.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 17.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> • “O segundo desenho é qualidade de vida, que assim, um dos motivos de eu ter saído de São Paulo foi esse. Buscar o equilíbrio entre o trabalho e a qualidade de vida. Aquela coisa de você não trabalhar, você se esforçar dentro daquelas oito horas e meia que você foi contratada, dar o seu sangue, vestir a camisa, realmente fazer por valer, mas depois do teu horário de trabalho você vai para a sua casa, fica com os teus cachorros, com o teu marido, com a tua família, faz as coisas que você gosta.” (entrevistado 63, grupo 1) 	<ul style="list-style-type: none"> • “...trabalhando bastante e ter um pouco do luxo de desfrutar de viagens e tal, porque eu sou uma pessoa que nunca saí do estado do Rio Grande do Sul, sabe?” (entrevistado 20, grupo 2) 	<ul style="list-style-type: none"> • “Aqui é tipo um jardim, uma árvore que é o lazer. A gente tem que trabalhar para ter o lazer, essas coisas... Eu gosto muito de passear. ...E eu gosto muito de ir no shopping. Não para comprar assim, eu gosto muito de andar no shopping, essas coisas. Parque de diversões, adoro! Essas coisas.” (entrevistado 1, grupo 3)

Quadro 17 – Exemplos de comentários dos entrevistados: no trabalho valorizo a qualidade de vida
Fonte: Elaborado pela autora

6.3.3 Outros

Foi observado que mais três itens apareceram, com certa frequência, nos discursos da questão “sobre o que valoriza no trabalho”, tendo sido considerado relevante compartilhar neste momento o seu conteúdo.

▪ SE NÃO ESTÁ BOM, TROCA

Similaridades:

Observou-se, de forma impactante no discurso dos jovens dos grupos 1 e 2, o despreendimento com relação à organização. A maioria afirma que, enquanto a empresa está “agregando” para eles, não há motivos para sair da organização, entretanto, no momento em que ocorre um rompimento das expectativas com relação à organização, eles trocam por outra empresa do mercado. Além disto, o intercâmbio entre as empresas é valorizado para “*abrir a cabeça*”.

Diferenças:

Grupo 3: Percebe-se um movimento contrário dos grupos 1 e 2, ou seja, de valorização do emprego.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 18.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> • “Se eu estou há seis meses na mesma rotina já falo: “não dá. Ou muda, ou tchau, vou buscar outra oportunidade, vou buscar algo que me agregue”, então basicamente é isso.” (entrevistado 63, grupo 1) 	<ul style="list-style-type: none"> • “...só que eu também não sou tão apegado a um local ou outro porque se eu to aqui... a gente... to totalmente voltado pra empresa, mas eu não posso também ficar com a visão fechada aqui, eu costumo dizer que é a mesma coisa que você colocar aquelas viseiras de cavalo assim, você só olha pra frente e não vê o mundo ao redor e muita coisa você perde” (entrevistado 56, grupo 2) 	<ul style="list-style-type: none"> • “Tem que valorizar seu emprego, que tá difícil” (entrevistado 19, grupo 3).

Quadro 18 – Exemplos de comentários dos entrevistados: se não está bom, troca

Fonte: Elaborado pela autora

▪ O QUE ESPERAR DA ORGANIZAÇÃO

Diferenças:

Este item diz respeito à forma com que os jovens enxergam a relação com a organização em que trabalham.

Grupo 1: Os jovens trouxeram esta relação como um “pacto” organizacional, portanto, bilateral; um acordo, às vezes, velado de expectativas de ambos os lados. Também observou-se nos discursos uma preocupação em manter a imagem da organização e a responsabilidade em ser funcionário da empresa. Em contraposição ao discurso do item anterior, apareceu a valorização na estabilidade de um emprego fixo e a importância de se estar vinculado a alguma organização.

Grupo 2: Observou-se a importância da empresa “tratar bem” os funcionários para que consiga o comprometimento de “coração” destes.

Alguns exemplos de comentários realizados pelo grupo 1 e 2, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 19.

Grupo 1	Grupo 2
<ul style="list-style-type: none"> • “Então pra mim isso é uma coisa... uma satisfação gigante e a gente acaba criando uma responsabilidade gigante pelo nome da empresa onde a gente trabalha. Então, eu sempre me preocupo com a imagem da empresa, sabe?” (entrevistado 48, grupo 1) • “...eu tinha vários trabalhos (freelancers) e eu me sentia meio largado e foi uma época meio triste”. (entrevistado 31, grupo 1). • “E eu acho legal, assim, acho que outra palavra seria pacto, tá? Uma coisa que eu gosto aqui é que eles acreditam bastante na gente, aqui nesse programa, e que...a gente também investiu uma boa dose de fé, eu larguei a minha família em São Paulo, porque eu acredito que a empresa também vai me dar aquilo que eu vou dar para a empresa na mesma proporção” (entrevistado 31, grupo 1). 	<ul style="list-style-type: none"> • “É uma empresa que eu me identifico e tem mais ou menos assim, uma forma de tratar os funcionários que eu gosto. Então também me adaptar a outra empresa também foi muito complicado assim. Porque aqui eu também estou de coração, nas outras empresas às vezes tu não tem a mesma forma de ser tratado como aqui.” (entrevistado 7, grupo 2)

Quadro 19 – Exemplos de comentários dos entrevistados: o que esperar da organização

Fonte: Elaborado pela autora

▪ CONECTIVIDADE/MOBILIDADE:

Grupo 1: Os jovens do grupo 1 trouxeram a valorização da mobilidade e da conectividade que a tecnologia proporciona no trabalho.

Alguns exemplos de comentários realizados pelo grupo 1, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 20.

Grupo 1
<ul style="list-style-type: none"> • “Antes eu via trabalho, eu tinha aquela ideia de ver a minha mãe trabalhando o tempo inteiro no mesmo lugar ali, aquela coisa regradinha, certinha. E depois com o passar dos anos, eu fui vendo essa evolução toda e que o trabalho não é só isso ficar fixado o tempo inteiro em uma única coisa. Ter essa conectividade, mobilidade de poder desenvolver em qualquer lugar, em qualquer ambiente, não ficar fixado em um lugar só.” (entrevista 47, grupo 1)

Quadro 20 – Exemplo de comentário de entrevistado: conectividade/mobilidade

Fonte: Elaborado pela autora

▪ LIDERANÇA

Similaridades:

Observou-se nos discursos dos grupos 1 e 2 a presença do “chefe” no trabalho como alguém que acompanha, direciona e também critica.

Diferenças:

Grupo 1: No grupo 1 esta figura aparece como alguém a se inspirar, um modelo, uma fonte de conhecimento;

Grupo 2: A liderança é vista também como alguém que cobra e exerce uma vigilância.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos grupos 1 e 2, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 21.

Grupo 1	Grupo 2
<ul style="list-style-type: none"> • “ E aqui que para mim é fundamental...ter um gestor acima de mim que saiba mais do que eu, para mim é muito mais importante. Hoje você tem alguém para se espelhar, é o que me faz motivar. Se você tem uma pessoa acima de você, que está estagnada, que não quer crescer, ou que não busca conhecimento, que está lá fazendo sempre as mesmas coisas todos os dias... Se o teu gestor não consegue fazer isso....Eu até brinquei aqui com o pessoal do RH já sabe: “ah, eu entro no Google, pergunto lá para o Google: O que é ser coordenadora? O que fazer com tal situação?, porque senão não consegue me ajudar aqui dentro eu vou perguntar para o Google, o Google tem um monte de informação”. (entrevistado 63, grupo 1) 	<ul style="list-style-type: none"> • “ É, essa figura aí (aponta para o desenho), uma pessoa trabalhando no computador, sentada, né? E alguém (chefe) ali, observando, criticando e às vezes elogiando.” (entrevistado 4, grupo 2)

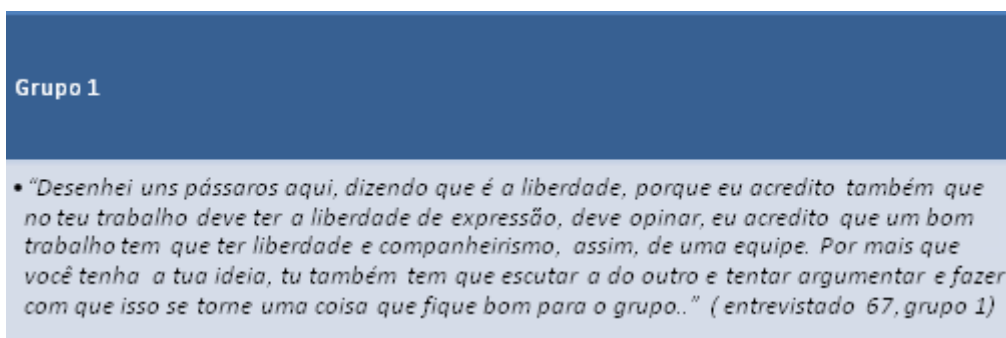
Quadro 21 – Exemplos de comentários dos entrevistados: liderança

Fonte: Elaborado pela autora

▪ LIBERDADE DE EXPRESSÃO:

Grupo 1: Este item aparece de forma relevante nos discursos dos jovens do grupo 1. A liberdade de poder falar o que pensa no ambiente de trabalho é algo de extrema importância para estes jovens.

Alguns exemplos de comentários realizados pelo grupo 1, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 22.



Quadro 22 – Exemplo de comentário de entrevistado: liberdade de expressão

Fonte: Elaborado pela autora

6.4 O SUJEITO E O TRABALHO

Esta categoria foi a mais abrangente da pesquisa, pois foram inclusos os conteúdos que dizem respeito à forma que o trabalho é inserido na vida das pessoas, individualmente. A seguir, encontram-se os principais tópicos trazidos pelos três grupos analisados.

6.4.1 Fazer o que gosta

Similaridades:

Esta afirmação foi um dos itens de maior incidência nesta pesquisa, principalmente nos grupos 1 e 2. Ambos os grupos entendem que “gostar do que se faz” é uma condição básica para se trabalhar.

Diferenças:

Grupos 2 e 3: Por diversas vezes, nos grupos 2 e 3 e eventualmente no grupo 1, esta afirmação veio seguida de uma condicional focada na remuneração, ou seja, “*depois que eu tiver com uma boa remuneração vou trabalhar no que gosto*”.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 23.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que eu vejo trabalho assim, é uma coisa que eu acho que a gente tem que gostar porque oito horas do nosso dia, nove, às vezes mais, assim, sabe?...E quando tu gosta, tu sente mais vontade de aprender, de contribuir mais, né?” (entrevistado 29, grupo 1) • “... tem que fazer um negócio que tu ame, que faz por felicidade e que se tu ainda não encontrou, continua procurando. Então eu continuo procurando. Eu ainda tô fazendo muito pela remuneração.” (entrevistado 42 grupo 1) 	<ul style="list-style-type: none"> • “Bom, representa assim, primeiro que qualquer coisa pra fazer trabalho, pra se dedicar você tem que fazer com o coração assim, com amor, porque se tu não tiver amor, não gostar do que tu faz, não vai executar bem o que tu tá fazendo né?” (entrevistado 7, grupo 2) • “Eu desenhei o pessoal conversando, trocando alguma ideia, eu me sinto particularmente bem... quando vim trabalhar, apesar de nunca ter tido experiência nessa área, mas aprendi a gostar, aprendi a me sentir bem.” (entrevistado 19, grupo 2) 	<ul style="list-style-type: none"> • “Aí estou trabalhando aqui, gosto de trabalhar aqui, hoje em dia eu já trabalho aqui porque eu gosto, porque eu estou fazendo e a gente está sempre agora muito sobre desenvolvimento do planeta, sustentabilidade, então a gente vai aprendendo também a ajudar o planeta. Hoje em dia não é mais só pelo dinheiro, também.” (entrevistada 9, grupo 3)

Quadro 23 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Fazer o que gosta

Fonte: Elaborado pela autora

6.4.2 Trabalho não é fácil

Similaridades:

Esta afirmação aparece nos três grupos, mas com significados diferentes.

Diferenças:

Grupo 1: Esta afirmativa veio de uma forma mais abstrata, associada mais ao desafio intelectual e à superação de objetivos. Neste sentido, a motivação também está

relacionada não somente ao alcance das metas, mas no chegar em primeiro lugar em relação ao restante do grupo.

Grupo 2: A afirmação “trabalho não é fácil” foi colocada da mesma forma que o grupo 1, mas sempre relacionada à persistência, a nunca desistir.

Grupo 3: No grupo 3 a afirmação aparece como batalha, luta diária pela sobrevivência.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 24.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> • “Eu coloquei em um controle de videogame, porque eu enxergo assim como se eu tivesse dentro de um jogo...vou passando as fases, vou aprendendo cada fase que eu vou indo... E aí, o resultado assim de chegar como o primeiro lugar. Eu acho que é isso, bastante desafio e tem até um sentimento que eu fico assim: qual será o próximo? Que nem videogame mesmo se tiver as manhas e não ficar confortável ali em um ambient. Mudança, mudança, mudança. (entrevistado 36, grupo 1) 	<ul style="list-style-type: none"> • “Esse é o meu sentimento de fazer o que me cabe, de acatar o que me ordena e de almejar mais, nunca desistir. Sempre almejar alguma coisa, nunca achar que tá bom” (entrevistado 25, grupo 2). • “Como se fosse um projeto, um plano todo. Então você está planejando para que isso aconteça, que isso vai renovar a minha vida. Tem que ir para a batalha para isso” (entrevistado 2, grupo 2). 	<ul style="list-style-type: none"> • “Porque se a gente não tem força, nem vontade e nem determinação nem precisa trabalhar” (entrevistada 16, grupo 3). • Trabalho para mim você tem que lutar, batalhar, para você ter alguma coisa lá na frente e você falar: “É, foi através do meu esforço, do meu trabalho, que eu tenho isso”, e aprender a dar valor.” (entrevistado 7, grupo 3).

Quadro 24 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho não é fácil

Fonte: Elaborado pela autora

6.4.3 Trabalho é minha vida?

Neste item observam-se questionamentos e afirmações sobre o papel que o trabalho ocupa na vida das pessoas e, definitivamente, não se obtém um consenso em todos os grupos. A maioria dos jovens entende que o trabalho tem um papel central e estrutural em suas vidas.

Diferenças:

Grupo 1: Não existe uma unanimidade de opinião neste grupo, mas a maioria do grupo entende que o trabalho tem um papel central em suas vidas.

Grupo 2: Um número pouco representativo de jovens não colocaram o trabalho como algo central.

Grupo 3: Houve unanimidade entre os jovens deste grupo ao afirmarem que o trabalho é tudo em suas vidas. Esta colocação veio associada à remuneração que o trabalho proporciona como condição de sobrevivência.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 25.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que uma coisa liga a outra. Tu estando bem em todas as áreas da tua vida, tu estás bem no teu trabalho, tu estás bem na tua casa, enfim.” (entrevistado 69, grupo 1) • “...mas vamos dizer que o trabalho fosse esse círculo aqui, e o restante, seriam outros círculos, outros cenários de atuação da minha vida, e aqui é onde eu encaixo as expectativas acerca do trabalho, aqui as da vida, e tudo bem separado, pelo menos é assim que eu vejo, o trabalho, assim, uma parte da minha vida” (entrevistado 31, grupo 1) 	<ul style="list-style-type: none"> • “Se não tem trabalho, uma renda fixa, sei lá... é uma pessoa um pouco menos... desorientada no caso... um homem sem trabalho... como meu pai diz pra mim, um homem sem trabalho é um homem sem moral, sem caráter, o homem não é nada sem trabalho. E trabalho pra mim é importante. (entrevistado 14, grupo 2) • “Então, tá... primeiramente, o trabalho, para mim, é tudo. Para eu poder ter um conforto, um lar, para poder dar um lar para a minha família, tranquilamente...” (entrevistado 26, grupo 2) 	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que trabalho é tudo” (entrevistada 15, grupo 3)

Quadro 25 – Exemplos de comentários dos entrevistados: Trabalho é minha vida?

Fonte: Elaborado pela autora

Grupo 1: Percebe-se em alguns discursos, além de sua centralidade, que o trabalho é entendido como algo que contribui para estruturar a personalidade; algo que o constitui como pessoa.

Alguns exemplos de comentários realizados pelo grupo 1, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 26.

Grupo 1
<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Então hoje um dos significados, e o mais importante ... é essa realização profissional que eu tenho quanto mulher, enquanto pessoa. O trabalho significa muito para mim. Tirei 10 dias de férias... acho que tem um lado ruim disso, de se sentir meio vazia assim e, infelizmente ou felizmente eu me senti vazia. Então o trabalho preenche muito sentimento, por isso coloquei a coisa do coração, assim, amor, paixão, vontade, ilumina a minha vida, pensando no sol.” (entrevistada 45, grupo 1)</i> • <i>“Eu imagino que as pessoas estão desempregadas, devem sentir até falta, tipo assim: “quem eu sou? Que grupo eu pertencço?”, porque a gente sempre fala isso. Quando tu conhece uma pessoa, pergunta primeiro qual é o nome, segundo o que tu faz. Então se aquilo te identifica assim. É uma identificação, que grupo tu pertence” (entrevistada 46, grupo 1)</i>

Quadro 26 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho é pessoa

Fonte: Elaborado pela autora

6.4.4 Trabalho e felicidade

Similiaridades:

Este item do conteúdo das entrevistas foi destacado por se mostrar presente na grande parte dos discursos dos jovens que participaram da pesquisa. Observa-se, de uma forma geral, que a felicidade está associada à aquisição de bens (casa, carro, viagens, entre outros) para desfrutar com a família, ou seja, a sensação de felicidade é patrocinada pelos produtos consumidos. Muitas vezes este discurso veio traduzido por *realização pessoal*.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 27.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<p>• “Porque quando eu penso em trabalho, eu penso em garantir uma qualidade de vida ... como falei assim como uma realização pessoal, mas como uma forma de me dar à felicidade que eu busco. Que é viagens, uma vida legal, que é ter um filho. É poder manter uma qualidade de vida legal que o meu trabalho subsidie a vida que eu quero ter, porque eu não sei se... a minha geração é caracterizada dessa forma, mas eu não penso que o meu trabalho não é exclusivamente a minha realização. Eu penso que ele é uma ferramenta pra chegar na minha realização, entendeu? Eu penso que o meu trabalho é a ferramenta que eu vou encontrar para ser feliz porque a minha vida tá fora daqui, minha vida é lá em casa, marido, é os nossos finais de semana, nossos lazeres. Então quando penso em trabalho, é nisso que eu penso, sabe? Numa vida. (entrevistado 52, grupo 1)</p>	<p>• “...por mais que digam que o dinheiro não traz felicidade, mas ele ajuda com certeza, então se eu estou feliz, meu ponto de vista no meu trabalho, se eu busco a felicidade, se eu busco dinheiro, eu vou almejar o que eu quero através do trabalho... que é ter minha casa, ter o meu carro, né? Estar feliz, alcançar o que a gente quer financeiramente, bens materiais e também ser reconhecida dentro do mercado de trabalho...” (entrevistado 5, grupo 2)</p>	<p>• “O emprego me traz felicidade, alegria. Ajudo minha filha, minha família, então, traz felicidade para mim” (entrevistado 14, grupo 3).</p>

Quadro 27 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho e felicidade

Fonte: Elaborado pela autora

6.4.5 Outros

Optou-se por destacar dois itens que apareceram de forma frequente nos discursos dos grupos 1 e 2 e que se relacionam diretamente com o significado que o trabalho tem para eles.

▪ TRABALHO COMO EXCELÊNCIA

Grupos 1 e 2: A busca pela excelência no trabalho foi algo marcante. Este fazer melhor, em geral, veio associado à necessidade de corresponder às expectativas da empresa.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos grupos 1 e 2, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 28.

Grupo 1	Grupo 2
<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Tu gostando do que tu faz, tu faz bem feito, tu faz com excelência e todo mundo fica feliz. A empresa, tu.” (entrevistado 69, grupo 1)</i> • <i>“Trabalho...uma palavra é difícil, mas acho que é busca da excelência. Porque isso envolve o profissional e pessoal assim, que é o que a empresa tá buscando, excelência crescimento e é o que eu agora como desafio pessoal tô buscando em mim também. De buscar ser o melhor no que eu faço..” (entrevistado 49, grupo 1)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Vamos para a parte da produção, que é onde a gente dá o nosso melhor, tudo, pelo menos eu tento, enfim, tentar melhorar a cada dia, né?” (entrevistado 27, grupo 2).</i>

Quadro 28 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalho como excelência

Fonte: Elaborado pela autora

▪ TRABALHAR PARA DEPOIS DESCANSAR

Grupos 1 e 2: Os jovens percebem que a dificuldade em ‘ter tempo’ para descansar está associada ao “benefício” que seria recompensado depois de um tempo de trabalho e, conseqüentemente, de ter conquistado uma remuneração que entendem ser necessária para conseguir “relaxar”.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos grupos 1 e 2, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 29.

Grupo 1	Grupo 2
<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Tu gostando do que tu faz, tu faz bem feito, tu faz com excelência e todo mundo fica feliz. A empresa, tu.” (entrevistado 69, grupo 1)</i> • <i>“Trabalho...uma palavra é difícil, mas acho que é busca da excelência. Porque isso envolve o profissional e pessoal assim, que é o que a empresa tá buscando, excelência crescimento e é o que eu agora como desafio pessoal tô buscando em mim também. De buscar ser o melhor no que eu faço..” (entrevistado 49, grupo 1)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Vamos para a parte da produção, que é onde a gente dá o nosso melhor, tudo, pelo menos eu tento, enfim, tentar melhorar a cada dia, né?” (entrevistado 27, grupo 2).</i>

Quadro 29 – Exemplos de comentários dos entrevistados: trabalhar para depois descansar

Fonte: Elaborado pela autora

6.5 TRABALHO E DINHEIRO

Esta categoria não foi originária de nenhuma pergunta específica, mas ela foi criada por aparecer de forma insistente nos discursos de todos os participantes desta pesquisa. A percepção, quase consensual, das pessoas entrevistadas sobre o papel que o dinheiro representa em suas vidas e sua relação com o trabalho, são apresentadas a seguir.

6.5.1 Dinheiro como independência

Similaridades:

Independente do grupo, a maioria dos jovens traz o dinheiro como algo básico, como uma condição que permite o ir e vir no mundo; se mover e fazer escolhas.

Diferenças:

Grupo 1 e 2: Nos grupos 1 e 2 percebe-se certo constrangimento ao falar do dinheiro (*“palavra feia”* ou *“todo mundo pensa mas não vai falar”*). Observa-se que nestes grupos a importância do dinheiro vem conjugada com o prazer no trabalho, crescimento

profissional, entre outros. Para estes jovens a combinação de fazer o que se gosta e ganhar dinheiro com isto é o mundo do trabalho ideal.

Grupo 3: Neste grupo os jovens entendem a relação do trabalho com o dinheiro de forma exclusiva e unânime, as pessoas trabalham pelo dinheiro.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 30.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<ul style="list-style-type: none"> •“A segunda coisa, na verdade foi a primeira, é que só depois eu voltei, dinheiro vem na cabeça assim, quanto eu estou valendo nessa empresa, quanto é o meu passe. E ter o dinheiro, tu vai ter uma casa, vai poder fazer compras. Acho que é isso”. (entrevistado 39, grupo 1) •“O que quer dizer o meu desenho. A primeira coisa que vem na cabeça, acho que de qualquer pessoa, jovem, que está trabalhando hoje, que está no mercado de trabalho, dinheiro. Dinheiro não no sentido capitalista, como trabalhar por dinheiro. Eu tenho a sorte de ganhar o meu dinheiro trabalhando naquilo que eu gosto de fazer” (entrevistado 69, grupo 1). 	<ul style="list-style-type: none"> •“É uma palavra que às vezes é meio feia assim, né. Acho que todo mundo vai falar, é dinheiro. Mas é aquilo, tem que sentir prazer na hora de trabalhar. Trabalhar obrigado assim, é a pior coisa que tem, mas resumidamente pra mim é dinheiro....O meu desenho aqui tá representando, seria família e bens de consumo além da própria casa, um automóvel, uma moto. E viagens. Um pouco de luxo aqui, basicamente isso.” (entrevistado 20, grupo 2) •“Através do trabalho a gente conquista tudo. Claro que dinheiro não é tudo, né? Mas ele ajuda muito, né?” (entrevistado 14, grupo 2) 	<ul style="list-style-type: none"> •“Eu desenhei a primeira coisa que a gente vê na cabeça. O trabalho é o dinheiro, porque sem o dinheiro a gente não vive. Porque se o dinheiro não fosse tudo a gente ficava em casa. Eu mesmo falo: o que é o dinheiro para mim, é o trabalho. Trabalho e ainda continua sobrando pouco. Tem que ganhar ainda muito mais, mas um dia a gente chega lá. Falta bastante ainda. Ainda mais eu com quatro filhos... Eu queria arrumar a minha casa, terminar de arrumar a minha casa e terminar de complementar as coisas, gastar, que eu gosto de passear muito. Gosto de gastar muito, gasto mesmo, faço mais dívidas do que eu não posso, mas é isso.” (entrevistado 10, grupo 3)

Quadro 30 – Exemplos de comentários dos entrevistados: dinheiro como independência

Fonte: Elaborado pela autora

▪ DINHEIRO COMO INDEPENDÊNCIA DO OUTRO

O dinheiro também foi visto, nos três grupos estudados, como condição de independência, de realização, de evolução, de ser autônomo no mundo.

Alguns exemplos de comentários realizados pelos três grupos, durante as entrevistas, encontram-se no quadro 31.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<p>•“Porque tenho alguns sonhos que quero conquistar na vida, amores, família, viagens e conquistas, e tudo envolve, a maioria envolve dinheiro.” (entrevistado 42, grupo 1)</p>	<p>•“Que é uma realização profissional, dentro da realização profissional eu coloquei assim, muito dinheiro, que com o dinheiro do trabalho por ele. Então idealiza as conquistas e é sempre mais, além do crescimento pessoal pra ti. Mas também idealizando o valor que é onde tu vai conquistar outras coisas né?” (entrevistado 1, grupo 2)</p>	<p>•“Hoje em dia é o sentimento de eu ter o meu dinheiro, não depender, de principalmente de marido, de você ter o seu dinheiro e conseguir os seus objetivos. Porque hoje se você não trabalha você não tem como você ter uma dignidade.... Posso ir e vir. As pessoas, muita gente te humilhava para te dar uma cesta básica. Hoje não, hoje eu posso ir no mercado, eu posso comprar o que eu quiser.” (entrevistado 9, grupo 3)</p>

Quadro 31 – Exemplos de comentários dos entrevistados: dinheiro como independência do outro

Fonte: Elaborado pela autora

6.6 SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO TRABALHO

Este item foi fruto de uma questão específica onde os participantes deveriam falar sobre os sentimentos que emergiam quando olhavam a sua figura sobre trabalho. O objetivo desta questão foi acessar as emoções que o conceito de trabalho, fornecido por eles, provocava. Observa-se que esta pergunta, por ser a mais subjetiva e menos racional da entrevista, foi o item que mobilizou maior desconforto e dúvida de entendimento. Percebe-se uma grande variedade de sentimentos e emoções. Contudo, vale lembrar que, muito do que foi trazido pelos jovens, trata-se de racionalizações e conceitos, e não de emoções propriamente ditas.

Similaridades:

Após analisar os sentimentos de maior incidência nos grupos conclui-se que três foram os “sentimentos” que mais mobilizaram nossos jovens pesquisados ao se depararem com a questão do trabalho, são eles:

- Alegria;
- Felicidade; e

- Força de vontade.

Diferenças:

Grupos 1 e 2: Outros três “sentimentos” estavam presentes nos grupos 1 e 2, mas não foram compartilhados pelo grupo 3, são eles:

- Cansaço/esforço;
- Amor; e
- Realização/satisfação.

Grupo 1: Alguns sentimentos, no entanto, foram trazidos somente pelo grupo 1.

São eles:

- Medo;
- Angústia;
- Apreensão; e
- Dúvida.

6.7 DESCRIÇÃO DOS DESENHOS

Neste item, descrevem-se as figuras que os jovens desenharam quando foi solicitado que representassem a primeira coisa que pensaram quando a pesquisadora falou a palavra *trabalho*. Observa-se um grande número de figuras e símbolos para definir o trabalho, mas, de forma geral, os desenhos mostraram-se coerentes com o conteúdo da entrevista. Para tanto, serão apresentadas as figuras que apareceram em mais de um grupo e que serão classificadas de acordo com as categorias expostas na sessão anterior. Alguns desenhos são aqui reproduzidos a fim de que se possa detalhar melhor o conteúdo desta sessão.

6.7.1 Trabalho para ter dinheiro e comprar coisas

Similaridades:

As figuras abaixo apareceram nos três grupos estudados de forma importante e estão relacionadas à motivação para se trabalhar, ou seja, trabalhar para se ter dinheiro para comprar a casa própria.

- Casa; e
- Dinheiro (nota de R\$100,00 - cem reais).

Diferenças:

Grupos 1 e 2: A figura do carro aparece nos grupos 1 e 2 como mais um produto para se comprar, e o avião e o mundo representam a possibilidade de viagens que o dinheiro, na percepção dos jovens, possibilita desfrutar.

- Carro;
- Avião; e
- Mundo.

6.7.2 Trabalho pela família

Similaridades:

Em linha com o conteúdo das entrevistas, depois da casa e do dinheiro, o terceiro desenho de maior incidência refere-se à família. Nesta figura foram colocados, em diversas configurações os filhos, irmãos ou somente mãe e pai, entre outros. Esta representação mudou de acordo com a estrutura familiar atual ou, muitas vezes, com a estrutura desejada de família: mesmo quem ainda não tinha filhos desenhou a figura do pai, mãe e filho.

- Família.

6.7.3 Conectividade/mobilidade

Diferenças:

Grupos 1 e 2: A figura do computador apareceu nos grupos 1 e 2, representando o principal instrumento de trabalho e sempre associado à conectividade e mobilidade.

- Computador.

6.7.4 Estudo

Diferenças:

Grupos 1 e 2: Apesar da valorização do estudo ter aparecido no discurso dos jovens do grupo 3, somente os jovens dos grupos 1 e 2 desenharam o livro, simbolizando o estudo e o valor do conhecimento e do aprendizado no trabalho.

- Livros.

6.7.5 Reconhecimento

Diferenças:

Grupos 1 e 2: Em linha com o discurso sobre a importância do reconhecimento profissional no trabalho os jovens dos grupos 1 e 2 desenharam várias vezes a figura de um bonequinho com o troféu, simbolizando a relevância do reconhecimento para estes jovens.

- Troféu.

6.7.6 Pessoas

Diferenças:

Grupos 1 e 2: Em linha com os discursos dos jovens dos grupos 1 e 2, sobre a associação direta de trabalho e pessoas, estes jovens desenharam figuras com pessoas

realizando diferentes ações, tais como: conversando, se reunindo, trabalhando, entre outras. Estas figuras foram associadas às questões compartilhadas na sessão anterior.

- Grupo de pessoas.

6.7.7 Sentimentos

Diferenças:

Grupos 1 e 2: Os jovens dos grupos 1 e 2 trouxeram, através das figuras de *sorrisos* e *pessoa feliz*, a relação do trabalho com felicidade e a importância de se trabalhar no que se gosta. Outra figura presente nos grupos 1 e 2, que também se refere a sentimentos, foi o cansaço e stress do dia a dia.

- Pessoa feliz; e
- Pessoa cansada.

6.7.8 Ideias

Diferenças:

Grupos 1 e 2: Alinhados com os discursos dos jovens dos grupos 1 e 2, sobre a importância do trabalho intelectual, trabalhar para se ter novas ideias e a valorização da inovação no ambiente de trabalho, os jovens destes grupos desenharam “lâmpadas” para simbolizar as ideias e geração de novas ideias,

- Lâmpada.

6.7.9 Rotina de trabalho

Diferenças:

Grupos 2 e 3: Alguns jovens dos grupos 2 e 3 representaram o trabalho como a sua rotina diária, desenhando o próprio ambiente de trabalho.

- Rotina de trabalho (lixo; parque gráfico).

6.7.10 Qualidade de vida

Similaridades:

Os jovens dos três grupos representaram de alguma forma a qualidade de vida ligada ao lazer. Nos grupos 1 e 2 este item foi relacionado às viagens (figuras representadas como *avião* e *mundo*) e no grupo 3 aparece a *praia* e o *futebol* como principal lazer.

- Bola; e
- Praia.

AMOSTRA DE DESENHOS POR GRUPO:

Apresentam-se, a seguir, alguns desenhos, classificados por grupo, com figuras já mencionadas nas categorias da sessão anterior. Vale lembrar que, por limitação de espaço, não estão representados aqui os 92 desenhos realizados.

GRUPO 1

Representação: dinheiro; casa; livro; grupo de pessoas; sorriso (felicidade); meta/crescimento, conforme figura 1, entrevistado 69.

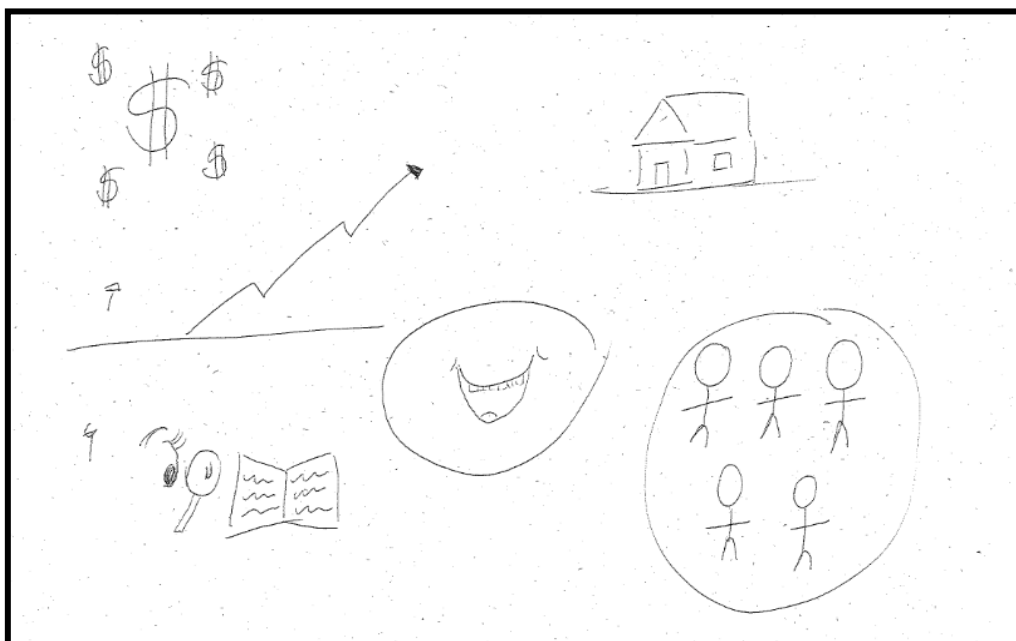


Figura 1 – Entrevistado 69

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: casa; carro; família; Torre Eiffel (viagens), conforme figura 2, entrevistado 49.

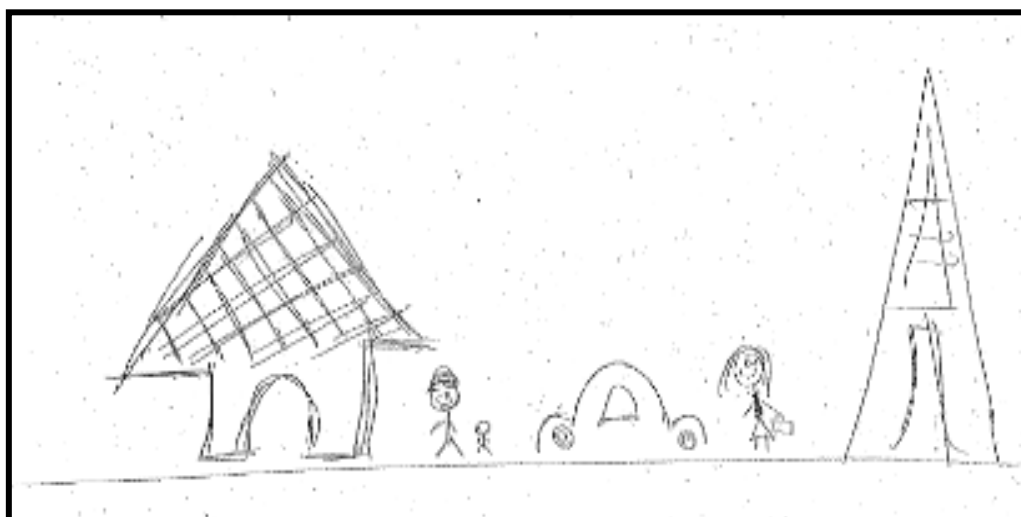


Figura 2 - Entrevistado 49

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: avião (viagens); computador (conectividade e mobilidade) , conforme figura 3, entrevistado 43.

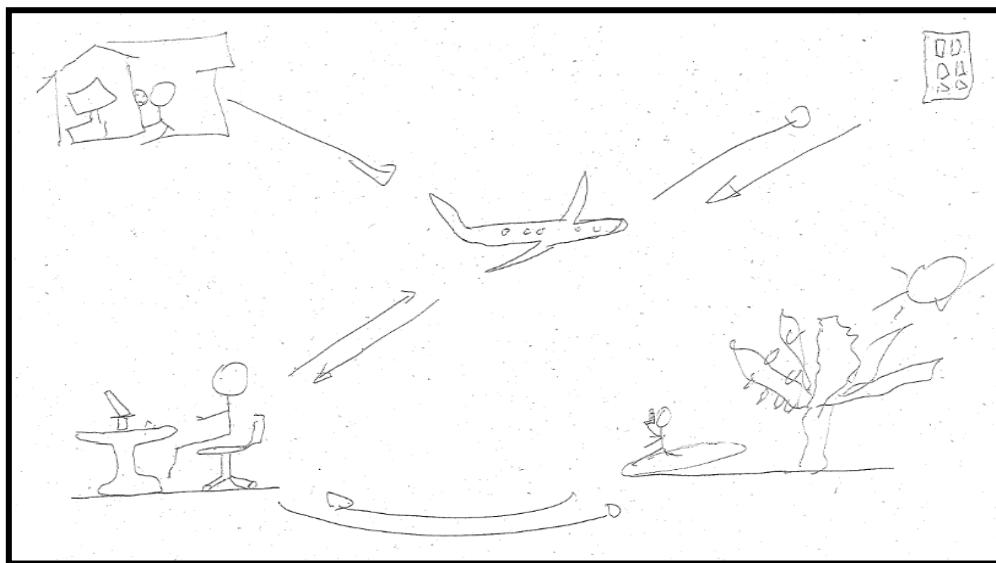


Figura 3 - Entrevistado 43
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: cansaço; carrinho de mão (trabalho duro); sorriso (felicidade); coração; pessoas, dinheiro e coração, conforme figura 4, entrevistado 42.

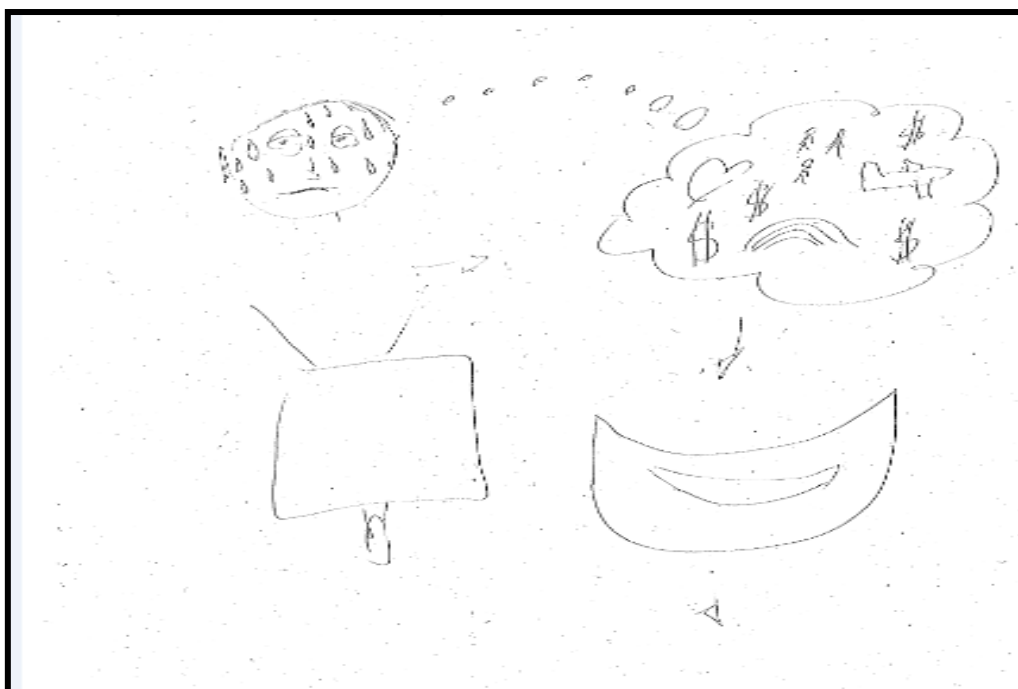


Figura 4 - Entrevistado 42
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: gravata (responsabilidade); computador; descanso com a família; Torre Eiffel; casa e carro, conforme figura 5, entrevistado 64.

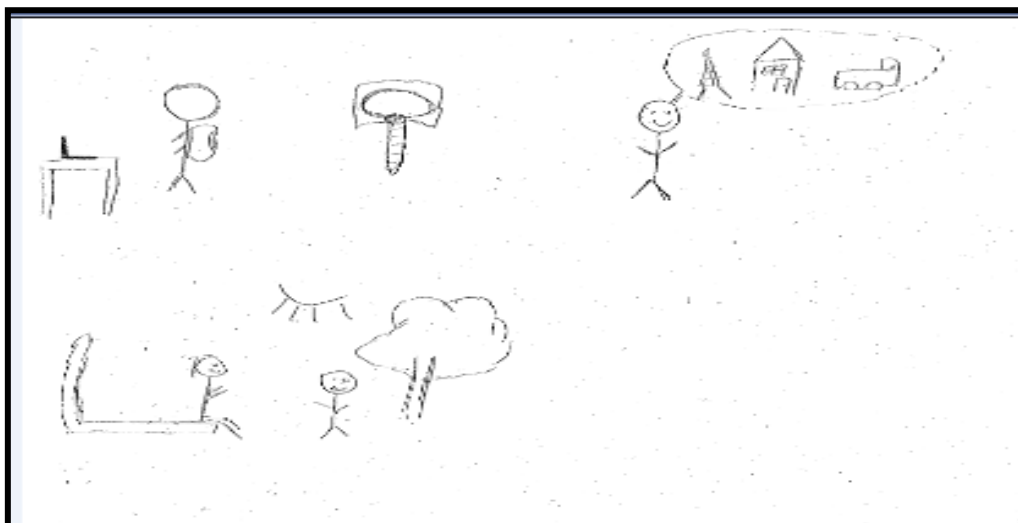


Figura 5 - Entrevistado 64
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: casa; família; futebol (lazer); premiação (reconhecimento), conforme figura 6, entrevistado 37.



Figura 6 - Entrevistado 37
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: família; borboleta (transformação, mudança para o mundo adulto), conforme figura 7, entrevistado 33.



Figura 7 - Entrevistado 33
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: mundo; avião; casa; carro, família; crescimento, conforme figura 8, entrevistado 53.

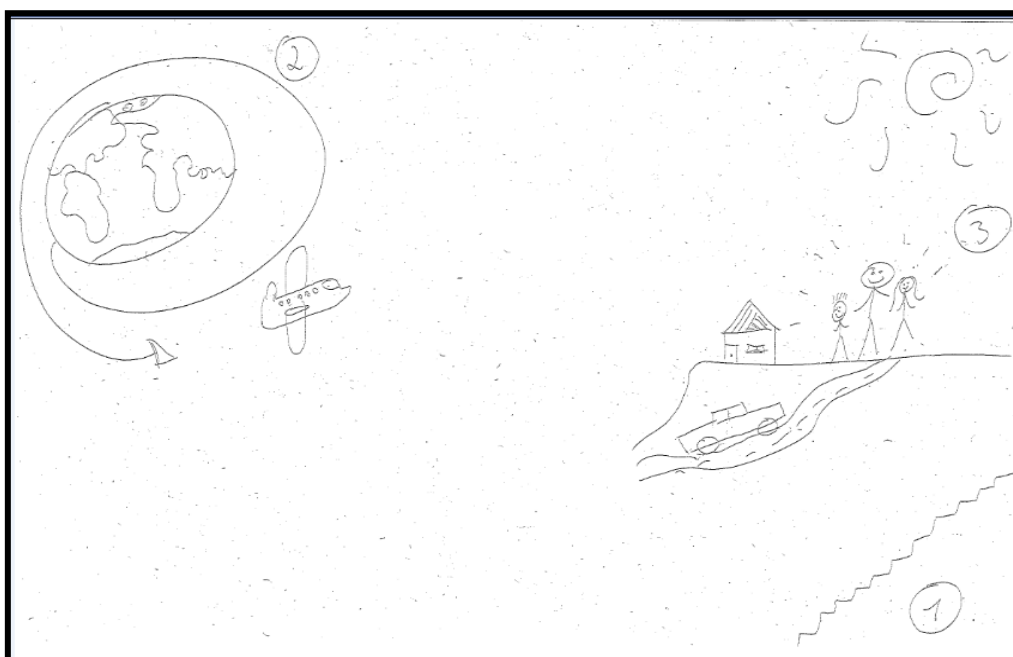


Figura 8 - Entrevistado 53
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: felicidade (fazer o que gosta); setas (objetivo); lâmpada (ideias); pessoas; livro (conhecimento), conforme figura 9, entrevistado 52.

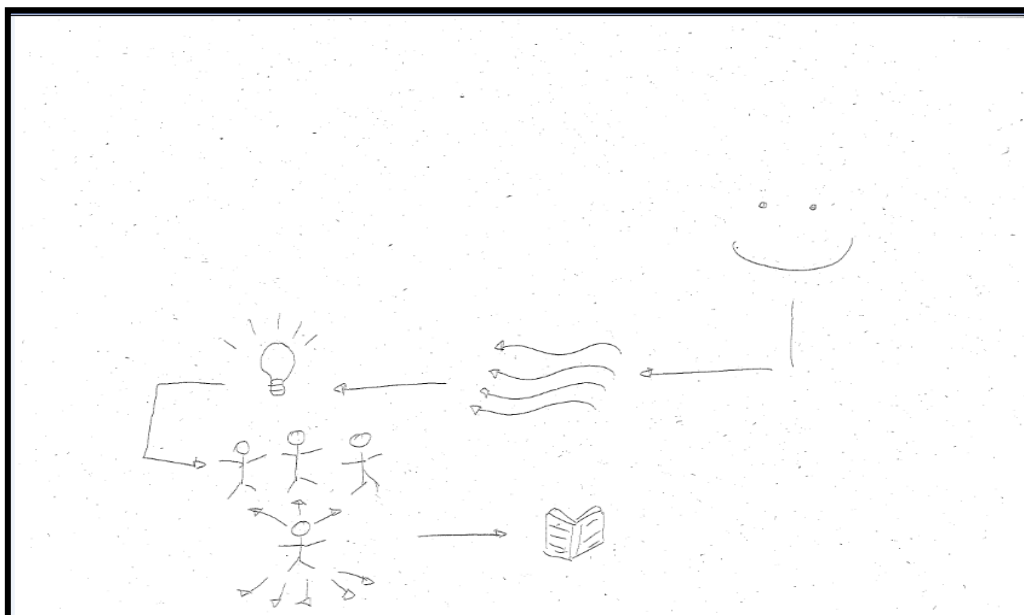


Figura 9 - Entrevistado 52

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: pessoas e troca de ideias; praia (qualidade de vida); liderança; rotina (como fator de desmotivação), conforme figura 10, entrevistado 63.

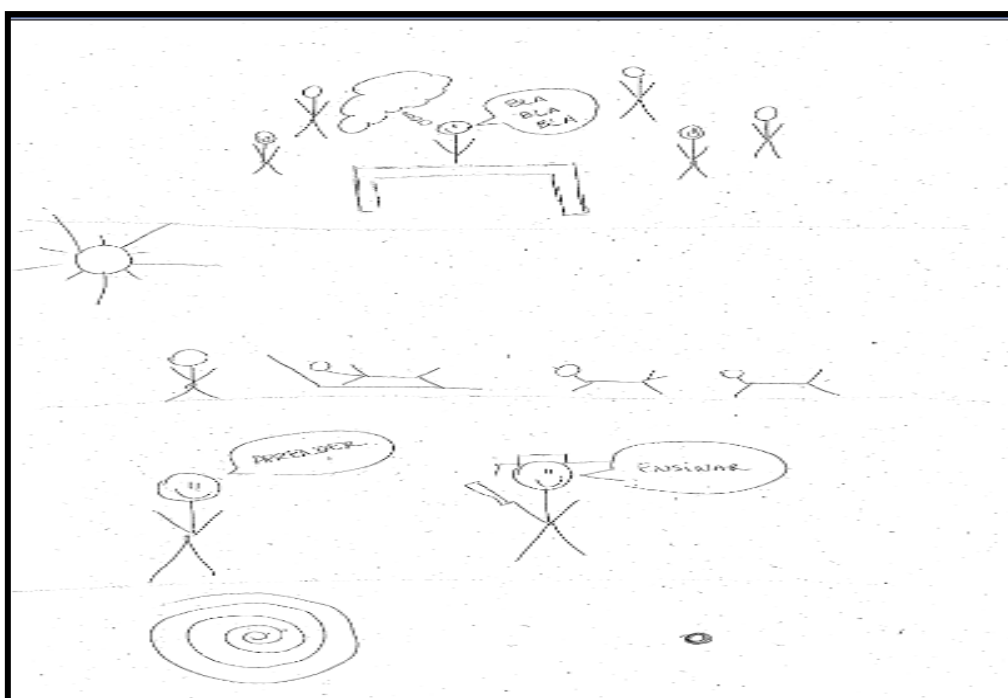


Figura 10 - Entrevistado 63

Fonte: Entrevistas realizadas

GRUPO 2

Representação: pessoa feliz; troca de ideias; mundo; casa; família, conforme figura 11, entrevistado 60.

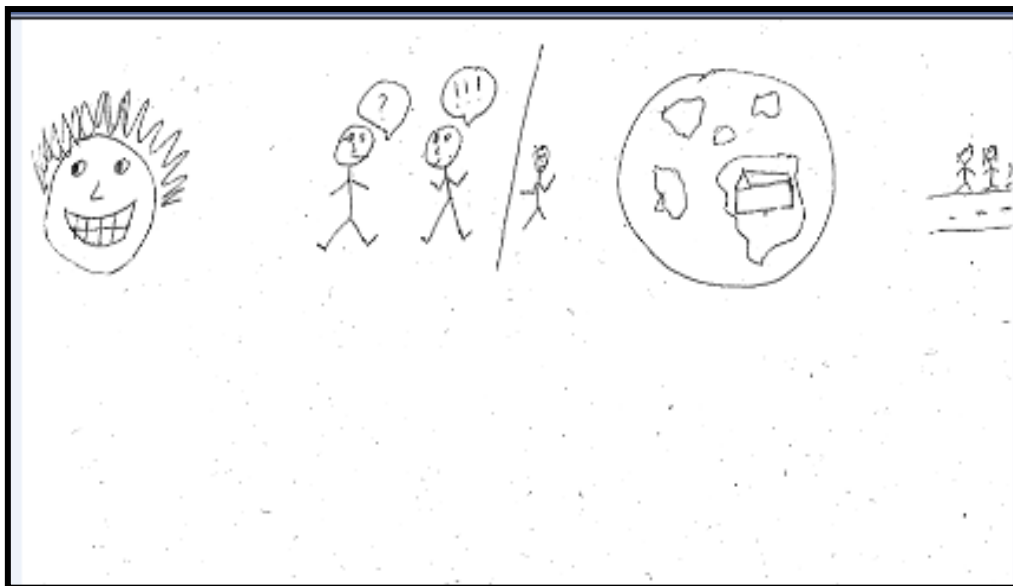


Figura 11 - Entrevistado 60

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: troféu (reconhecimento); dinheiro; casa ; família, conforme figura 12, entrevistado 1.

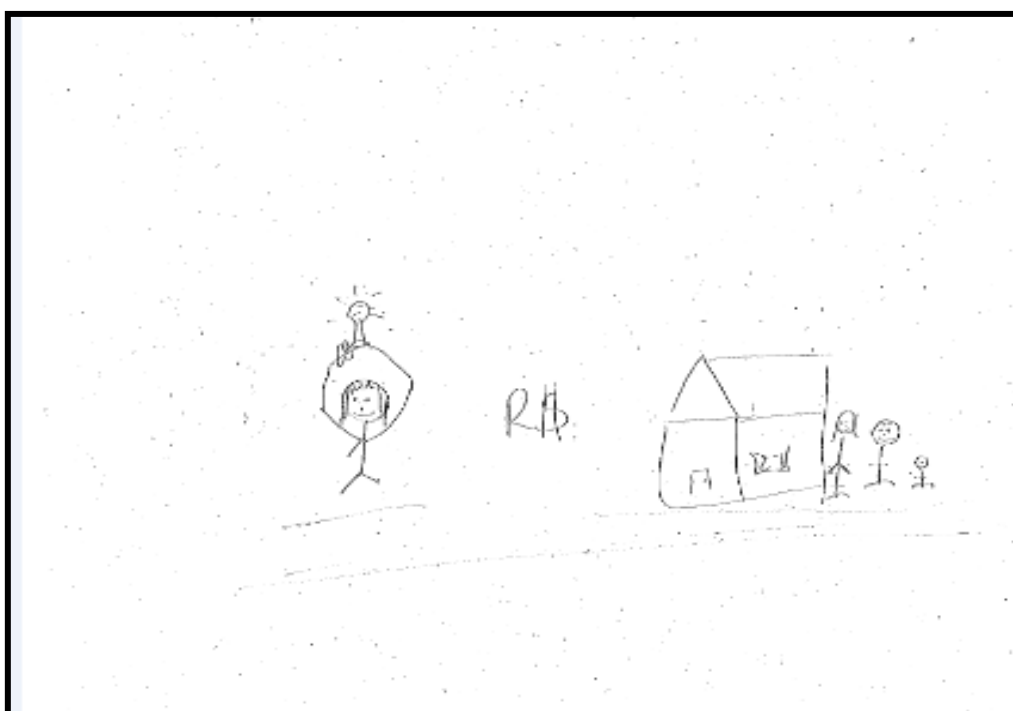


Figura 12 - Entrevistado 1

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: rotina de trabalho (ambiente fechado-paredes); chefe observando, conforme figura 13, entrevistado 4.

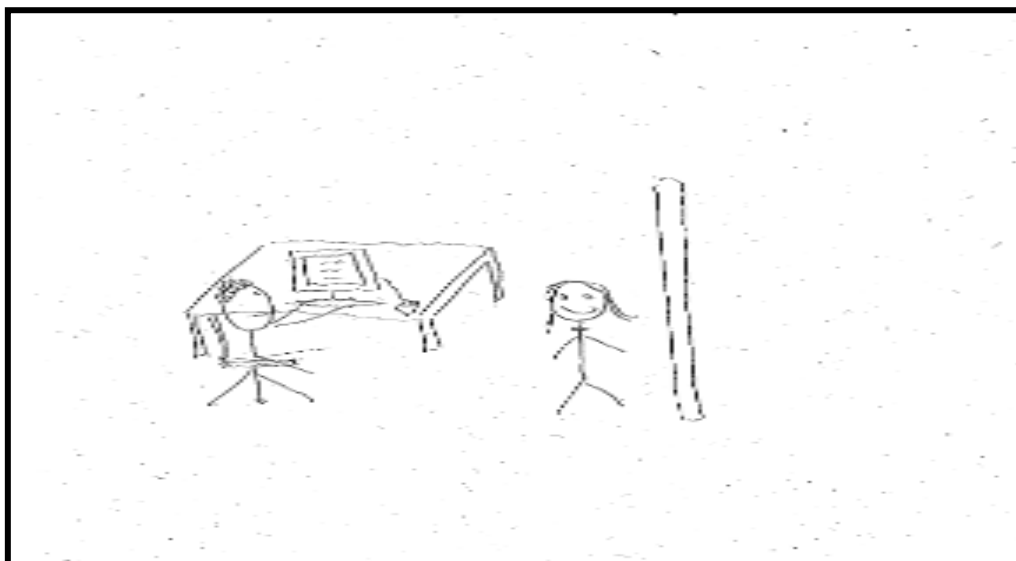


Figura 13 - Entrevistado 4
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: rotina de trabalho (impressão do jornal), conforme figura 14, entrevistado 13.

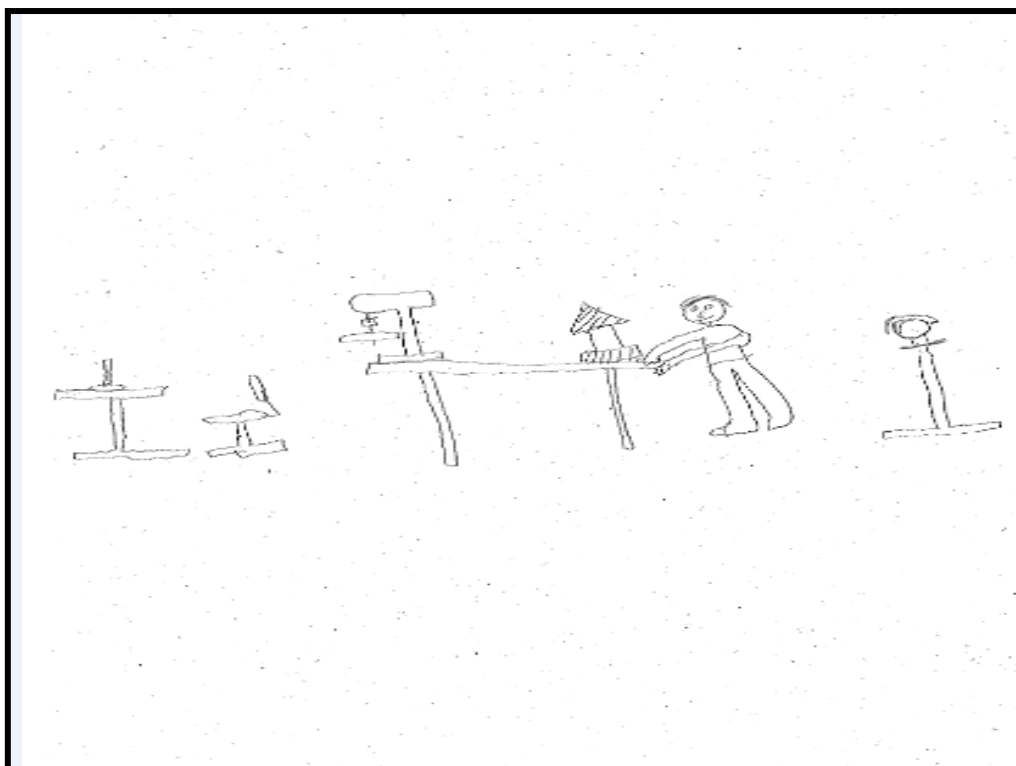


Figura 14 - Entrevistado 13
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: casa; carro; pessoa feliz, conforme figura 15, entrevistado 15.

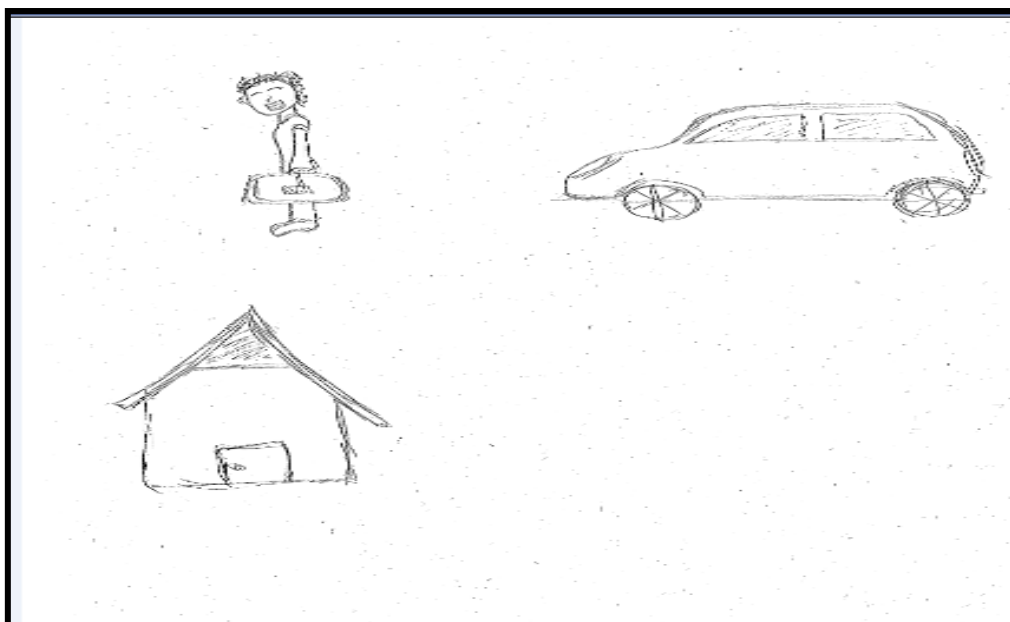


Figura 15 - Entrevistado 15

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: escola (estudo); pessoas (troca de ideias); concentração, conforme figura 16, entrevistado 19.

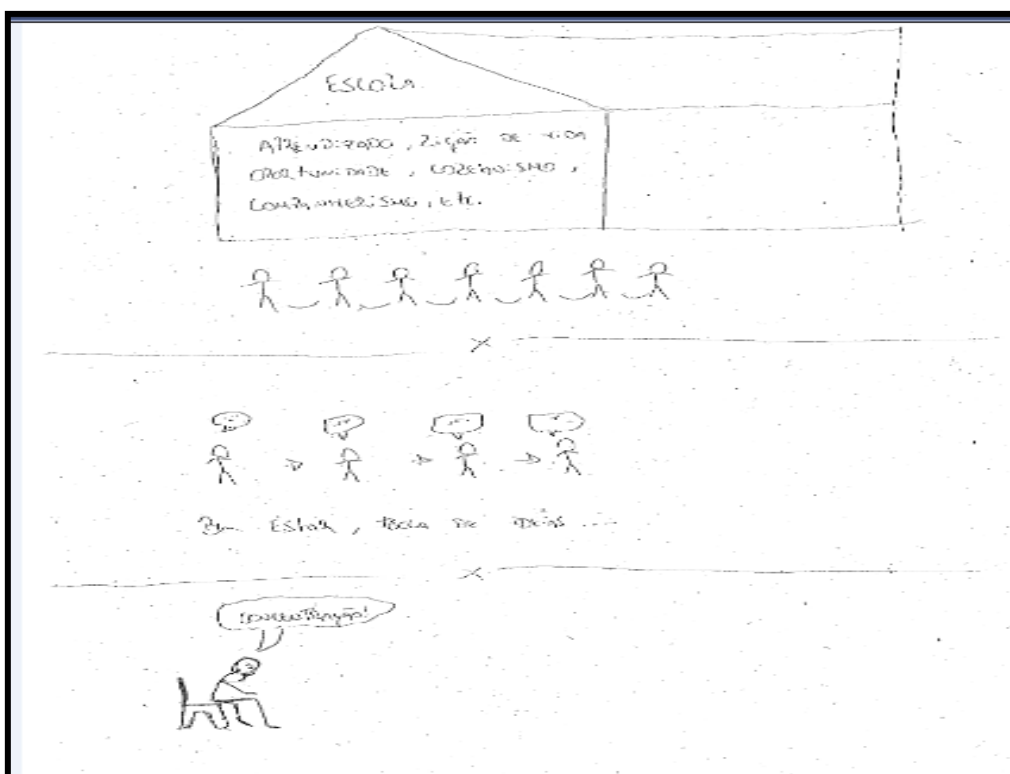


Figura 16 - Entrevistado 19

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: avião (viagens); casa; moto, conforme figura 17, entrevistado 20.

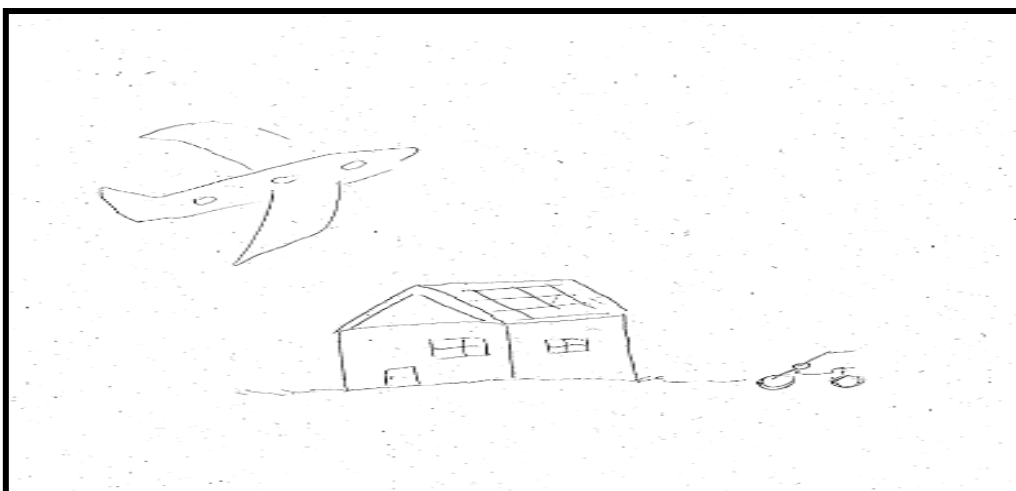


Figura 17 - Entrevistado 20

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: casa; contas a pagar; carro; porta (passagem para ir a algum lugar); reconhecimento (chefe); escada (crescimento), conforme figura 18, entrevistado 21.

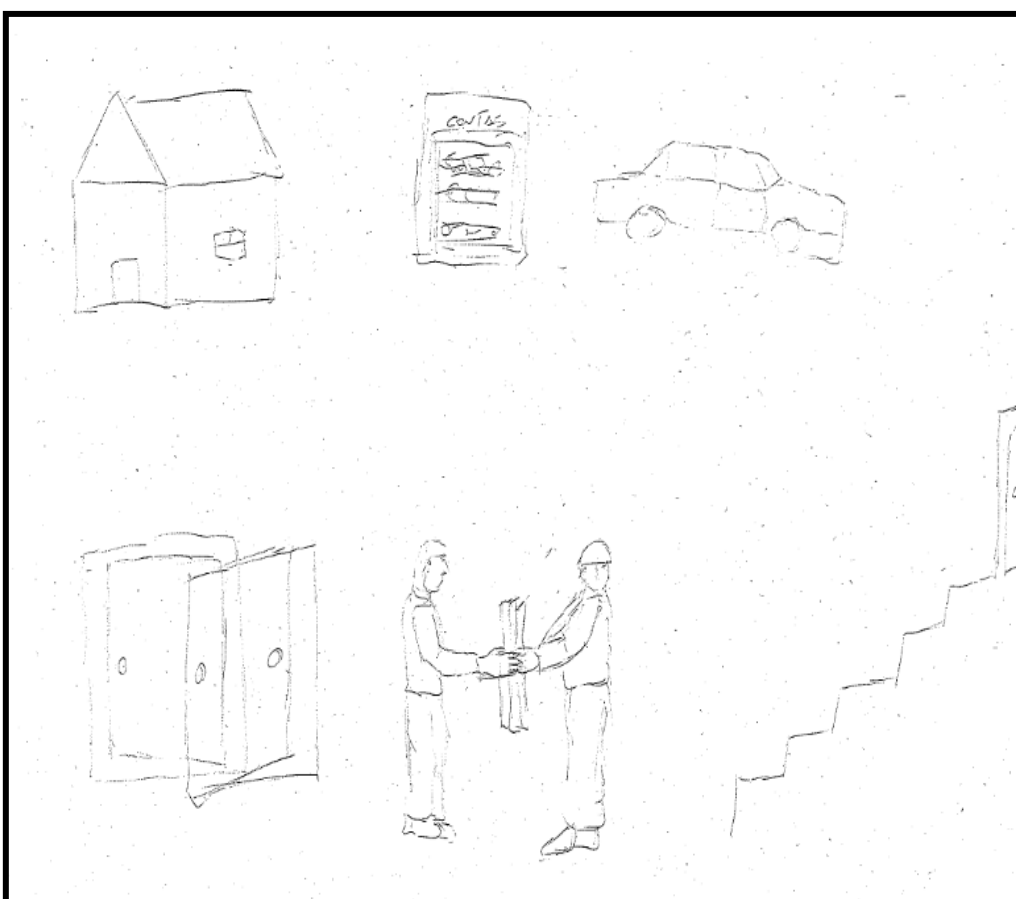


Figura 18 - Entrevistado 21

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: rotina (trabalha de dia e dorme à noite); dinheiro, conforme figura 19, entrevistado 22.

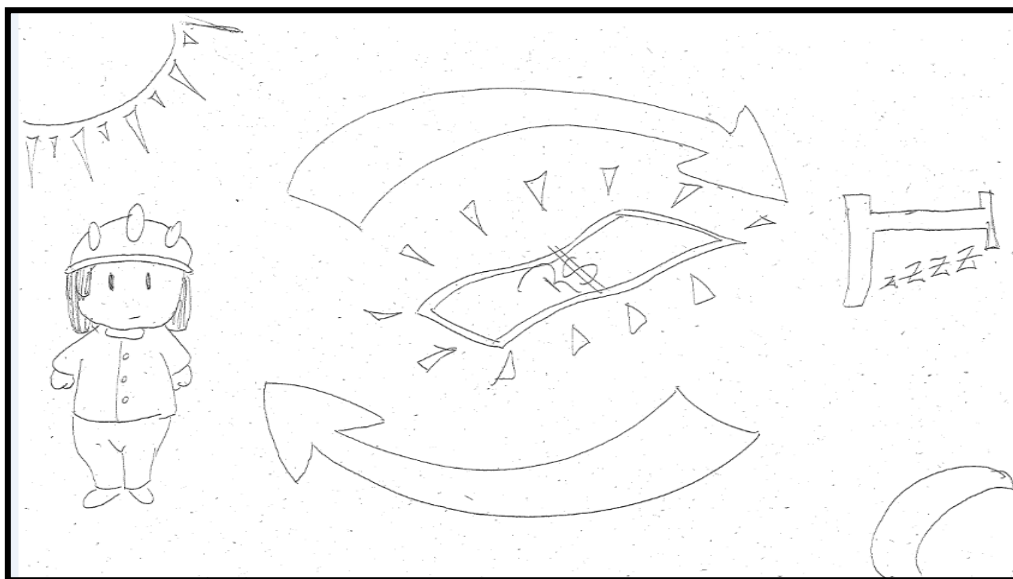


Figura 19 - Entrevistado 22

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: carro; casa; família; banco (dinheiro no banco), conforme figura 20, entrevistado 24.



Figura 20 - Entrevistado 24

Fonte: Entrevistas realizadas

GRUPO 3

Representação: casa; família; dinheiro, conforme figura 21, entrevistado 9.

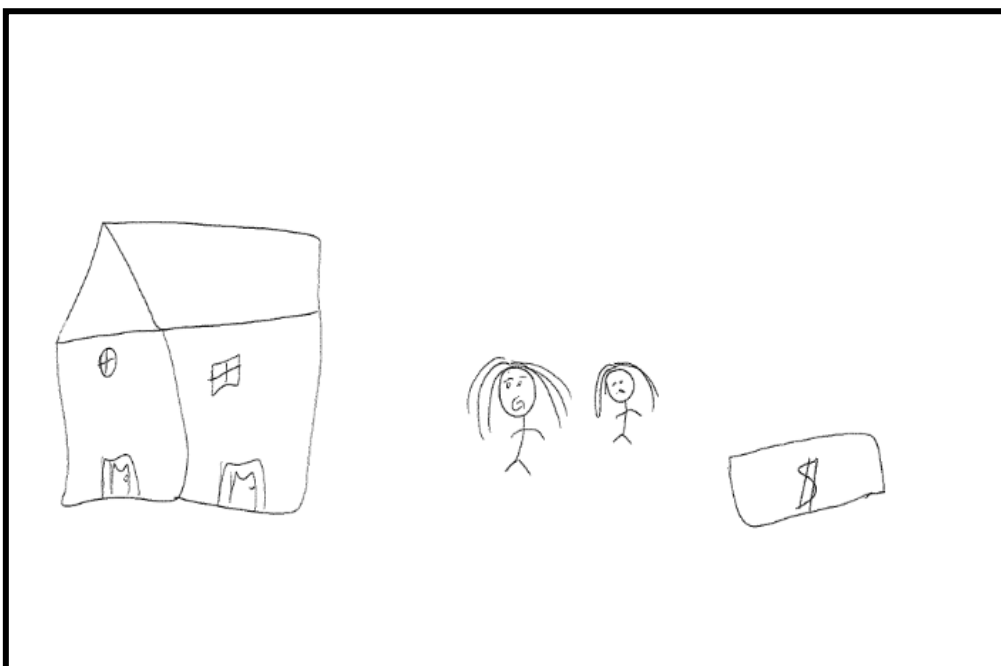


Figura 21 - Entrevistado 9
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: casa; família feliz, conforme figura 22, entrevistado 7.

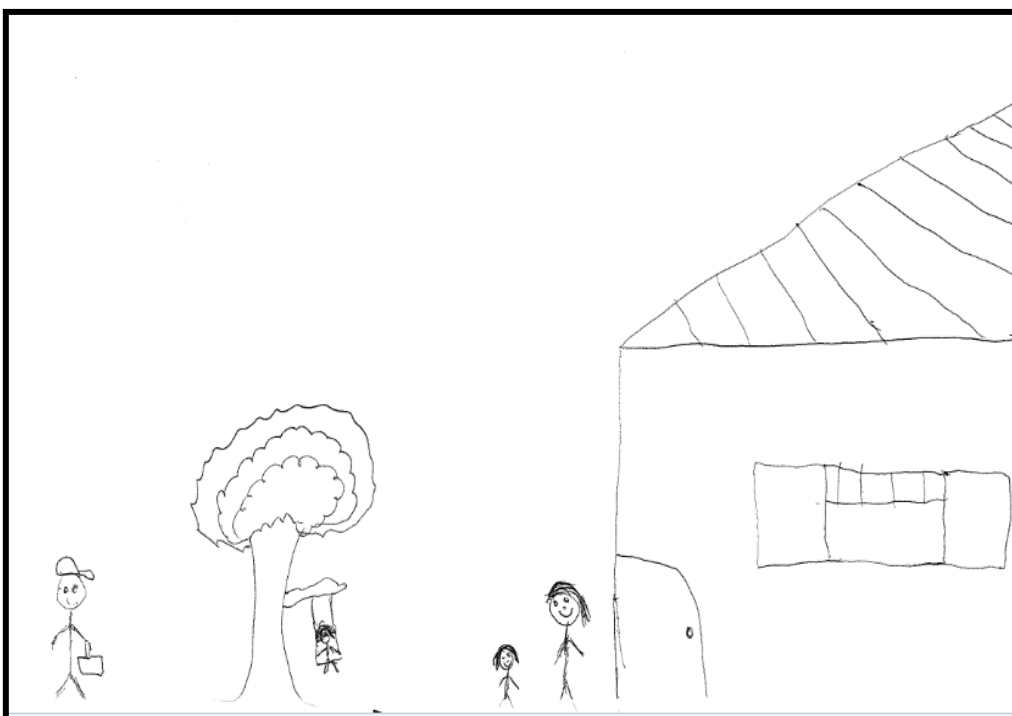


Figura 22 - Entrevistado 7
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: dinheiro, conforme figura 23, entrevistado 4 e entrevistado 10.

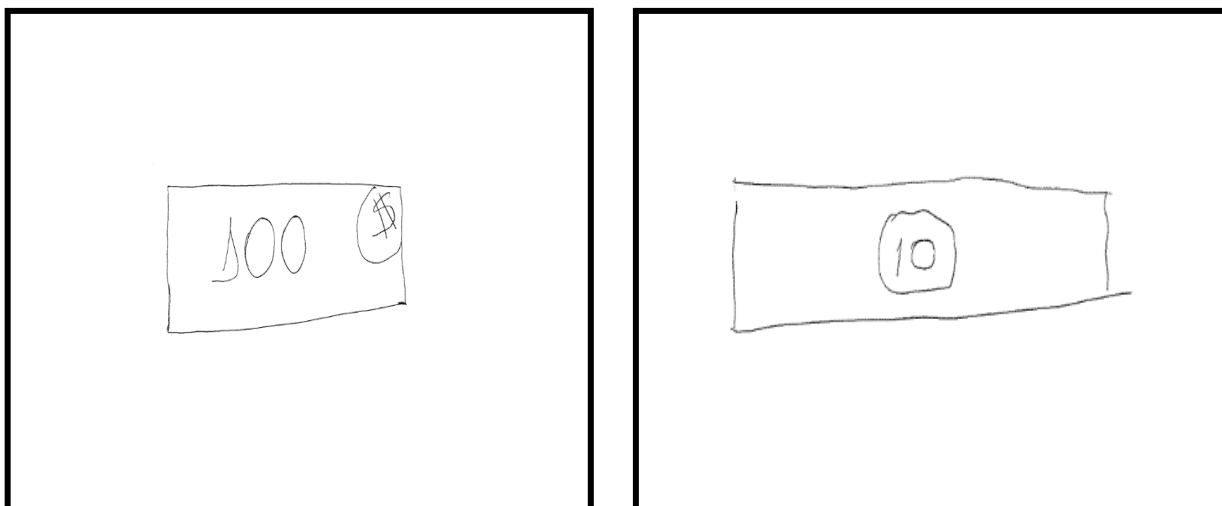


Figura 23 - Entrevistado 4 e Entrevistado 10.

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: casa “de rua”, conforme figura 24, entrevistado 20.

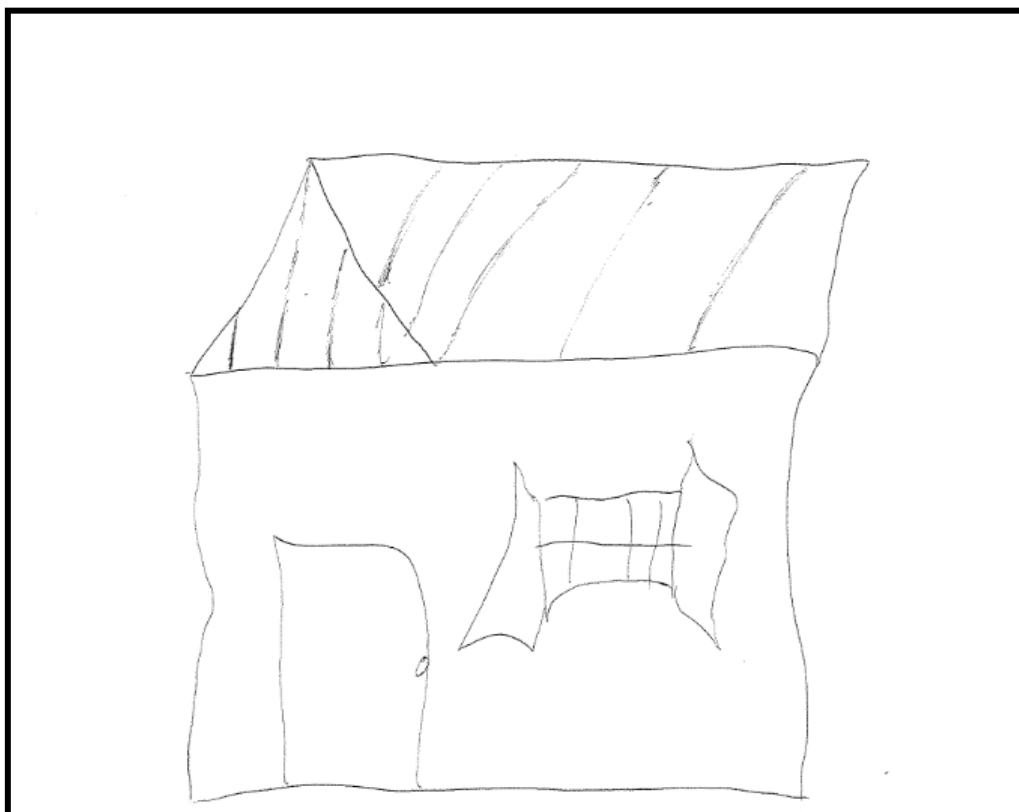


Figura 24 - Entrevistado 20

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: dinheiro; casa; praia (lazer), conforme figura 25, entrevistado 18.

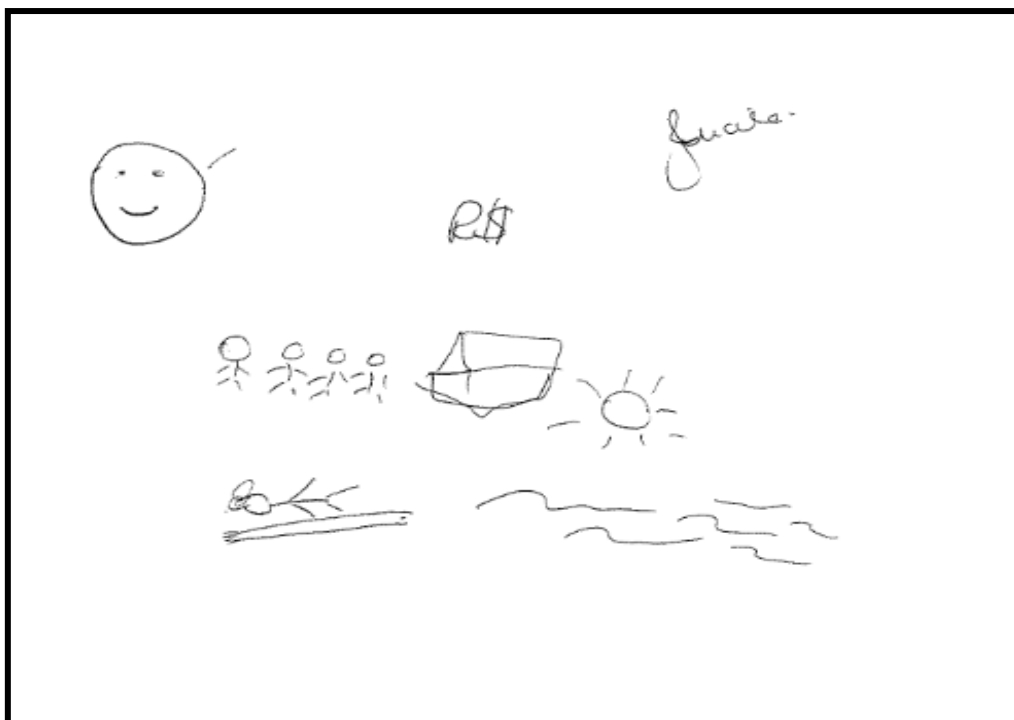


Figura 25 - Entrevistado 18

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: casa; família; bola (lazer), conforme figura 26, entrevistado 15.

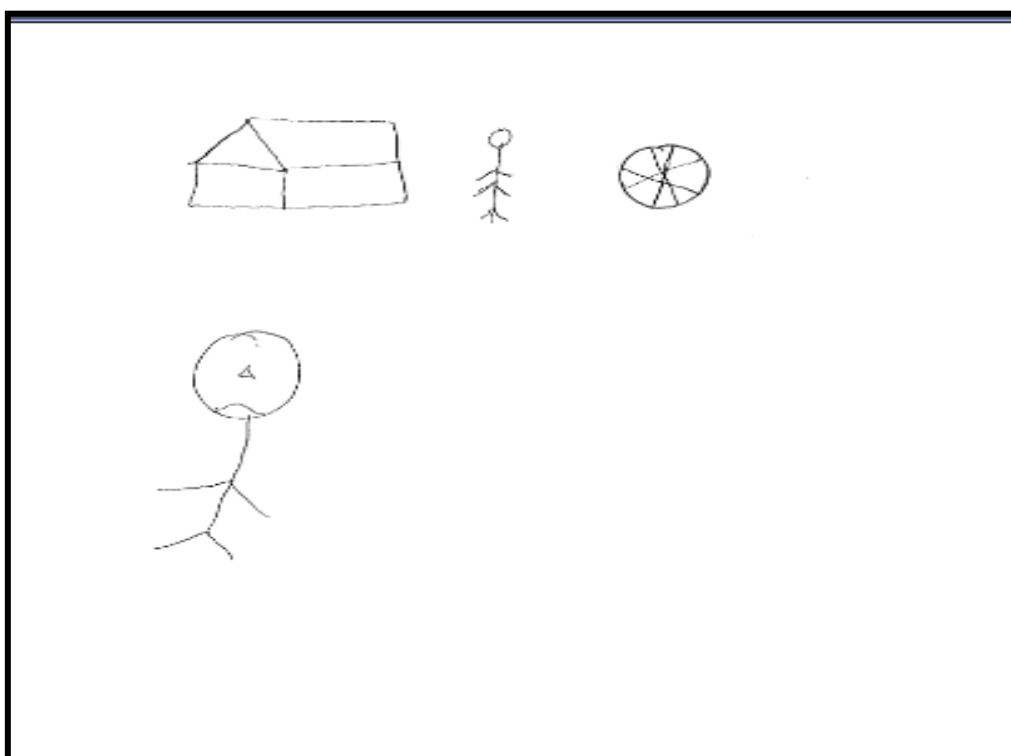


Figura 26 - Entrevistado 15

Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: casa; rotina de trabalho (esteira de reciclagem), conforme figura 27, entrevistado 12.

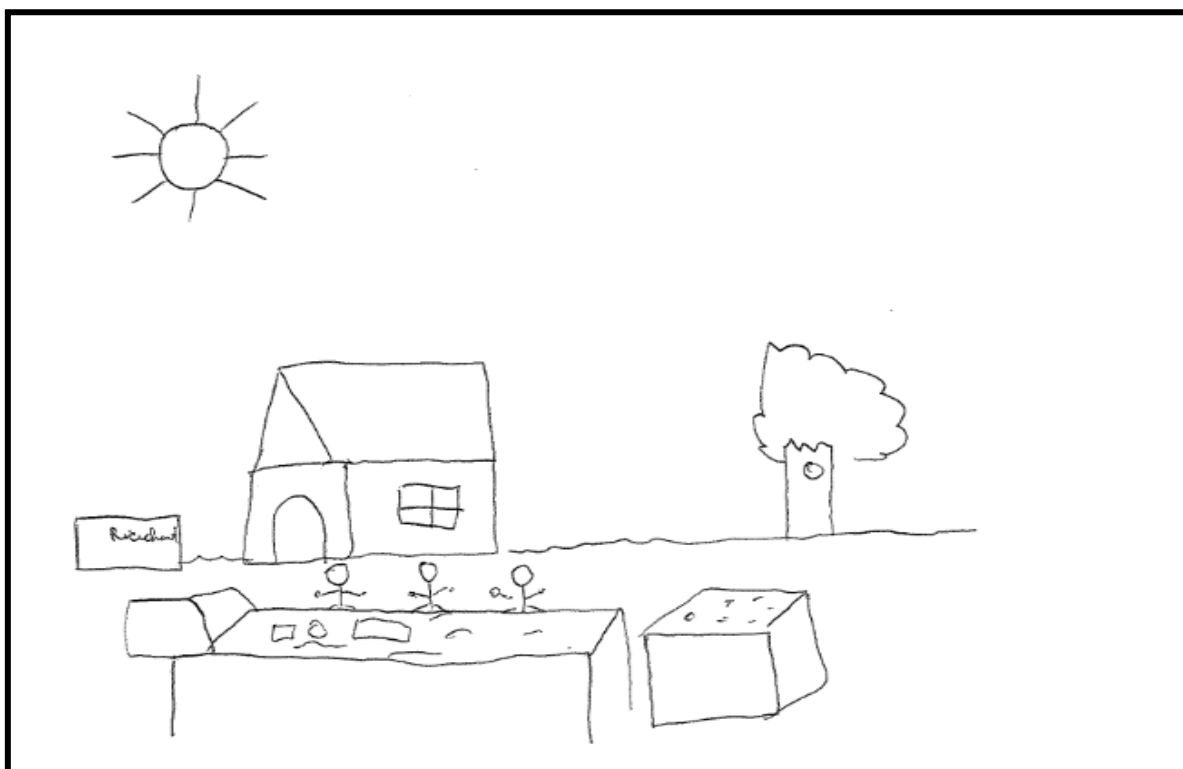


Figura 27 - Entrevistado 12
Fonte: Entrevistas realizadas

Representação: lixo (rotina de trabalho), conforme figura 28, entrevistado 11.

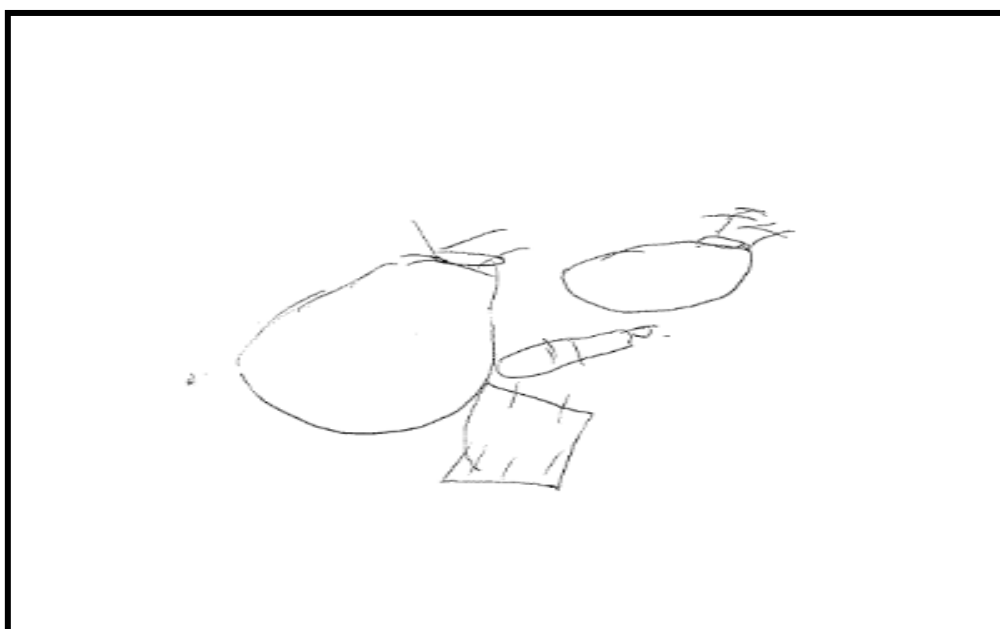


Figura 28 - Entrevistado 11
Fonte: Entrevistas realizadas

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão analisados, primeiramente, os desenhos realizados pelos jovens participantes desta pesquisa e, posteriormente, será feita uma reflexão sobre as categorias de conteúdo compartilhadas no capítulo anterior, relacionando-as com as principais questões teóricas trazidas por Marx (1971, 1974), Marcuse (1973) e Bauman (2000). Uma análise comparativa dos resultados aqui obtidos, com as pesquisas acadêmicas sobre trabalho, realizadas no Brasil de 2000 à 2010, também fará parte deste capítulo. Contudo, antes de se iniciar a discussão dos resultados alcançados, é preciso pontuar que esta análise não tem o intuito de fazer generalizações e, conseqüentemente, estereótipos superficiais das questões que os grupos trouxeram, mas sim, reproduzir o retrato das percepções destes jovens no momento em que foi realizado este estudo.

7.1 ANÁLISE DOS DESENHOS

Conforme já mencionado anteriormente, a construção do desenho foi a primeira atividade realizada no momento da entrevista. A pesquisadora pediu aos jovens, de forma individual, que representassem em uma ou várias figuras o que vinha “na cabeça” ao falar a palavra trabalho. O objetivo do uso desta técnica, em um primeiro momento da entrevista, foi buscar, de forma menos racional, as percepções sobre trabalho. A pesquisadora reforçou que a qualidade dos desenhos não seria avaliada e eles teriam a chance, logo em seguida, de explicar o que desenharam. Observou-se que, em um primeiro momento, os jovens ficaram surpresos e inseguros com o que e como desenhariam o que pensaram. Após reforço de que realmente não existia “gabarito” e poderiam desenhar como quisessem, pode-se perceber que os jovens divertiram-se com a atividade, o que facilitou muito a discussão do tema trabalho, desenvolvido no decorrer da entrevista.

A proposição é, neste momento, iniciar esta análise respondendo a uma das questões específicas levantadas nesta pesquisa: **as representações do desenho sobre trabalho são coerentes com o discurso destes jovens?** Pode-se afirmar que sim, pois, na grande maioria dos entrevistados, o discurso sobre trabalho foi consequência do desenho realizado. Percebeu-se que o desenho ajudou muito aos jovens no momento de trazerem

questões mais subjetivas e auxiliou-os, de forma importante, quando foi solicitado que falassem sobre os sentimentos que os mobilizaram quando olhavam seus desenhos sobre trabalho. Os sentimentos trazidos, conforme exposto no capítulo anterior, expressaram de forma transparente o que haviam desenhado. Neste contexto, pode-se afirmar que o uso desta técnica projetiva auxiliou os participantes a expressarem o que pensavam sobre trabalho de uma forma menos racional, conforme já mencionado por Korthagen (1993); Meyer (1991) e Vince e Broussine (1996).

Vale pontuar, que foi possível observar, em alguns participantes dos grupos 1 e 2, uma discrepância entre discurso e desenho no que tange à importância da remuneração no trabalho, ou seja, eles não desenharam nenhuma figura que representasse o dinheiro, mas reforçaram, por diversas vezes na entrevista, a sua importância. Esta validação sobre a importância do dinheiro de forma velada apareceu em outros discursos nos grupos 1 e 2, como explicitado na fala “*dinheiro é a primeira coisa que vem na cabeça, mas eu não falei*” ou ainda na fala “*muita gente não vai dizer mas dinheiro é o mais importante*”. Nestes casos, o dinheiro foi trazido com certo tabu, ou seja, fazem referência à importância dele em suas vidas mas sentem “vergonha” de admitir, e, no caso específico destes jovens, de desenharem e deixarem “registrado” suas percepções.

Também foi observada uma discrepância entre discurso e desenho no grupo 3, quando os jovens colocam a importância do estudo como forma de crescer profissionalmente. Apesar de se referirem à relevância que o estudo representa no mundo do trabalho, não desenharam nenhuma figura que mencionasse este item. Percebe-se, o mesmo discurso da importância do estudo nos três grupos mas, de fato, o mais relevante para o grupo 3 que foi considerado em seus desenhos foi a casa, o dinheiro, a família, à rotina de trabalho e, em algumas desenhos também aparece o lazer representado pelo bola e praia.

Quanto à análise dos desenhos, encontrou-se uma diversidade de figuras e símbolos utilizados para definir o trabalho, contudo, é nítida a utilização recorrente das mesmas metáforas para expressar as ideias sobre trabalho e é neste contexto que serão comentados os resultados obtidos. As figuras descritas a seguir foram as representações de maior incidência nos três grupos estudados:

- Casa;

- Dinheiro; e
- Família.

As figuras abaixo estavam presentes nos desenhos dos jovens dos grupos 1 e 2 :

- Carro;
- Avião; e
- Mundo.

Observa-se, portanto, que os desenhos estão coerentes com os discursos dos jovens participantes, já que a principal motivação para o trabalho reside na aquisição de dinheiro para se comprar a casa própria e outros bens de consumo. Neste sentido, incluiu-se também a figura do carro, que apareceu nos grupos 1 e 2, como mais um bem de consumo desejável que o dinheiro possibilita comprar. No caso das figuras do avião e mundo que representam as viagens, além de estarem classificadas em itens de consumo, também poderiam estar na categoria de qualidade de vida, já que os jovens trouxeram estes itens como principais representantes de lazer, fora o trabalho.

A família, como motivadora para o trabalho. foi a segunda questão trazida por todos os participantes desta pesquisa.

Percebe-se também a ocorrência de algumas figuras desenhadas apenas pelos grupos 1 e 2. São elas:

- Computador;
- Livros;
- Troféu;
- Pessoa feliz;
- Pessoa cansada;
- Grupo de pessoas; e
- Lâmpada.

Estas figuras também estão coerentes com os discursos dos jovens pertencentes à estes grupos. Nota-se que as metáforas utilizadas, tais como o computador, o livro, o troféu,

peças felizes e cansadas, grupo de pessoas e a lâmpada estão alinhadas com as percepções de trabalho associadas à conectividade, ao conhecimento, ao reconhecimento, aos sentimentos em relação ao trabalho, à importância das pessoas e à valorização das ideias, respectivamente.

Ao se analisar os desenhos realizados, pode-se fazer algumas inferências em cada grupo estudado. Observou-se que os desenhos do grupo 3 representavam figuras mais concretas (casa, dinheiro e família), e mais simples sem outras representações adicionais.

No grupo 2, os desenhos também foram diretos e concretos e, na grande maioria, limitaram-se a representar o dia a dia de trabalho dos entrevistados, ou seja, quando foram estimulados a pensar na palavra trabalho o que vinha à mente era a rotina de trabalho atual. Quanto ao grupo 1, percebeu-se uma elaboração um pouco maior das figuras desenhadas, onde os jovens deste grupo buscaram representações mais abstratas e subjetivas para dizerem o que pensam sobre o tema trabalho.

Por fim, é importante reforçar a validade da utilização do desenho, que auxiliou os participantes a acessarem frentes mais subjetivas e menos racionais do tema trabalho, além de facilitar e estimular as reflexões desenvolvidas no decorrer das entrevistas, no ponto de vista da pesquisadora.

7.2 DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

O ponto de partida desta análise será a pergunta que este trabalho buscou responder: **como os jovens de diferentes estratos sociais percebem o trabalho?** Os 92 jovens foram classificados didaticamente em três grupos sociais, a resposta de maior incidência, totalizando mais da metade das respostas dos jovens pesquisados, foi que o trabalho é percebido como um meio para se ganhar dinheiro e adquirir bens, sejam eles básicos de sobrevivência como o alimento e a casa própria, que aparece quase que exclusivamente no grupo 3, até os mais sofisticados como viagens para o exterior, carro, moto e instrumentos musicais. O trabalho para estes jovens é visto como meio para se ter dinheiro e consumir, e não como um fim em si mesmo. O que mais chamou a atenção, nos discursos destes jovens, é que esta motivação para o trabalho apareceu de forma exclusiva para 54% dos jovens participantes, ou seja, mais da metade destes jovens verbalizam que trabalham

exclusivamente pelo dinheiro. Este percentual é diferente para cada grupo. Observou-se este resultado em 45% dos jovens do grupo 1, em 36% do grupo 2 e em 100% do grupo 3.

Uma primeira análise teórica deste resultado remete às definições de trabalho, ainda em Marx (1974), que entendia que o trabalho podia ser compreendido como a capacidade de transformar a natureza para atender às necessidades humanas. Neste sentido, percebe-se o nível de sofisticação que as necessidades humanas adquiriram nos dias de hoje. O autor entende que a causa da não satisfação do trabalho como um fim em si mesmo deve-se ao processo de alienação do trabalho onde, a partir do momento que o trabalho não faz mais parte da sua natureza, ele não satisfaz suas necessidades como tal e torna-se apenas um meio para a satisfação de outras necessidades, como encontrado nos resultados desta pesquisa. Neste contexto, segundo Marx (1974), todos os sentidos físicos e intelectuais passam a ser substituídos pela simples alienação de todos esses sentidos: o sentido do ter. O carro, a viagem à Paris, a moto, a guitarra são objetos criados pelo consumo que, segundo Marx (1974), tornam-se necessidade e, conseqüentemente, é o que alavanca a produção e inicia o ciclo do consumo que reproduz a necessidade.

Neste sentido, outro conceito relevante que se gostaria de relacionar com os resultados desta pesquisa diz respeito às necessidades mais “sofisticadas” (moto, carro viagens, entre outros) onde poderiam fazer parte do grupo das falsas necessidades, conceito estudado principalmente por Marcuse (1973). O autor entendia que as necessidades que o indivíduo não tem controle, ou seja, aquelas necessidades que se consome, de acordo com o que é esperado pela propaganda, pertenceriam a esta categoria.

Percebe-se, principalmente nos grupos 1 e 2 o compartilhamento destas necessidades. Neste contexto, o ponto que chamou atenção neste resultado é que, mais da metade dos jovens participantes da pesquisa, têm o mesmo motivador para trabalhar e desfrutam de realidades sócio-econômicas bem diferentes, mas compartilham dos mesmos desejos, variando apenas o nível do investimento de lazer ou do conforto. Neste momento, coloca-se de forma muito apropriada o conceito de Marcuse (1973) sobre a sociedade unidimensional. Esta sociedade onde todos cantam em um mesmo “ritmo” e na harmonia da orquestra perfeita, ninguém desafina, nem mesmo aqueles que não possuem condições de desfrutar dos mesmos benefícios da classe privilegiada. Segundo ao autor, trata-se de uma sociedade onde o avanço tecnológico acarretou todo um sistema de dominação, e criou formas

de vida e de poder que apaziguam forças que se opõem ao sistema e rejeitam qualquer protesto. Tem-se, então, uma sociedade totalitária, porque presencia-se a conciliação na consciência e na ação política das principais classes sociais que um dia se defrontaram: burguesia e proletariado.

Hoje, existe um grande grupo reivindicando os mesmos direitos de consumir, sejam os *trainees* do escritório, os profissionais do “chão de fábrica” do jornal ou os catadores de lixo da periferia de São Paulo.

Segundo Marcuse (1973), a sociedade unidimensional detém o controle, e a dominação permeia todas as classes sociais, utilizando meios eficazes para a efetivação desta realidade. Neste sentido, o autor lembra que a equiparação de diferentes classes sociais exerce uma clara função ideológica. Como se pode ver nos resultados desta pesquisa, o processo de dominação está relacionado à transposição de necessidades sociais para individuais, e este processo se articula em todos os níveis sociais e se mostra tão eficaz que a diferença entre elas parece apenas teórica. Os produtos oferecidos a todas as classes sociais, deixam de ser apenas publicidade para tornar-se um estilo de vida. É neste contexto que surge um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais.

A identificação e reprodução de desejos compartilhados por grupos financeiramente diferentes nos remete ao conceito de mimese de Marcuse (1973), onde o autor define que os processos de introjeção passam a ser reações quase mecânicas, e o resultado não é a adaptação, mas sim a mimese que é definida como uma identificação imediata do indivíduo com a sua sociedade e, através dela, com a sociedade em seu todo. E quando este processo social imaturo acontece, segundo o autor, os indivíduos acabam se reconhecendo apenas nas coisas que envolvem suas vidas. Este processo se estabelece através de uma aceitação “natural” das coisas e da lei da sociedade. Para o autor, nas áreas superdesenvolvidas de consumo em massa a vida é administrada se tornando a boa vida compartilhada entre todos, e os opostos estão unidos para a manutenção deste *status quo*. Para Marcuse (1973), esta é a forma pura de dominação.

Quando se pensa neste compartilhamento uníssono de discurso em prol do consumo, é inevitável não fazer uma associação com a sociedade do consumo de Bauman (2000). A líquida sociedade moderna abarca seus integrantes não mais como produtores, em

uma visão marxista do trabalho, mas como consumidores. Para o autor, o consumo é o que move o mundo nesta configuração moderna de sociedade, e todos os indivíduos são vistos como usuários e mantenedores desta força. A sociedade de consumidores é uma sociedade que promove e encoraja a escolha de um estilo de vida consumista e não considera nenhuma outra cultura alternativa. Não basta ter condições para manter um filho, mas para se tomar a decisão de tê-lo, precisa ter dinheiro para pagar a melhor escola da cidade para ele. Para Bauman (2000), esta lista de desejos é ilimitada, e a opção de não entrar neste processo não existe. A padronização não só dos discursos, mas de estilos de vida reflete a homogeneização de pensamentos.

Quando se entra em contato com discursos como “*vou almejar tudo o que quero através do trabalho*” ou “*através do trabalho a gente conquista tudo...devemos querer sempre mais*”, é impossível não se fazer referência ao entendimento que Bauman (2008) repercute sobre o impacto da sociedade do consumo nas subjetividades humanas. Estas que acabaram absorvidas como mercadorias através da compra e venda de símbolos de identidade faz com que se corra atrás das “coisas” a procura de nós mesmos. Uma busca sem fim que faz querer sempre mais na esperança de um dia nos encontrarmos como seres únicos e especiais. E como Bauman (2000), coloca “a subjetividade dos consumidores é feita de opções de compra – opções assumidas pelo sujeito e seus potenciais compradores e sua descrição adquire a forma de lista de compras... o que se supõe ser a materialização da verdade interior do *self* é uma idealização dos traços materiais-objetificados das escolhas do consumidor...” (BAUMAN, 2008, p. 24).

Quando se fala em consumo fala-se, indiretamente, da origem e do alavancador deste processo que é o dinheiro. Para tanto, neste momento é fundamental se retomar a percepção sobre a importância e centralidade que o dinheiro exerce na vida destes jovens. O dinheiro é visto pelos participantes desta pesquisa, independente do grupo ao qual estavam classificados, como algo básico, como uma condição que permite ir e vir no mundo, se mover e fazer escolhas, como condição do ser “independente”. Esta importância que o dinheiro exerce em nossas vidas foi motivo de certo constrangimento nos grupos 1 e 2 (“*palavra feia*” ou “*todo mundo pensa mas não vai falar*”). Para estes jovens, a importância do dinheiro veio associada, geralmente, à necessidade de se gostar do que faz. Contudo, muitas vezes o discurso perdia força quando o complemento a ele vinha como “*depois de ganharmos dinheiro podemos fazer o que gostamos*”. No grupo 3, a relação do trabalho com o dinheiro é

colocada de forma muito transparente e unânime ao afirmarem que trabalham pelo dinheiro. O trabalho para este grupo está relacionado à sobrevivência e à oportunidade de “subir na vida” através da aquisição de bens de consumo que o dinheiro proporciona.

Neste contexto, quando questionou-se sobre os sentimentos em relação ao trabalho pode-se obter o entendimento do porquê de os jovens dos grupos 2 e 3 não terem deixado transparecer emoções ligadas ao medo, angústia e dúvida. Estes sentimentos, trazidos somente pelo grupo 1, fazem parte do significado que o trabalho adquire como ritual de passagem da adolescência para a vida adulta e que estes jovens conseguem sentir e vivenciar quando facilitado pela estabilidade de sua condição econômica. Enquanto que para os jovens dos grupos 2, principalmente do grupo 3, o mundo do trabalho é precocemente introduzido e motivado pela busca do dinheiro, pela busca da sobrevivência diária.

Entretanto, independente do grupo, o discurso do dinheiro para estes jovens representou a busca pela sua individualidade, um meio de ter o controle de suas próprias vidas, de se tornar independente e uma forma de se fazer presente no mundo. O que se vê, segundo nossa base teórica crítica, é que infelizmente o dinheiro não é a redenção dos indivíduos ou um meio para nossa emancipação mas sim, o grande impulsionador de nossa sociedade capitalista, contribuindo com o aumento da dominação nas relações de poder estabelecidas entre as pessoas.

Neste contexto, é inevitável não se apresentar aqui a associação que os jovens verbalizaram entre felicidade e dinheiro. A felicidade apareceu nos discursos dos três grupos estudados como consequência do ganho do dinheiro e, conseqüentemente, do seu poder para aquisição de bens (casa, carro, viagens...) geralmente para desfrutar com a família, ou seja, a sensação de felicidade é patrocinada pelos produtos consumidos. Muitas vezes, este discurso nos grupos 1 e 2 veio traduzido por buscar a realização pessoal.

Ao se analisar este resultado, torna-se relevante lembrar as ideias de Souza (2010) que menciona que a noção de bem-estar é muitas vezes ligada à aquisição material, e este processo é a principal justificativa moral do capitalismo. O autor lembra esta associação quando relaciona o PIB de uma nação ao bem-estar das pessoas que ali habitam, ou seja, a “nação” passa a ser percebida em termos de uma empresa capitalista. Outro autor que levanta a questão da felicidade versus dinheiro é Bauman (2000). O autor entende que a felicidade

não está associada à satisfação das necessidades, mas a um volume e a uma intensidade de desejos sempre crescentes, o seu uso e, conseqüentemente, sua rápida substituição por outros objetos. Ainda para o autor, o valor da sociedade de consumo é a promessa de uma vida feliz, a felicidade no aqui e agora, ou seja, ter uma felicidade instantânea e perpétua enquanto vivermos.

Se a felicidade é consequência do dinheiro, é preciso lembrar também da visão de Marx (1974) sobre o dinheiro, escrita nos seus manuscritos econômicos e filosóficos. Para Marx (1974), o dinheiro é o meio e o poder externo e universal para mudar a representação em realidade e a realidade em mera representação. Marx (1974) entende que o dinheiro impacta na essência do ser humano ou na construção da consciência do seu eu. O reconhecimento da importância do dinheiro, mesmo há muitos anos atrás, o levou a questionar se o dinheiro não seria o laço de todos os laços. Neste contexto, discursos como “*dinheiro nunca é demais*” reforça o entendimento do autor que a necessidade cresce na medida em que o dinheiro aumenta. Segundo Marx (1974), a necessidade do dinheiro é a verdadeira necessidade produzida pela economia política e, de fato, é a única necessidade que ela produz. Como se viu em vários discursos “*o trabalho é um meio da minha realização financeira*”, o dinheiro é o meio para se ter esta realização e segundo o autor, o dinheiro realmente se estabelece como um meio, como o verdadeiro poder em seu único fim. Para Marx (1974) o dinheiro possui a propriedade de comprar objetos e torna-se o objeto por excelência, e esta qualidade universal gera a grande onipotência de sua essência.

Quando da realização da análise dos resultados das pesquisas acadêmicas, realizadas no Brasil entre 2000 e 2010, presenciou-se que a remuneração também é um fator importante e aparece como parte dos motivadores para se trabalhar, nas pesquisas realizadas sobre significado e sentidos do trabalho (MORIN, TONELLI e PLIOPAS, 2003; OLIVEIRA, 2004; OLIVEIRA e SILVEIRA, 2007; BETIOL, 2006; ONO e BINDER, 2010; FARIA e CARVALHO, 2010). Ao observar que a motivação para se trabalhar, ocorre quase como exclusiva pela remuneração no grupo 3, notou-se que este resultado também é compartilhado nas pesquisas com alguns grupos operacionais como o trabalho de D'Acri (2003), realizado com a categoria de operários da indústria têxtil, e no trabalho de Borges e Tamayo (2000). Esta última pesquisa, realizada com 622 empregados das indústrias de construção civil e varejo, mostrou que um dos padrões de maior relevância para este grupo foram os valores econômicos (de sustento da vida).

O segundo item de maior incidência nos discursos dos jovens dos três grupos estudados, foi trabalhar pela família. Contudo, viu-se, que a mesma resposta teve significados diferentes para os jovens dos grupos participantes. O trabalho pela família, no grupo 3, significou dar estrutura material para a família como o alimento, casa e conforto. Este discurso se repete no grupo 1, no entanto, como a maioria dos jovens deste grupo ainda não possui filhos, o motivador de se trabalhar pela família é traduzido por trabalhar para se ter condições financeiras de se formar uma família. Ao se analisar este discurso, novamente recaí-se na sociedade do consumo de Bauman (2000), onde os bens materiais mais sofisticados, como fornecer ao filho a possibilidade de fazer viagens internacionais, chegam a ser colocados como uma condicional para se formar uma família. Neste contexto, o impacto nas relações humanas da sociedade líquido moderna reflete uma inversão de valores, onde o afeto é sinônimo de proporcionar conforto através de bens materiais mais sofisticados.

Também se observou, nos três grupos analisados, a importância da família no contexto de trabalho como um valor, como dignidade e moral. Esta visão do trabalho é passada ao longo das gerações para os nossos jovens participantes. Além deste significado, a família também aparece, nos grupos 1 e 2, como a base emocional para o trabalho. A família representa o alicerce que fornece forças para ir em frente. No grupo 3, este discurso é visto de forma contundente, mas os jovens deste grupo não relacionam que esta estrutura seja oriunda de seus pais e irmãos, por exemplo. Os jovens verbalizam que são a base emocional para seus filhos, irmãos e até pais, como se pode presenciar no discurso “*faço pelo meus filhos o que o meu pai não fez por mim*”.

Ao se analisar estes resultados, retoma-se Bauman (2000) e relaciona-se a uma das principais características da nossa líquida sociedade moderna, que é a fragilidade dos laços e a falta de padrões sólidos que deveriam dar suporte de vida aos integrantes desta sociedade. Neste líquido e caótico contexto, os discursos de valorização da família, como base emocional para o trabalho e o próprio reconhecimento do valor do trabalho passado pelas gerações nos mostram que estes jovens, independente do grupo estudado, buscam esta solidez e preservam os laços familiares, tendo nestas relações as suas referências estruturais. A família, neste contexto, ajuda a amenizar os sentimentos de medo e insegurança gerados pela falta de controle e a alta volatilidade dos relacionamentos em nosso líquido mundo moderno.

Este resultado também se assemelha aos resultados encontrados na pesquisa etnográfica de Souza (2010) com os batalhadores brasileiros que, em uma busca por uma aproximação didática, seria o grupo 2 pesquisado neste trabalho. Para Souza (2010) esta categoria possui o “capital familiar”, ou seja, a família fornece todo o suporte para o alcance da atual posição social em que ocupam, além da transmissão de valores como a ética do trabalho e do estudo. A valorização da família também foi ponto presente na pesquisa de Souza e Lamonier (2010).

Ainda compartilhando pontos de convergência nos discursos dos três grupos, destaca-se algumas características sobre o trabalho que os jovens trouxeram de forma muito parecida, são elas: valorização do estudo como forma de crescimento profissional, sendo que no grupo 3 esta afirmação é traduzida como crescimento financeiro e nos grupos 1 e 2 como carreira; fazer o que se gosta aparece nos três grupos, contudo, no grupo 2 e 3, os jovens trouxeram esta questão como desejo, ou melhor, nem sempre é possível trabalhar naquilo que dá prazer, pois precisa da remuneração; a valorização da qualidade de vida (lazer) e a importância das pessoas no trabalho, onde os grupos 2 e 3 entendem os colegas de trabalho como amigos pessoais e, no grupo 1, colocam a importância das pessoas unidas em prol do alcance dos objetivos organizacionais.

Estes resultados se assemelham aos que as pesquisas acadêmicas sobre trabalho versus juventude mostraram nos últimos dez anos (VASCONCELOS *et al.*, 2009; TIEPO *et al.*, 2010; MELO e BORGES, 2005; OLIVEIRA e WETZEL, 2009; VELOSO, DUTRA e NAKATA, 2008; MORIN, TONELLI e PLIOPAS, 2003; OLIVEIRA, 2004).

Neste momento, é importante compartilhar alguns pontos relevantes que não foi consenso entre os grupos estudados, mas que merecem atenção. Destaca-se, inicialmente, a percepção dos jovens na relação com a organização em que trabalham. Percebeu-se, nos discursos dos jovens dos grupos 1 e 2, que esta relação é vista como um acordo de expectativas entre ambos os lados e quando os jovens entendem que a organização não está mais “*agregando*” para eles, colocam que não se preocupam em deixar a empresa e procurar outras oportunidades. Na tentativa de reforçar este entendimento, observou-se que existe uma valorização na diversidade de experiências organizacionais. Em contrapartida, estes mesmos jovens também colocam uma preocupação em manter a imagem da organização e se sentem responsáveis em “*zelar pelo nome da empresa*”. No grupo 2, os discursos também

repercutiram a necessidade da empresa tratar bem o funcionário para que consiga o seu comprometimento de “*coração*”. Contudo, de forma contraditória, , percebeu-se em alguns discursos a valorização na estabilidade de um emprego fixo e a importância de se estar vinculado a uma empresa. Os jovens do grupo 3 são claros em reforçar a valorização do emprego.

Neste contexto, vale lembrar a percepção de Bauman (2000) sobre a relação organização versus funcionário. Para o autor, na modernidade líquida e fluida, o capitalismo leve e flutuante é marcado pelo desengajamento e enfraquecimento dos laços que prendem o capital ao trabalho. Vê-se a relação, forte e duradoura de funcionário versus organização, passar para “coabitação”, ou pacto como os jovens mesmo definiram, e a partir desta mudança, passa-se a conviver com a possibilidade de que esta relação seja quebrada a qualquer momento e por qualquer razão, na medida em que o desejo e a necessidade desapareçam. Contudo, o discurso do desprendimento é contraditório à valorização do emprego fixo e da preocupação com a organização. Neste sentido, se questiona o quanto este discurso do “tô nem aí” não é algo construído para manter uma imagem jovem, alguém que é aberto às mudanças de vida e detem o controle total sobre suas escolhas profissionais. Quando os jovens valorizam a estabilidade também buscam desesperadamente alicerces rígidos que nos auxiliem a amenizar as inseguranças e incertezas de nossa líquida sociedade moderna.

Outro ponto que torna-se relevante compartilhar refere-se a quando os jovens falam de estar comprometidos de “*coração*” com a empresa, de buscar sempre fazer o melhor e nunca ficar satisfeito com o bom. Ao se analisar tais discursos é inevitável não fazer referência à base de manutenção do sistema capitalista de Souza (2010). O autor entende que é na reprodução da ideia de que as pessoas devem acreditar no que fazem, e ainda buscarem fazer o melhor naquilo que realizam, o sucesso da perpetuação do capitalismo. Este processo de legitimação busca o comprometimento individual com o sistema, ou seja, se traduz na fotografia da dominação simbólica que se estabelece nesta relação.

Por fim, é necessário trazer uma das questões específicas levantadas nesta pesquisa: **o trabalho é percebido como central na vida destes jovens?** Observou-se vários posicionamentos sobre o papel que o trabalho ocupa na vida das pessoas e, apesar da maioria dos jovens entender que o trabalho tem um papel central e estrutural em suas vidas, não se alcançou unanimidade entre os grupos 1 e 2. No entanto, no grupo 3, foi consenso de todos os

jovens participantes que o trabalho é tudo em suas vidas. Esta afirmação sempre veio acompanhada da importância da remuneração que o trabalho proporciona como condição de sobrevivência, o que, talvez, para os demais grupos não seja algo tão premente.

Ao se analisar as verbalizações de vários jovens do grupo 1 como “ *quando se está desempregada deve-se perguntar quem eu sou*” ou “ *sinto-me vazia quando estou de férias*” exemplifica a percepção da relevância que o trabalho exerce na construção das identidades destes jovens. Este entendimento do trabalho, como base na psicologia dos indivíduos, remete ao conceito de Marx (1974) no qual é no trabalho que o homem desenvolve a si próprio, tornando-se ele próprio.

Neste momento, levanta-se o questionamento sobre a real centralidade do trabalho nos dias de hoje, central e importante, como sendo uma fonte de realização por si próprio. Segundo Antunes (2000), o trabalho pode ter mudanças de processo, em consequência das inovações tecnológicas, qualificação e intelectualização do trabalho manual, mas não perderá sua importância e centralidade na vida de cada indivíduo. Em contrapartida, Bauman (2000) entende que o trabalho não desfruta mais desta posição autorealizadora e estruturante no indivíduo, porque foi arrancado de suas raízes metafísicas, perdendo a sua centralidade e valores dominantes presentes na modernidade sólida e no capitalismo pesado. O autor entende que o trabalho tem apenas um significado “estético” porque não é medido pelo resultado que traz às pessoas, tornando-as seres humanos melhores. Neste sentido, vale ressaltar que nesta pesquisa com 92 jovens, apenas 8 distribuídos entre os grupos 1 e 2, relacionaram trabalho com o fato de ajudar as pessoas ou fazer algo relevante pela humanidade, os demais trouxeram questões autocentradas como se pode acompanhar nas respostas que foram compartilhadas ao longo deste capítulo, entre elas: “*para eu ganhar dinheiro*”, “ *para eu crescer e aprender*”, “*para minha autorealização*”, “ *para manter minha cabeça ocupada*”, “*para ter o reconhecimento da empresa*”, etc.

Vale pontuar que as pesquisas acadêmicas analisadas sobre sentidos e significados do trabalho, em diversas categorias funcionais no Brasil, também reforçam a centralidade e importância do trabalho na vida dos indivíduos (NETO e SACHUK, 2007; COSTA e BRATKOWSKI, 2007; BORGES e TAMAYO, 2000; LOPES *et al.*, 2008; FRUTOS e VERCESI, 2008; D’ACRI, 2003).

Quando se elabora uma reflexão sobre a centralidade do trabalho na vida destes jovens, faz-se necessário reforçar o significado que o trabalho tem para a maioria deles, ou seja, o trabalho é considerado um meio para se ter dinheiro e adquirir “coisas”. Os discursos destes jovens sobre a importância que o dinheiro exerce em suas vidas, sendo inclusive o grande protagonista na conquista da felicidade, leva a questionar o quanto o trabalho é central por ele próprio como fonte de satisfação, ou não é, de fato, a centralidade do dinheiro estabelecida em nossa líquida sociedade do consumo.

Ao concluir este capítulo é importante destacar que o objetivo da pesquisadora foi delimitar a abrangência da análise no que se refere às principais características sobre o tema trabalho que os jovens expressaram, tanto através dos seus desenhos quanto das suas verbalizações diretas. Apesar de ter conhecimento que existem outros pontos possíveis de aprofundamento e discussão, foi proposição limitar o foco nos pontos de convergências e divergências que julgou importantes discutir à luz da teoria crítica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discussão dos resultados descritos anteriormente, esta pesquisa, realizada com 92 jovens classificados em diferentes estratos sociais, mostrou que para a grande maioria destes jovens, o trabalho é percebido como meio para se obter dinheiro e consumir, e não como um fim em si mesmo. Esta motivação para o trabalho apareceu de forma exclusiva para 54% dos jovens participantes, ou seja, mais da metade destes jovens verbalizam que trabalham exclusivamente pelo dinheiro.

Neste contexto, é de maior relevância enfatizar o papel que o dinheiro, objeto que viabiliza o consumo, exerce na vida destes jovens. As verbalizações destes jovens mostram, em todos os grupos estudados, que o dinheiro é o que move as pessoas no mundo, o que permite fazer escolhas e que valida o direito de ir e vir, ou melhor, consolida a sua autonomia como indivíduo na sociedade. Conseqüentemente, a grande maioria destes jovens atribui a felicidade à aquisição de bens de consumo, principalmente às sensações que o dinheiro pode comprar, como viagens com a família ou sozinho, a possibilidade de se sentir bem ao tocar um instrumento musical, o prazer em dirigir um carro ou uma moto nova, entre outros.

A partir da reflexão da importância do dinheiro, e tudo que ele pode comprar, na vida destes jovens, surge o questionamento: quanto o trabalho é central por ele próprio como fonte de satisfação ou, de fato, o que é central na vida destes jovens é o dinheiro como viabilizador do consumo e tudo que ele pode proporcionar?

Como se pode ver no decorrer deste trabalho, este resultado foi analisado, inicialmente, à luz das ideias de Marx (1974) no que se refere ao trabalho como forma de atender as necessidades humanas e os questionamentos sobre a complexidade que estas demandas adquiriram ao longo dos anos. Compartilharam-se também os conceitos marxistas de alienação do trabalho, que ocorreu a partir da propriedade privada, como a grande causadora da não realização do trabalho como um fim em si mesmo, tornando-se um meio para satisfação destas necessidades.

Conforme discutido no capítulo anterior, ao se deparar com este discurso uníssono do consumo em todos os jovens, independente do grupo ao qual pertencem, houve uma

necessidade de uma referência às ideias sobre a sociedade unidimensional de Marcuse (1973), que surge em consequência da racionalidade tecnológica e se configura como uma sociedade totalitária, na medida em que não existem mais contradições entre as classes sociais. Com o aumento do padrão de vida o não conformismo com o próprio sistema parece socialmente inútil, ameaçando o funcionamento *suave* do todo. E o que une esta sociedade, segundo Bauman (2000), é o consumo, que promove e encoraja a escolha de um estilo de vida consumista e não considera nenhuma outra cultura alternativa. O consumo que, segundo o autor, absorveu as subjetividades humanas como mercadorias através da compra e venda de símbolos de identidade.

Neste sentido, ao se deparar com esta pseudounidade social, onde o único ponto de coesão são os desejos de consumo, foi preciso trazer os questionamentos críticos de Souza (2010) que reforça sua preocupação quando igualamos os *trainees* do escritório aos catadores de lixo da periferia. Para tanto, o autor reforça o cuidado que se deve ter ao buscar uma classificação social, pois quando não se percebe de forma clara a construção e a dinâmica das classes sociais, acaba-se distorcendo a realidade vivida e sendo cúmplices da violência simbólica que reforça a dominação e a opressão injusta.

Neste momento, cabe reforçar que os resultados obtidos nesta pesquisa foram oriundos de uma análise crítica que teve como base um olhar comparativo entre os três grupos sociais estudados. Contudo, ao se avaliar os resultados por grupo social encontram-se muitas similaridades com os estudos brasileiros, da última década, sobre sentidos e significados do trabalho. Observam-se poucas variações entre as categorias funcionais estudadas nestes trabalhos que trazem o trabalho como central; que permite sua realização pessoal, crescimento, reconhecimento profissional, inserção social e retorno financeiro.

Por fim, é de suma importância pontuar, como prováveis restrições e limitadores desta pesquisa, que a mesma foi realizada na região sul e sudeste do país onde as condições sócio-econômicas são mais avantajadas que em regiões como norte e nordeste, por exemplo. Neste sentido, a recomendação para estudos futuros recai na necessidade de se “ouvir” os jovens em diferentes estratos sociais nas demais regiões do país, em futuras pesquisas. Outro ponto que se poderia levantar como limitador e/ou viés, apesar de não se saber ao certo o quanto isto impactou nos resultados obtidos, diz respeito ao fato de a pesquisa ter sido feita com uma empresa privada para os grupos 1 e 2 e com duas cooperativas para o grupo 3.

Em suma, após se compartilhar as principais análises dos resultados desta pesquisa, sob o olhar de alguns conceitos relevantes de Marx, Marcuse e Bauman, fica o questionamento sobre a viabilidade do processo de emancipação real dos indivíduos nesta sociedade. Para Marx, que acreditava em uma sociedade em que ocorreria a revolução do proletariado, viu-se a inexistência de confronto entre os diferentes grupos sociais. Então, remeteu-se à sociedade unidimensional de Marcuse que já acusava esta unidade pacífica de interesses compartilhados, uma sociedade sem oposição, onde os sujeitos são meros reflexos socialmente condicionados. Por fim, trazemos Bauman que remete a definição nada otimista da complexa e líquida sociedade moderna, que inaugura um mundo flexível e volátil, onde o trabalho passou a ser meio de conquistas materiais e, para as pessoas, resta buscar, de forma quase heroica, se defender das inseguranças e incertezas que esta sociedade impõe para seus integrantes.

Sob o olhar da teoria crítica, segundo Kincheloe e Maclaren (2006), o processo de emancipação é entendido como a capacidade dos indivíduos de terem o poder e controle de suas próprias vidas, em uma sociedade que se baseia na justiça e na solidariedade. Neste sentido, fica o questionamento sobre a real possibilidade de uma total emancipação, pois **como emancipar-se completamente do contexto socio-político que ajudamos a produzir?**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTON, D. M; PICCININI, V.C. **Os sentidos atribuídos ao trabalho pelos profissionais do ramo publicitário de Porto Alegre**. Rio de Janeiro: Enanpad, 2009.
- ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez, 2002.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2000.
- BARROS, A. N.; ANDRADE, C. R.; GUIMARÃES, L.V.M. **O Lugar do Trabalho na Psique dos Indivíduos**: Luto, Melancolia e Auto-Aniquilamento do Ego. Rio de Janeiro: Enanpad, 2008.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAUMAN, Z. **O amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: A transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENEVIDES, T. M; SPESSOTO, A. M. **O Sentido do Trabalho**: Uma Avaliação Sobre a Percepção dos Gestores dos Bancos Privados na Região Metropolitana de Salvador. São Paulo: Enanpad, 2009.
- BETIOL, M. I. S. **Análise Exploratória Sobre “Os Sentidos Do Trabalho” em Duas Visões**: Região Metropolitana de São Paulo e Região Parisiense. Salvador: Enanpad, 2006.
- BEYDA, T. T.; CASADO, R. U. **Dilemas da Ruptura com o Mundo Corporativo**. Rio de Janeiro: Enanpad, 2007.
- BINOTTO, E.; NAKAYAMA, M. K. Os Reflexos das Mudanças no Mercado de Trabalho. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v.6, n.2, mar./abr. 2000. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19421/000302108.pdf?sequence=>. Acesso em 20 abr. 2012.
- BITENCOURT, B. M.; GALLON, S.; BATISTA, M. K; PICCINI, V.C. **Para Além do Tempo de Emprego**: o sentido do trabalho no processo de aposentadoria. Rio de Janeiro: Enanpad, 2010.
- BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Caderno CEDES**, v.24, n.62, p.26-43, abr. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20090.pdf>. Acesso em 20 abr. 2012.
- BORGES, L. O; TAMAYO, A. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. Florianópolis: Enanpad, 2000.

BOURDIEU, P. A. “Juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAVERMAN, H. **Trabalho capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: LTR, 1987.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979.

CALDAS, M; TONELLI, M. J. Casamento, estupro ou dormindo com o inimigo? Interpretando imagens e representações dos sobreviventes de fusões e aquisições. **Organização & Sociedade**, v.9, n.23, jan./abril 2002.

CARDOSO, R.; SAMPAIO, H. **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: Edusp, 1995.

CHERQUES, H. R. T; PIMENTA, R. C. **Interpretação da Referência Moral dos Jovens Executivos nas Organizações Brasileiras**. Salvador: Enanpad, 2006.

COIMBRA, R. G. C.; SCHIKMANN, R. **A Geração Net**. Campinas: Enanpad, 2001.

COSTA, A. C. G. **Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática**. Minas Gerais: Fundação Odebrecht, 1996.

COSTA, S. G; BRATKOWSKI, P. L. S. Paradoxos do trabalho prisional na era do capitalismo flexível: o caso do DETRAN-RS. **Revista de Administração Contemporânea**, v.11, n.3, p. 127- 247, jul./set. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rac/v11n3/a07v11n3.pdf>. Acesso em 18 mar. 2012.

D'ACRI, V. Trabalho e saúde na indústria têxtil do Amianto. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v.17, n.2, p.13-22, 2003. [Edição especial]

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. [cols.]. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Bookman e Artmed, 2006.

DOMINGUES, J. M. Gerações, Modernidade e Subjetividade Coletiva. **Revista de Sociologia da USP**, v.14, n.1, p.67-89, 2002.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESTANISLAU, C.; CASTRO, D. S. P; CASTRO, C. C; RESCH, S. **As Três Dimensões da Colonização do Mundo do Trabalho: Subjetividade, Corpo e Arquitetura**. Rio de Janeiro: Enanpad, 2010.

FARIA, J. H.; KREMER, A. Reestruturação Produtiva e Precarização do Trabalho: o mundo do trabalho em transformação. **Revista Eletrônica de Administração**, v.10, n.5, 2004.

FARIA, M. D; CARVALHO, J. L. F. **Diversidade e Atração de Jovens Talentos: Investigando o Potencial da Orientação Empresarial para Clientes Internos e Externos com Deficiências**. Rio de Janeiro: Enanpad, 2010.

FAUSTO, B. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002.

- FINOCCHIO, S. Práticas dos Jovens de Hoje (e fantasmas dos adultos de hoje). In: **Geração Futuro**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2007.
- FISHLOW, A. **O novo Brasil**: As conquistas políticas, econômicas, sociais e nas relações internacionais. São Paulo: Saint Paul, 2011.
- FROMM, E. **Conceito Marxista do Homem**: Manuscritos econômicos e filosóficos de Karl Marx. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.
- FRUTOS, F. P; VERCESI, C. **Vivenciando o Bem-estar, enfrentando o Sofrimento**: estudo da Representação Social do Bombeiro sobre o Significado de seu Trabalho. Rio de Janeiro: Enanpad, 2008.
- GIORDANO, E. Profissão e Sexo no Conceito de Adolscentes. **RAUSP**, v.6. dez./jan. 1952.
- GONDIM, S. M. G.; FEITOSA, G. N.; CHAVES, M. A. Imagem do Trabalho: um Estudo Qualitativo usando Fotografia em Grupos Focais. **Revista de Administração Contemporânea**, v.11, n.4, p.153-174, 2007.
- GORZ, A. **Adeus ao proletariado**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DFEL, 2000.
- HEMAIS, M.W; CARVALHO, J. L. F. S; AZEVEDO, G. M. **O Emprego Sonhado pela Velha Guarda Ainda Encanta os Jovens?** As percepções dos universitários acerca da boa e velha Petrobras. Recife: Eneo, 2002.
- HOWE, N.; STRAUSS, S. **Generations**: The History of America's Future, 1584 to 2069. Morrow, 1991.
- KINCHELOE, Joe L.; MCLAREN, Peter. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2006.
- KORTHAGEN, F. Two modes of reflection. **Teaching and Teacher Education**. v.9, n.3, p.317-326, 1993.
- KUNTER, A.; BELL, E. The Promise and Potential of Visual Organizational Research. **Management**, v.9, n.3, p.169-189, 2006.
- LEMONS, A. H; DUBEUX, V. J; PINTO, M. C. S. **Empregabilidade dos Jovens Administradores**: uma Questão Meritocrática ou Aristocrática ? São Paulo: Enanpad, 2009.
- LILIENFELD, S. O.; WOOD, J. M.; GARB, H. N. The Scientific Status of Projective Techniques. **Psychological Science in the Public Interest**, v.1, n.2, p.27-66, 2000.
- LOMBARDIA, P.G.; STEIN, G.; PIN, J.R. **Políticas para dirigir a los nuevos profesionales** – motivaciones y valores de la generacion Y. Documento de investigación. DI-753. Mayo, 2008.

LOPES, F.T; MACIEL, A.A.D; DIAS, D.S; MURTA, I.B.D. **O Significado do Trabalho para os Garis: Um Estudo sobre Representações Sociais**. Belo Horizonte: Eneo, 2008.

LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar. 1973.

MARRA, A. V.; MARQUES, A. L.; MELO, M. C. O. L. **A Articulação entre Significado do Trabalho e “Identificação Organizacional”**: Contribuições para a Compreensão do Processo de Aposentadoria Gerencial. Rio de Janeiro: Enanpad, 2010.

MARX, K. **Manuscritos econômicos e filisóficos e outros textos escolhidos**. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1974.

MARX, K. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MELO, S. L.; BORGES, L.O. **Transição Universidade - Mercado de Trabalho na Ótica do Jovem**. Brasília: Enanpad, 2005.

MEYER, A. D. Visual Data in Organizational Research. **Organization Science**, v.2, n.2, p.218-238, 1991.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.41, n.3, p.8-19, jul./set, 2001.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos [CD-ROM]. In: ANAIS DO ENANPAD, 28. Porto Alegre: ANPAD, 2003.

MOW – International Research Team. **The meaning of work**. New York: Academic Press, 1987.

NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia Social**, v.19, n° especial, p.14-20, 2007.

NERI, M. **Entrevista ao Estadão.com**. em 03/05/2011.

(<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,estudo-indica-que-desigualdade-atingiu-menor-nivel-ja-visto-do-brasil,1,estudo-indica-que-desigualdade-atingiu-menor-nivel-ja-visto-do-brasil,714373,0.htm?p=4>)

NETO, A. L. C. M.; SACHUK, M. I. **Múltiplas Visões Sobre as Atividades de Trabalho Remunerado, Desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá**. Natal: EnGPR, 2007.

NETO, A.C.; TANURE, B.; LIMA, G. S.; ANDRADE, J. O. **Executivos jovens e seniores no topo da carreira: conflitos e complementaridades**. São Paulo: Enanpad, 2009.

NOSSITER, V.; BIBERMAN, G. Projective Drawings and Metaphor: Analysis of Organizational Culture. **Journal of Managerial Psychology**, v.5, n.3, p.13-16, 1990.

OLIVEIRA, L. B; WETZEL, U. **Rumo ao Mercado de Trabalho: Percepções e Estratégias** de Jovens Estudantes de Administração. São Paulo: Enanpad, 2009.

OLIVEIRA, R. S; SILVEIRA, C. S. **O Trabalho como Representação: a visão dos jovens universitários**. Natal: EnGPR, 2007.

OLIVEIRA, S. R. Buscando o Sentido do Trabalho. In: ENCONTRO DA ANPAD, 28. Curitiba: Enanpad, 2004. Disponível em http://www.anpad.org.br/evento.php?cod_evento_edicao=8. Acesso em 18 mar. 2012.

OLIVEIRA, S. R. **Os sentidos do trabalho para dentistas filiados a Uniodonto**. Dissertação (Mestrado em Administração). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. 143p.

ONO, M.; BINDER, M. P. **Os Sentidos do Trabalho: Estudo com Profissionais de TI que atuam por Projetos na Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Enanpad, 2010.

PAULA, A. P. Entre o desencanto e a rebeldia. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.2, n.1, p.84-88, fev./abr. 2003.

da força global de trabalho. São Paulo: Pearson Education, 2001.

RUMBLESBERGER, F. **Retratos de uma nova geração: um estudo sobre a construção da noção de juventude no universo corporativo**. Tese de Mestrado. São Paulo: FGV, 2011.

SÁ, M.G.; SILVA, M. J. B; SANTOS, E. C.; SILVA, T. F.; BARBOSA, J. R. C.; LUCENA, C.B. **Por um Lugar no Mercado... ou Jovens em Luta na TV: O Que os Fazem Perder?** Rio de Janeiro: Enanpad, 2010.

SCHUMAN, H.; SCOTT, J. Generations and collective memories. **American Sociological Review**, v.54, p.359-81, 1989.

SILVA, J. R.G.; VERGARA, S. C. Análise comparativa acerca da utilização de desenhos na pesquisa sobre a criação do sentido da mudança organizacional. **Organização & Sociedade**, v.9, n.23, jan./abril, 2006.

SOUZA, A.; LAMOUNIER, B. **A classe média brasileira: Ambições, valores e projetos de sociedade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

SOUZA, J. **Os batalhadores Brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo horizonte: UFMG, 2010.

STEFANO, S. R.; NOGUEIRA, A. J. F. M. **Tendências do Trabalho Atípico no Brasil**. Salvador: Enanpad, 2006.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOLEDO, S. **Carreira e Identidade: Reflexos das Exigências Mercadológicas na Vida Pessoal e Profissional dos Jovens Executivos de Empresas Multinacionais**. Salvador: Enanpad, 2006.

TOLFO, S. R.; BAHRY, C.P. **Os Significados do Trabalho e do Emprego para Profissionais Bancários**. Natal: EnGPR, 2007.

VASCONCELOS, K. C. A.; MERHI, D. Q.; LOPES, V. M. G.; SILVA, A. R. L. **A Geração Y e Suas Âncoras de Carreira**. Curitiba: EnGPR, 2009. Disponível em http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod_edicao_subsecao=514&cod_evento_edicao=46&cod_edicao_trabalho=11229. Acesso em 25 abr. 2012.

VELOSO, E F. R.; DUTRA, J. S.; NAKATA, L. E. **Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e baby boomers**. Rio de Janeiro: Enanpad, 2008.

VINCE, R.; BROUSSINE, M. Paradox, Defense and Attachment: Accessing and Working with Emotions and Relations Underlying Organizational Change. **Organization Studies**, v.17, n.1, p.1-21, 1996.

ZUBOFF, S. **In the Age of Smart Machine – The Future of Work and Power**. New York: Basic Books, 1988.

OBRAS CONSULTADAS

ALCADIPANI, R; TONELLI, M. J. **Violência e Masculinidade nas Relações de Trabalho: Imagens do campo em pesquisa etnográfica**. São Paulo: Enanpad, 2009.

ANTONELLO, C.S. **Significado do Trabalho e Espaço Organizacional: Elementos Facilitadores de Aprendizagem nas Organizações**. Porto Alegre: Eneo, 2006.

AQUINO, C. A. B. Transformações no modelo industrial, "novos" trabalhos e nova temporalidade. **Psicologia Social**, v.19, nº especial, p.21-28, 2007.

ARAÚJO, R. R.; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v.14, n.1, p.53-66, jan./março, 2007.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AZEVEDO, M. C.; TONELLI, M. J. **Os Diferentes Vínculos de Trabalho entre Trabalhadores Qualificados Brasileiros**. São Paulo: Enanpad, 2009.

BARLEY, S.R; KUNDA, G. Bringing work back in. **Organization Science**, v.12, n.1, p.76-95, 2001.

BASSO, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. **Caderno CEDES**, v.19, n.44, p.19-32, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-32621998000100003&script=sci_arttext. Acesso em 20 abr. 2012.

BASTOS, A.V. B.; PINHO, A. P. M; COSTA, C. A. Significado do trabalho: Um estudo entre trabalhadores em organizações formais. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.6, p.20-29, 1995.

BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da Relação Sujeito-Trabalho nos Modelos Emergentes de Carreira. **RAE**, v.49, n.4, p. 387-400, out./dez. 2009.

BENDASSOLLI, P. F. **Trabalho e identidade em tempos sombrios**: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.

BISPO, D. A.; DOURADO, D. C. P.; AMORIM, M. F. C. L. **Trabalho e Subjetividade no Movimento Hip Hop**: Uma Tentativa de Compreensão a partir dos Ethos de Bendassoli (2007). Florianópolis: Eneo, 2010.

BORGES, L. As concepções do trabalho: um estudo de análise de conteúdo de dois periódicos de circulação nacional, **Revista de Administração Contemporânea**, v.3, n.3, p.81-108, set/dez, 1999.

BORGES, L. O. Os Atributos do Significado do Trabalho e sua Mensuração. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.13, n. 2, p.211-220, 1997.

BORGES, L. O; FILHO, A. A. A mensuração da motivação e do significado do trabalho. **Estudos em Psicologia**, v.6, n.2, p.177-194, 2001.

BRYANS, P.; MAVINS, S. Visual Images: a technique to surface conceptions of research and researchers. **Qualitative Research in Organizations and Management**, v.1, n.2, p.113-128, 2006.

CAMPOS, L; ANDRADE, R.; PERDOMO, R; VASCONCELLOS, L. **O Trabalho a Distância**: Prática e Desafios em Empresas Multinacionais. Rio de Janeiro: Enanpad, 2010.

CARVALHO, A. S. **Gestão de Pessoas e Envelhecimento**: Sentido do Trabalho para o Idoso. São Paulo: Enanpad, 2009.

CAVAZOTTE, F. S. C. N; LEMOS, A. F. C.; VIANA, M. D. A. **Relações de Trabalho Contemporâneas e as Novas Gerações Produtivas**: Expectativas Renovadas ou Antigos Ideais? Rio de Janeiro: Enanpad, 2010.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia Social**, v.19, nº especial, p.29-37, 2007.

DE MELLO, S.; MARÇAL, M. C.; FONSECA, F. R. Os Sentidos do Trabalho Precarizado na Metrópolis: fato e ficção! **Organizações & Sociedade**, Brasília, v.16, n.49, p.307-324, set. 2009.

DIOGO, M. F. Os sentidos do trabalho de limpeza e conservação. **Psicologia e Sociedade**, v.12, n.3, p.483-492, 2007.

DOURADO, D. C. P; HOLANDA, L. A; SILVA, M .M. M, BISPO, D.A. **Há outra possibilidade? O sentido do trabalho fora do contexto empresarial**: questões preliminares. Belo Horizonte: Eneo, 2008.

FERRAZ, D. L. S.; BIASOTTO, L. D.; TONON, L. A. **Centralidade do Trabalho no Processo de Construção da Identidade**: Um Estudo com Membros do Movimento dos Trabalhadores Desempregados. Belo Horizonte: Eneo, 2008.

FERRAZ, D.L; MENA-BARRETO, J. **Consciência de Classe, Subjetividade e Organizações**: o caso do Movimento dos Trabalhadores Desempregados. Florianópolis: Eneo, 2010.

FOSSÁ, M. I. T.; FIGHERA, J. **Comunicação e a Díade Prazer e Sofrimento no Contexto Organizacional**. Curitiba: Enanpad, 2004..

GONDIM, S. M. G.; FEITOSA, G. N.; SANTOS, I. C.N.; SÁ, M. O.; BONFIM, M. C. **Carteira de Trabalho, artigo de luxo**. Em busca de um perfil do trabalhador informal. Brasília: Enanpad, 2005.

HACKMAN, J.; OLDHAN, G. Development of job diagnostic survey. **Journal of Applied Psychology**, v.60, n.2, p.159-170, 1975.

KEARNEY, K. S.; HYLE, A. E. Drawing out Emotions: the use of participant-produced drawings in qualitative inquiry. **Qualitative Research**, v.4, n.3, p.361-382, 2004.

LIMA, C. H. P.; VIEIRA, A. **Do Sacrifício ao Sacro Ofício**: Um Modelo para a Compreensão do Significado do Trabalho. Brasília: Enanpad, 2005.

LINDZEY, G. On the Classification of Projective Techniques. **Psychological Bulletin**, v.56, n.2, p.158-168, 1959.

LOURENÇO, D. S. C.; FERREIRA, P. A.; BRITO, M. J. O Significado do Trabalho para uma Executiva: a Dimensão do Prazer. In: **ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO**. São Paulo, 2009.

LUNA, I. N. Seres humanos, trabalho e utopias. **Psicologia Social**, v.19, n^o especial, p.7-13, 2007.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; CUNHA, V. C.; AMBONI, N. **Organizações**: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. Florianópolis: Enanpad, 1990.

MADEIRA, F.; BERCOVICH, A. A onda jovem e seu impacto na população economicamente ativa masculina em São Paulo. **Revista Planejamento e Políticas Públicas**, n.8, jan./dez. 1992.

McGRATH, M. A; SHERRY, J. F.; LEVY, S. J. Giving Voice to the Gift: The Use of Projective Techniques to Recover Lost Meanings. **Journal of Consumer Psychology**, v.2, n.2, p.171-191, 1993.

PICCININI, V. C.; OLIVEIRA, C. R.; RÜBENICH, N. V. **Formal, Flexível ou Informal?** Reflexões sobre o Trabalho no Brasil. Brasília: Enanpad, 2005.

RAITZ, R.; PETERS, L. C. F. Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. **Psicologia Social**, v.20, n.3, p.408-416, 2008.

REIS, G. G.; ANTÔNIO, F. A. A.; SANTOS, A. L.; MARINHO, B. L. Os Valores dos Administradores de Empresas Mudam ao Longo da Carreira? Relações entre Prioridades Axiológicas e Tempo de Formado. Curitiba: EnGPR, 2009.

RIFKIN, J. **O Fim dos Empregos**: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. São Paulo: Pearson Education, 2001.

SANTOS, H. B. **Economia de Comunhão como uma nova forma de Gestão**: Impactos no Sentido do Trabalho. Rio de Janeiro: Enanpad, 2007.

SARSUR, A. M.; CANÇADO, V.L.; FERNANDES, M. E ; STEUER, R. S. **Repensando as Relações de Trabalho**: Novos Desafios Frente aos Múltiplos Vínculos de Trabalho. Salvador: Enanpad, 2002.

SILVA, G. A.; LIMA, W. D. **Empresas flexíveis, vínculos de trabalho e contrato psicológico**: questões abertas aos estudos organizacionais. Florianópolis: Eneo, 2010.

SOARES, D. C.; VIEIRA, A. **O Sentido do Trabalho e a (Re)Construção das Identidades**: um Estudo de Caso em uma Empresa de Telefonia Celular. São Paulo: Enanpad, 2009.

SOUZA, W. J.; CARVALHO, V. D. **Elementos do Comportamento Organizacional no Trabalho Voluntário**: Motivação na Pastoral da Criança à Luz da Teoria da Expectância. Salvador: Enanpad, 2006.

STILES, D. Pictorial Representation. In: CASSELL, C.; SYMON, G. (ed.) **Essential Guide to Qualitative Methods in Organizational Research**. London: Sage Publications, 2004.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2000.

TIEPPO, C. E. S.SALA, O. T. M.; TREVISAN, L. N. **Seriam as Âncoras de Carreira Aderente às Carreiras Inteligentes?** Um Estudo Comparativo entre Alunos Formandos de um curso de Administração de Empresas e de Hotelaria e Turismo . Rio de Janeiro: Enanpad, 2010.

TOLEDO, D. A. C.; GUERRA, A. C. **Um Estudo Sobre o Prazer no Trabalho**: Pensando Dimensões de Análise. São Paulo: Enanpad, 2009.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v.19, 2007.

VASCONCELOS, A. F. Felicidade no ambiente de trabalho: exame e proposição de algumas variáveis críticas. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v.10, n.1, p.1-18, jan./fev. 2004.